A TERRA LIVRE (JORNAL) – Anno I – Números 1 a 7

CADERNOS DO
GRUPO DE ESTUDOS
DE HISTÓRIA SOCIAL
vol 2 – n 9
2018

Junho 2018

São Paulo-SP

O GRUPO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA SOCIAL é a divisão de pesquisa e publicações do CÍRCULO ALFA DE ESTUDOS HISTÓRICOS : associação sem fins lucrativos fundada em São Paulo em 1986 com a finalidade de incentivar o estudo do desenvolvimento histórico das sociedades e das culturas, de promover a compreensão das obras e atividades humanas em suas relações com o meio social.

O GRUPO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA SOCIAL reúne pesquisadores e especialistas da história da formação social brasileira, da história do movimento operário e dos temas da modernidade e da cultura contemporânea.

contato: gehistoriasocial@gmail.com

blog: www.gehistoriasocial.blogspot.com.br

Sobre o jornal A Terra Livre:

"Jornal anarquista fundado na cidade de São Paulo em 30 novembro de 1905 pelo português Neno Vasco, com a colaboração do brasileiro Edgard Leuenroth e do espanhol Manuel Moscoso, com o objetivo de organizar os operários brasileiros. Foi extinto em 1910.

Em seu número de lançamento, o jornal afirmava ser um órgão de "anarquistas e socialistas", evidenciando em seus exemplares posteriores uma tendência pró-sindicalista. No entanto, A Terra Livre não dedicou espaço somente às questões sindicais ou à organização dos trabalhadores, disseminando, por exemplo, campanhas de solidariedade internacional. Uma dessas campanhas aconteceu no ano de 1906 e visou a ajudar financeiramente anarquistas e socialistas perseguidos pelo regime czarista russo. Nessa ocasião, Neno Vasco recebeu (e publicou) uma carta que o anarquista Pedro Kropotkin lhe enviou em agradecimento à ajuda.

O jornal foi publicado em São Paulo com periodicidade quinzenal até 8 de junho 1907, quando a redação foi transferida para o Rio de Janeiro. Em sua fase carioca, continuou sob a direção de Neno Vasco, mas sob a administração do anarquista José Romero, até junho de 1908. Desde então, passou a ser novamente editado em São Paulo, e assim permaneceu até maio de 1910. Nesse ano, após a implantação do regime republicano em Portugal, Neno Vasco regressou a seu país de origem, e A Terra Livre deixou de circular."

Autora: Carolina Vianna Dantas, disponível em:

http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TERRA%20LIVRE,%20A.pdf

Para uma extensa pesquisa e historiografia de Neno Vasco, fundador de A Terra Livre, recomendamos o excelente artigo de Alexandre Samis, *"Contra limites e fronteiras: Neno Vasco e o anarquismo em dois continentes"*, publicado no periódico Navegar, vol 3, no 4, Jan-Jun 2017, pp. 10 a 38, disponível em:

http://www.labimi.uerj.br/navegar/edicoes/04/4_DOSSIE_1.pdf

Sumário

A Terra Livre, São Paulo, 30 de Dezembro de 1905, Anno I, Número 1.

a Terra livre

O homem livre sobre a terra livre. — Goethe

ANNO I — SÃO PAULO (BRASIL) — SABADO, [illegible] DE DEZEMBRO DE 1905 — NÚMERO 1

EXPEDIENTE

[illegible]

GENERALIDADES

[illegible]

Tomamos o nome de anarquistas ou libertarios, porque somos inimigos do Estado, isto é, do conjunto de instituições politicas que têm por fim impor, a todos, os seus interesses e a sua vontade, mascarada ou não com a vontade popular.

O Governo (poder executivo, legislativo e judicial), sob o pretexto de cuidar dos interesses geraes, não faz mais do que defender a classe economicamente forte que o [illegible] e o escolhe.

A sua justiça é uma justiça burguesa: o juiz só condena o fraco, o pobre, só com este o carcereiro é rigoroso. A sua policia é a guarda do cofre forte. O seu patriotismo é o dos banqueiros e dos grandes exportadores. Os seus serviços publicos são especialmente para os ricos e servem sobretudo para gratificar os amigos e defensores.

Uma boa parte do imposto — pago pelos produtores: os trabalhadores — destina-o o governo á sua propria defesa, á conservação no poder, da sua contraria, comprando complices, dispensando empregos, sinecuras e subsidios.

Classe privilegiada elle proprio, no caso de subsistir depois de suprimida a classe burguesa, a necessidade de conservação o levaria a restabelecer o privilegio, para criar um partido seu, interessado em o sustentar.

Emprega uma boa parte das forças sociaes em se defender, em reprimir os protestos e revoltas, em refrear as iniciativas, não cedendo liberdades senão a contra-gosto, quando quer salvar o principal, ou quando os governados as tomam e usam sem pedir licença; e nada produz, nem promove, partindo a [illegible] que usam da porção de liberdade que o governo não póde sufocar.

Proclamando-se, apesar de tudo, indispensavel, induz os individuos a esperarem tudo da Lei, da Providencia-Estado, a abandonarem a iniciativa e a associação livre.

Somos, pois, anarquistas, porque queremos uma sociedade sem governo, uma organização politica livre, indo do individuo ao grupo, do grupo á federação e á confederação, com desprezo de barreiras e fronteiras, sendo a associação baseada sobre o livre acordo e naturalmente determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, ideias e sentimentos dos individuos. É para nós essa a organização politica correspondente ao socialismo: a anarquia é o vaso que póde conter e garantir a igualdade de condições economicas.

Concepção integral do socialismo anarquista tem um metodo proprio de acção, baseado sobre a livre iniciativa e a solidariedade.

Os «poderes publicos» cedem apenas as liberdades que são tomadas. A lei é inutil, quando não é nociva; fica letra morta, quando regista uma liberdade, se o povo não a defende e usa. Repudiamos, pois, a acção eleitoral e parlamentar, que só serve para reforçar o Estado, dar prestigio ás velhas instituições autoritarias e adormecer as energias populares. O nosso metodo é a acção directa que desde já, ainda na conquista de pequenos melhoramentos actuaes, tende a despertar a iniciativa e a coragem, leva a agir por conta propria, a unir-se, ensina a viver sem tutela.

A nossa tarefa mais urgente é a organização, no campo economico e politico, e a propaganda oral e escrita, a luta contra a ignorancia. Além desses meios de acção directa, preconizamos a greve, a boicotagem, a sabotagem, a agitação da praça, o comicio, a greve geral, e por fim a insurreição e a expropriação a que os oprimidos e espoliados devem recorrer, se a isso levados pela necessidade e pela consciencia da propria força.

Tomamos parte activa no movimento operario. O isolamento levar-nos-ia á esterilidade, ou reduziria o anarquismo a um simples movimento politico, da extrema liberal, a um torneio filosofico de dilettantes em passeio pelos campos floridos da teoria.

Dentro das sociedades operarias de resistencia, de que fazemos parte como trabalhadores com interesses identicos aos dos outros, defendemos o abstencionismo eleitoral, a neutralidade da associação na politica parlamentar. Fóra desta, ha largo campo de acção, de comum acordo, sem distinção de partidos. E assim como a sociedade de resistencia neutral em materia religiosa, não deixa de combater as uniões de fura-greves catolicos e os padres que se põem do lado dos patrões, assim tambem, embora neutral em eleições, não deixa de lutar contra as prepotencias do poder politico. É preciso não confundir a luta dum partido com a luta de classe.

A organização operaria

Defensores de elevados idealismos combatem a «organização». É muitas vezes pura questão de palavras, porque na pratica todos quantos vivemos somos organizadores... A associação identifica-se com a organização; a união pura e simples já a supõe. Unidades que trabalham em sentido diverso, que não se coordenam, que não se combinam, [illegible]

O sindicalismo em França

POLITICA E PARLAMENTARISMO

Tive ocasião, no congresso corporativo de Bourges, de exprimir como os sindicalistas-revolucionarios concebem o *sindicalismo*. Demonstrei summariamente que o ideal de transformação economica que proseguimos, comporta fatalmente, para a sua realização, uma transformação politica correspondente. Concluia dizendo que, tanto em nossa acção quotidiana como para os fins revolucionarios que são nosso ideal, quer queiramos quer não, fazemos obra ao mesmo tempo politica e econonmica. Mas apressava-me a ajuntar: Não fazemos parlamentarismo — não se confunda *politica* com *parlamentarismo*: — a politica que fazemos reveste caracter essencialmente social e, portanto, não é susceptivel de nos dividir e de desagregar os nossos organismos economicos como sempre fez e ainda faria a politica eleitoral, se não a tivessem eliminado dos nossos agrupamentos corporativos e deixado á iniciativa dos grupos de estudos especialmente destinados para esse efeito.

Como se sabe, esta concepção do «sindicalismo-revolucionario» nunca foi compartilhada pelos diversos partidos socialistas que existem no país; só os aderentes do antigo Partido Socialista Revolucionario faziam excepção. Estes, com efeito, e contrariamente aos adeptos das outras escolas, consideravam «que a acção sindical não devia confundir-se com a acção politica, mas pelo contrário manter-se rigorosamente sobre o terreno puramente economico».

Como nós, esses companheiros viam que, ao contrário dos grupos politicos ou de estudos sociaes que apenas podem aglomerar um número relativamente limitado de aderentes (pois são grupos de afinidade), os sindicatos — se desejavam tornar-se fortes — estavam na obrigação de recrutar os trabalhadores de ideias e de concepções heterogeneas sob o ponto de vista politico e filosofico, mas homogeneas no que diz respeito a seus interesses economicos.

Era de prever que fundados sobre similhantes bases, iam os sindicatos tomar um vôo cada vez mais rapido e consideravel. Foi o que aconteceu.

Mas se nestes ultimos annos a organização economica tomou tanta extensão, foi porque se baniu do seu seio toda discussão relativa a politica eleitoral, apesar dos conselhos reiterados e interessados de muitos *leaders* socialistas.

Quantas vezes Jaurès, Guesde e outros nos criticaram quando apontavamos aos camaradas o perigo de seguir os conselhos dos que procuravam levar-nos á acção eleitoral, tentando igualmente incorporar-nos no partido socialista!

Quantas vezes tambem nos vimos nós obrigados a rebater os louvores dispensados ás Trade-Unions inglesas, que nos citavam como exemplo, porque fazem parlamentarismo!

E todavia ha grande diferença entre a tactica das Trade-Unions inglesas e a participação no movimento socialista que nos era aconselhada! As Trade-Unions apoiam, sem distinção de opinião, os candidatos que, em troca, lhes prometem concurso; ou então, mais recentemente, esboçou-se um novo modo: apresentar candidatos especiaes...

Uma dessas soluções teriamos escolhido se, logicos com os que nos gabavam a tactica inglesa, tivessemos seguido os seus conselhos; mas não lhes teriamos cumprido os desejos, que eram

[illegible] a tomar parte em seu movimento politico-socialista!

Guiados por conceitos superiores, não recaimos nos erros do passado e hoje só temos de que nos felicitarmos! O movimento sindicalista ganha cada vez mais força.

E depois, devemos dizê-lo: nem todos os trabalhadores são eleitores, muito longe disso! Muitos tambem, e estão no seu direito, tendo apenas uma confiança muito relativa no parlamentarismo, abstêm-se de tomar parte nas eleições, contando só com a greve geral revolucionaria para sua emancipação.

Ora como todos, partidarios do voto, abstencionistas voluntarios e abstencionistas involuntarios, sofrem dos mesmos males, têm interesses identicos a reivindicar e defender, e como finalmente têm que combater um inimigo comum, quem não vê os perigos da incorporação em bloco, num partido socialista, desses elementos heterogeneos?

É um problema que, dominados por suas preocupações, nunca tinham procurado aprofundar e resolver os partidarios da politica eleitoral e parlamentar nas sociedades de resistencia.

JOÃO LATAPIE

Factos da actualidade

A JUSTIÇA! — Dois factos, não excepcionaes, mas um pouco mais escandalosos que os outros, vieram, nestes ultimos dias, mostrar uma vez mais a podridão da chamada Justiça — a que condenou Angelo Longaretti.

Um advogado, com a modica quantia de 1:400$ (Rs. 200$000 por cabeça) tratou de comprar 7 jurados, um dos quaes distribuidor da maquia, afim de obter a absolvição dum assassino. Um dos jurados fez escandalo, e chegou a haver pugilato.

O outro facto é contado pelo «Correio da Manhã», que acusa o presidente do Supremo Tribunal Federal de haver [illegible] ou mandado falsificar o texto [illegible] sentença, intercalando-lhe palavras que importavam a condenação duma das partes ao pagamento de 40 contos de juros.»

A «Justiça» defende e serve a classe possuidora e governante; mas faz como todos os servos: defende tambem — e principalmente — os interesses proprios.

*

PIEDOSA MISSÃO. — Com este titulo, diz um jornal de Santos que M.r Victor da Soledade, obedecendo a ordens do bispado, fez, em companhia de missionarios, uma excursão ás praias da Bertioga, afim de *legitimar* as uniões de moradores daquelle logar, que viviam em mancebia ha *doze, dezoito, trinta e trinta e cinco annos*.

Os casamentos realizados foram só de adultos que conviviam maritalmente. O padre não atendeu a muitos outros, dizendo-lhes que se habilitassem perante a lei civil.

Aquelles casaes viviam unidos pelos naturaes laços do amor (e talvez pela necessidade), havia muitos annos, não sentindo a falta da lei civil e do sacramento (espurio, dizem) do matrimonio.

Mas era uma vida immoral... Imaginem que este escandalo se propagava, abalando a influencia moral da Igreja e do Estado, que em tudo querem meter a pata, e sobretudo prejudicando-lhes os interesses materiaes!

E vejam como a Igreja zela os interesses da «lei civil»... Respeito á lei, á autoridade, meus irmãos em Cristo!

*

A DOENÇA DA MISERIA. — Do Rio:

Augmenta, por uma forma assustadora, a tuberculose, nesta capital, atribuindo-se o grande desinvolvimento da terrivel infermidade á poeira.

Os medicos dizem que o facto dos açougues serem fechados durante a noite com um gradil de ferro apenas facilita a entrada do pó, o qual vai adherir ás carnes que estão dependuradas nos ganchos daquelles estabelecimentos.

Na opinião dos medicos isso concorre poderosamente para o desenvolvimento da tisica, agravado o caso com o calor senegalesco que tem feito, a pouca ou nenhuma irrigação de ruas, [illegible] lições continuas de predios, sem a [illegible] observação de medidas preventivas [illegible]

É certo que, neste caso, se trata de buscar apenas as causas dum aumento; mas tambem é certo que os praticantes da medicina, que têm interesses ligados a esta organização social, quasi sempre esquecem as causas principaes da tuberculose: mau alojamento, má alimentação, excesso de trabalho...

ANNO NOVO

Anno novo, vida nova, diz um proverbio popular, e é realmente interessante como a ingenuidade do povo delle se compenetra ao ponto de julgar que com o inicio de um novo anno, a sua situação mudará, que os males que o affligem no presente cessarão, e que com o primeiro dia dos 365 a decorrer, a vida se tornará para elle um mar de rosas.

Os jornalões diarios publicam sempre no dia primeiro do anno um balanço de todos os males que fizeram sofrer a patria e o povo, e terminam desejando que com o novo anno comece para «a nossa querida patria, tão merecedora de melhor sorte, uma era de felicidades» Os jornaes caricatos enchem as suas paginas de figuras quasi sempre representando um velho estropeado — o anno velho — com uma enorme bagagem ás costas, com a nota dos principaes factos ocorridos durante o anno, caminhando para um abismo; e do outro lado, surgindo por entre raios de luz um rechonchudo menino, todo saude, que representa o anno novo, prometedor de alegrias e felicidades.

Os empregados do Correio, coitados, não têm mãos a medir para dar conta da expedição dos cartões de «boas festas», portadores da expressão de tudo quanto se pode desejar de bom [illegible] pessoa.

E chega a provocar [illegible] [illegible] popular, quando [illegible] os cafés, chops e casas de [illegible] conservarem-se a noite toda abertos, sempre repletos de povo; as ruas e praças com um movimento exraordinario. E tudo porquê? Porque naquella noite fecha-se o ciclo dos dias que o convencionalismo chamou anno. Aquella gente toda espera que com o soar das 12 horas terminará para ella toda sorte de mal-estar.

Na situação actual, desejar aos que trabalham, com o começo dum novo anno, composto de dias iguaes aos demais, felicidades, bem-estar, é desejar bom apetite a quem está para arrebentar de fome e sem um pedaço de pão para a saciar.

Desejamos, é verdade, não só hoje como todos os dias, em todos os momentos e onde quer que estejamos, que o povo, esse povo trabalhador que tudo produz e nada goza, se instrua, crie uma consciencia necessaria para comprehender que não deve esperar do tempo as comodidades a que tem direito, mas lutar e sempre para as conquistar. E não só o desejamos, mas agiremos sempre, e o melhor possivel, para que tal fim seja alcançado.

Não será com o terminar dum anno e o entrar de outro igual que conseguiremos a nossa liberdade. Nós, os trabalhadores, teremos tambem o nosso «anno bom», as nossas «boas festas», mas só depois e á custa de muita luta, — e quem sabe quando!

Trabalhadores, como vós poderemos desejar dias felizes, quando estais sujeitos aos possuidores das fabricas, dos campos, de todos os meios de produção? Sereis felizes, mas sómente quando na Terra não existirem ricos e pobres, quando o homem não estiver sujeito ao homem. Para conseguirmos essa felicidade, devemos lutar constantemente contra a actual organização social, causa de tantos males.

Trabalhemos, pois, para a conquista do nosso anno bom — a revolução social.

Do Brasil proletario

RIO DE JANEIRO

Companheiros:

Apesar de ser muito limitada a actividade dos anarquistas do Rio, o pouco que se faz não deixa por isso de ser objecto de aprehensão para os interessados em que o operariado continúe, como até aqui, servindo de escada ás suas mais vis ambições, ou se deixe mansamente explorar para honra e gloria dos fartos.

Elles sabem quanto pode prejudicar os seus mesquinhos interesses e ambições o desinvolvimento da nossa propaganda. Sabem que com a nossa critica baseada nos factos e na livre discussão, não se poderão impunemente cometer, em nome de ideaes que devem significar emancipação verdadeira, as inconsequencias mistificadoras que até aqui têm cometido. Sabem que em reuniões publicas por elles mesmos organizadas, lhes sabemos atirar á face, com franqueza, que não se póde dizer socialista e que mistifica o ideal aquelle que em seu nome conquista adeptos e logo toma parte num movimento revolucionario cujo fim era a implantação duma dictadura militar. Que não póde chamar-se partidario da emancipação dos operarios, quem trabalha para um partido eminentemente burguês, como o prova o facto de estar chefiado por Lauro Sodré, Barbosa Lima e outros politicos e militaristas da mesma raça.

Elles sabem bem que com a nossa critica se tornará mais dificil continuar a viver á custa dos cegos trabalhadores, assim como, á medida que as nossas doutrinas se difundam, os trabalhadores deixarão de ser tolos e de permitir que ambiciosos e pretenciosos presidentes de partidos operarios — embora chamados independentes — possam permitir-se o luxo de publicar nos jornaes diarios as mais repugnantes autobiografias.

E é por isso que quando os libertarios, embora só na aparencia, parecem entrar em periodos de actividade, os taes *interessados* põem sempre em pratica alguma das suas boas acções com o intuito de reter, ou ao menos retardar, a propaganda das nossas ideias. E para isto qualquer meio lhes serve.

Quando em qualquer reunião nos atrevemos a confutar as suas — chamemo-las assim — doutrinas e inconsequente modo de proceder, embora o nosso adversario seja todo um doutor ou deputado ou mesmo senador, o mais que sabem dizer é que somos uns malcriados, ou senão apontam-nos como policias. Os do Centro das Classes Operarias assim se manifestaram em uma ocasião em que lá fizemos uso da palavra.

E para dar maior valor ás minhas asserções, ahi vai um facto que poderá servir tambem de resposta á vossa carta, onde me perguntais qual poderia ser a fonte em que os jornaes daqui beberam a noticia que ha dias o telegrafo vos transmitiu.

A sociedade «União Operaria do Engenho de Dentro» (vulgo Pinto Machado) anunciou uma conferencia na sua séde. O tema era: *Casas para a classe pobre*. Orador, um senador, certo Snr. Tomás Delfino que, de acordo com seu modo de ver, depois de falar sobre a precaria situação da classe pobre, com referencia ás habitações, como meio de salvação, aconselhou aos trabalhadores a constituição de cooperativas para a construção de casas proprias, prometendo que por sua vez apresentaria ao senado um projecto de lei para que fosse concedida pelo governo isenção de imposto aos materiaes de importação, para as ditas cooperativas.

O nosso companheiro U. Martins, que se achava presente, pediu a palavra e, sendo-lhe concedida, disse — palavra mais, palavra menos — o seguinte: Que o problema das habitações para a classe pobre, assim como todos os outros que constituem o grande mal de que a mesma classe sofre em todos os paizes, era demasiado complexo para poder ser resolvido por meio de leis e que, quanto ás cooperativas, além de não crer na sua eficacia, não as considerava factiveis pois tendo em conta que os trabalhadores mal ganham para o sustento diario, dificilmente poderiam distrair dinheiro para este fim. Demonstrou com solida argumentação que o problema da miseria, que é afinal a causa principal dos males que affligem a classe trabalhadora, é muito mais profundo do que a generalidade pensa e que unicamente pela acção constante, directa e revolucionaria dos interessados, poderá resolver-se e isto mudando o regime capitalista em que vivemos por outro d'onde desapareçam o dono e o servo, o rico e o pobre, e em que a humanidade, tendo por base a igualdade economica e politica, não constitua senão uma unica e grande familia.

Isto foi o suficiente para que o pseudo-socialista e, segundo a oportunidade, até anarquista, Pinto Machado, se julgasse no dever de protestar e pedir — e isto com as maneiras e frases mais humilhantes — mil desculpas ao Snr. senador pelas ofensas (?!) proferidas contra o mesmo Snr. pelo nosso companheiro. É bom dizer que o referido senador declarou que em nada se achava ofendido desde que nenhuma ofensa tinha recebido do nosso camarada, reconhecendo, embora não estando de acordo com as suas conclusões, que elle se tinha limitado a expor ideias sem ofender a ninguem. Não o julgou assim o pretencioso presidente e continuou a pedir desculpas, declarando que desde aquelle instante ao camarada Ulisses não lhe seria concedida a palavra na S. O. do Engenho de Dentro. No dia seguinte, em nome da directoria da mesma (que não é senão o tal Pinto Machado) fez igual declaração pelos jornaes acrescentando que [illegible] seria permitido [illegible] as instituições [illegible]

[illegible] mesmos jornaes [illegible] noticia [illegible] a respeito dos anarquistas [illegible] e logo após foi publicada tambem uma carta, firmada com pseudonimo mas que não deixa duvidas sobre a sua procedencia, carta que, justificando a noticia em questão, diz que effectivamente a sociedade do Engenho de Dentro se viu obrigada a expulsar da sua séde varios anarquistas que ahi iam pregar ideias dissolventes e incendiarias.

Temos ou não razão de dizer que o tal Pinto Machado deve saber alguma coisa sobre a origem dessas noticias?

Mas, saibam-no todos os interessados, as suas artimanhas e velhacarias não impedirão que os anarquistas do Rio, como fazem os dos outros paises, continuem na sua obra, desmascarando a todos os politicantes e farçantes.

*

Esteve uns dias aqui o prof. Piccarolo, então director do *Avanti* dessa cidade.

Na primeira das suas duas conferencias, concorridas por pessoas invisiveis nas outras ocasiões e que só aparecem para ouvir *il dolce idioma del Dante*, como bons internacionalistas que são, alguns companheiros nossos tomaram a palavra sobre certos pontos. Tanto bastou para que elle para alli mandasse dizer que eram inconscientes!

E depois das informações que lhe dei, não devia, querendo ser leal e justo, censurar só o elemento que compunha a Federação Operaria que, apesar dos seus defeitos, é a instituição que tem dado mais provas de consciencia de classe. Não observou no Rio mais nada digno da sua critica?

L. MAGRASSI.

CAMPINAS

Companheiros:

Quando abandonaram o trabalho os operarios pintores da C.ª Mo[illegible] suspenso o contramestre João [illegible] d'aqui e os dessa cidade, [illegible] se tinha declarado em greve [illegible] da repartição [illegible]

[illegible] daquella companhia. Os grevistas (se não todos, alguns delles) ficaram com medo quando leram tal noticia, e foram logo ás redacções dos jornaes locaes dizer que não tinham feito greve e portanto pediam fosse rectificada a noticia. No dia seguinte os jornaes d'aqui desmentiam a greve.

Falando eu a tal respeito com um dos operarios pintores que abandonaram o trabalho, disse-me que effectivamente não se tinham declarado em greve, e que o caso se deu da seguinte forma: — Quando voltámos — diz elle — ao trabalho depois do almoço, um companheiro disse a todos nós, que o contramestre tinha sido suspenso e que deviamos largar o trabalho todos e ir pedir ou exigir dos nossos superiores a readmissão do mesmo; acto continuo parámos todos o trabalho, e fomos em massa ao escriptorio do Snr. Antonio Pinheiro, ajudante do chefe da locomoção, e este, depois de ouvir os 4 companheiros que formavam a commissão, disse que não podia fazer nada, e que estavamos todos suspensos!

— Se assim é, isto é, se fostes obrigados a deixar de continuar no trabalho por ordem *superior* e não por vossa espontanea vontade, — objectei — claro está que não fizestes greve; mas e se não vos houvessem suspendido, nem houvesse sido attendida a vossa reclamação, que farieis então?

— Não voltar ao trabalho até que o nosso companheiro suspenso fosse readmittido.

Vê-se pelo exposto, que os operarios pintores estavam dispostos a não trabalhar em quanto não fosse readmittido o companheiro suspenso, e por conseguinte, dispostos á greve... que poderia ser de funestos resultados para estes queridos companheiros, visto não estarem associados nem serem apoiados pelos demais companheiros das outras repartições da mesma companhia.

Mas, desde o momento que todos em massa largaram o trabalho e foram exigir a readmissão do companheiro suspenso, já fizeram greve; portanto não tinham por que alarmar-se com o publicado nos jornaes. Agora resultou que o mestre da mesma repartição, Snr. Camillo Stuk, foi destituido do seu cargo, por causa da tal greve... e deram-lhe outro logar, fóra da pintura, onde percebe bem menos ordenado, sob pretexto de que elle não tem energia para escravizar quem trabalha com elle, não servindo assim para chefe duma repartição que precisa severidade, e que pela sua inaptidão, se [illegible] os operarios sob suas ordens.

Camillo Stuk preferiu sair da C.ª a soffrer essa imposição brutal e, com elle, mais 3 operarios por solidariedade... com seu mestre. E os demais companheiros, inclusive o contramestre, ficaram trabalhando.

Não me parece correcto este proceder dos companheiros: ficaram trabalhando vendo o mestre sair por ser solidario e por causa delles, pois todos o estimam muito, e quando seus subordinados largaram o trabalho fez-se solidario e largou-o tambem; portanto, se houve solidariedade para exigir a readmissão do contramestre, devia ter havido mesmo com o mestre; não deviam consentir que fosse rebaixado e posto para fóra da repartição, pois estava claro que era para o substituir por outro mais brutal. Ou todos ou nenhum, isto é, um por todos e todos por um: esta deve ser a nossa divisa.

Mas é que ficaram com medo de Antonio Pinheiro que disse que iam ser todos despedidos, visto haver muitos por ahi do mesmo officio querendo trabalhar.

Pois o estais vendo, companheiros, trabalhadores todos: os patrões só querem chefes, mestres ou feitores que sejam como elles, uns verdadeiros carrascos com os trabalhadores; quanto mais fizerem trabalhar os operarios, e mais os maltratem, mais queridos são dos patrões, porque assim estes verão aumentar o seu capital com o suor dos escravos, que com os maus tratos que recebem e o servilismo a que se submetem, ficam acostumados á resignação, e com os cérebros atrofiados como consequencia.

Chefes e feitores um tanto complacentes e humanitarios com os trabalhadores, ha poucos, e esses poucos, como Camilo Stuk, não agradam aos patrões. De onde se conclue, que urge libertarmo-nos de todo o jugo patronal, de toda autoridade e de tudo quanto possa coarctar a nossa vontade e liberdade de agir.

Unamo-nos todos os que sofremos as infamias, opressões e miserias que encerra a actual organisação social, para que, estreitando os laços de solidariedade com todos os nossos companheiros de aquem e além mar, possamos gozar dos nossos direitos tão vilmente conspurcados, e sepultar para sempre todas as calamidades deste maldito regime actual que a burguesia, ainda depois do *seculo das luzes*, teima em querer sustentar.

Associemo-nos todos!

No domingo, 17 do corrente, ficou constituida a «Liga Operaria de Campinas», da qual podem fazer parte todos os trabalhadores, sem distincção de crença, cor ou nacionalidade. A união faz a força, e só unidos seremos fortes.

Contribuamos com o nosso auxilio intelectual e pecuniario para a manutenção da *Terra livre* porque se ocupará com amor da questão operaria, sob todos os aspectos, e isto muito util nos será.

Nesta cidade já existem 3 sociedades operarias: A «União dos Trabalhadores Graficos», «Liga Operaria de Campinas» e «Centro de Estudos Sociaes».

Queiram os trabalhadores, e estas 3 sociedades progredirão até chegar a impor-se á burguesia.

Por ultimo um conselho aos operarios pintores da C.ª Mogiana: a solidariedade que demonstrastes com vosso contramestre, é digna de aplauso, mas não vos esqueçais de observar a mesma conducta com qualquer outro companheiro de *menor* categoria quando as circunstancias o exigirem, porque do contrario merecereis ser rudemente censurados.

E, para terminar, saúdo a todos os operarios do mundo inteiro, desejando-lhes

Saúde, R. S. e A.

Campinas, 20—11—905. — F. R. Abolafio

Esboça-se em Campinas um movimento operario sindicalista bastante prometedor.

A primeira classe organizada foi a dos graficos, após uma excursão de colegas paulistas a Campinas, em agosto passado. A nova sociedade entrou logo em luta, obtendo uma pequena redução do arbitrio patronal.

Recentemente, aproveitando a greve da Companhia Mogiana, a *União dos Trabalhadores Graficos* de Campinas tratou de demonstrar aos grevistas a necessidade da união dos operarios em sociedades de resistencia ou sindicatos para defesa dos seus direitos. Com o concurso duma commissão de mecanicos, enviou listas para inscrição de nomes ás oficinas ferroviarias e a todos os mecanicos, convidando os operarios para uma reunião, que se realizou domingo, 17 do corrente.

As listas foram devolvidas com cêrca de 300 assinaturas, e a reunião foi muito concorrida, assistindo representantes da União dos graficos de S. Paulo, da Federação Operaria e redactores da *Terra livre*.

Notava-se grande entusiasmo na assembleia, sendo animada e cordial a discussão, em que tomaram parte muitos dos assistentes. Alguns, como Chiodi e Roldão, expuseram as vantagens da união e a nossa concepção do sindicalismo.

Por fim, ficou constituida a *Liga Operaria de Campinas*, de oficios varios, sendo a commissão executiva formada por Manuel J. de Abreu, Alfredo Seiffer, Adolfo Bruno, Carlos Berling, Manuel Forte, e a commissão elaboradora dos estatutos por Jaime Offmann, Jaime Moreira, José Fernandes, Antonio Prado, e outro cujo nome nos falta.

Ficou ainda decidido irem no mesmo dia dois grupos de operarios, um de Campinas, outro de S. Paulo, fazer uma excursão de propaganda a Jundiahy. O dia será fixado.

*

No dia 26 de novembro, fundou-se um «Centro de Estudos sociaes», que tem por fim a propaganda libertaria e sindicalista, o estudo e o ensino mutuo. O Centro deseja relacionar-se com os grupos e sociedades operarias.

Toda a correspondencia a Evaristo R. Fernandes, rua Andrade Neves, 99 — Campinas.

SOROCABA

Creio de grande utilidade neste momento chamar a atenção dos operarios teceloes para a situação dos seus companheiros de Sorocaba, para que nenhum venha para aqui.

Com a grande abundancia de operarios estão as fábricas impossiveis, pelos abusos patronaes. O trabalho obtem-se muito dificilmente; e pela mais insignificante causa o operario vai para a rua, sabendo os patrões que á porta da fábrica ha muita carne proletaria pronta para se deixar explorar. Muitas vezes os operarios despedidos não podem saír de Sorocaba por falta de recursos, tendo que recorrer á venda do pouco que têm e frequentemente á solidariedade.

Nas fábricas de Sorocaba o dia de trabalho é de 14 a 15 horas e, em quasi todas, o maximo do salario com quatro teares, é de 70 a 80 mil reis mensaes! A maior parte deste dinheiro, ás vezes todo, fica nas fábricas, porque quasi todas têm venda propria, da qual os operarios, por falta de recursos, se acham obrigados a fornecer-se, embora os generos sejam mais caros e de peor qualidade, sendo a despesa descontada ao salario.

A desocupação é grande.

Sería bem necessaria uma campanha contra tanta infamia.

ANTONIO ESCAÑO

Agradeceremos sinceramente todas as informações de acordo com o caracter do jornal. Mas, devido á falta de espaço, pedimos a todos os correspondentes a maior brevidade possivel: a narração singela dos factos, com um ou outro comentario a proposito, se quiserem, mas nunca divagações ou considerações de ordem geral, que só poderão servir para artigo á parte. A REDACÇÃO

Angelo Longaretti

Uma prova evidente do mal que nos têm acarretado as condenaveis questões pessoaes está nos factos que interessam a liberdade deste altivo e honrado moço, que arruina o seu combalido organismo no carcere do Rio Claro, por ter sabido repelir com energia uma prepotencia patronal.

Quando foi do processo de Longaretti os operarios souberam demonstrar quanto vale a solidariedade entre os que trabalham, já concorrendo com quantias que serviram para o seu custeio, já agitando-se no sentido de interessar a opinião publica em favor daquella victima do dominio da burguesia bestial.

Foi nomeada uma comissão com a incumbencia de acompanhar o processo e agir por todos os meios para vêr se se conseguia arrancar da prisão quem tão alto tinha sabido manter a dignidade dos seus.

Obteve-se para Longaretti mais de um julgamento, e, devido aos maus resultados destes, apelou-se para o Supremo Tribunal Federal; e, graças á incuria dos componentes da comissão que por disporem de todas as comodidades, deixaram-se ficar no *dolce far niente*, ou perderam-se em questões pessoaes, lá dormem, nas poeirentas prateleiras daquelle tribunal, os papeis do processo, e, no carcere rio-clarense, consome o seu fisico o moço digno de toda a dedicação por parte dos que se consideram partidarios da solidariedade humana.

Ha pouco Longaretti escreveu ao *Avanti!* fazendo-lhe vêr que por sentir-se consumir na prisão e tendo perdido a esperança da revisão do seu processo, por ter a comissão abandonado a sua causa, estava resolvido a pedir que lhe fosse perdoado o resto da pena.

O *Avanti!* publicou alguma cousa um tanto aspera a respeito da comissão e esta, apesar disto, não deu sinal de si.

O *Circulo Socialista Internacional de S. Paulo* convocou uma assembleia geral em cuja ordem do dia figurava a questão Longaretti.

Julgam os companheiros que nella essa questão foi discutida? que foram apresentados os melhores meios para se conseguir a liberdade daquelle moço? Não, o tempo foi pouco para a troca de palavras pouco lisonjeiras para quem as ouvia; a assembleia dissolveu-se na maior confusão, quando foram iniciadas as discussões sobre a conducta de individuos inscritos no partido, assunto este de quasi todas as assembleias que se realizaram ultimamente entre os socialistas de S. Paulo.

Continuando agora pela imprensa o bello espectaculo que oferecem ao público os socialistas, entre os quaes está como um dos mais interessados um dos membros da comissão, e, sendo o outro membro o que mais se está regalando com este bellissimo exemplo de solidariedade... Angelo Longaretti espera em Rio Claro da compaixão do governo um perdão que lhe vá restituir a liberdade tão infamemente roubada.

Triste, triste, não; repugnante é o que é este procedimento. Preferem ocupar todo o seu tempo em mesquinhas questões pessoaes a demonstrar pelos factos que verdadeiramente comprehendem as ideias de que se dizem adeptos.

Não falariamos destas questões se ellas se restringissem ás pessoas que as promovem e que nellas são interessadas, mas, o que não podemos deixar sem reparo é que se tome o encargo duma questão como a de que acabamos de falar e depois se abandone essa questão.

Folheando a imprensa

O ESTADO DE S. PAULO — cujo director morre de amores pelo proletariado, porque até segue com atenção e simpatia o movimento socialista na Alemanha (só?...) e contribuiu para a fundação do... «Gremio Tipografico Paulistano» — publica uma nota sobre a assembléa em que foram discutidos os estatutos do mencionado Gremio, «que deve defender os interesses da classe, mas que tambem não póde lesar os interesses dos proprietarios!»

Assim disse o «orador oficial» da nova sociedade de *amarelos*, o sr. Ricardo Figueiredo, livre-pensador militante...

Se esse orador nos explicasse — mesmo não «oficialmente» — o modo de pôr de acordo os interesses dos operarios com os dos patrões, davamos-lhe de presente um medalhão com o retrato do papa...

*

A CONCORDIA, desta cidade, «orgam defensor das classes proletarias» — fim muito louvavel tanto mais que nos parece todo espontaneo... — atira-nos um punhado de frases desatadas.

Fala de cerebros obcecados, de utopias irrealizaveis, de moral, justiça, direito... Diz que a sociedade sem governo é uma loucura... porque ha e sempre houve um governo e uma jerarquia!

Diz-nos que nada é absoluto, tudo é relativo, coisa que já sabiamos... e que até, ora vejam! é um dos principaes fundamentos das nossas teorias, fortemente inspiradas nas ideias evolucionistas. Não temos formulas absolutas; somos decididamente partidarios da *livre experimentação*, essencia do anarquismo, e adversarios das regras absolutas, dogmaticas, impostas a todos pela violencia directa ou indirecta.

Diz-nos que o «supremo magistrado» não faz o que quer (ha muito qne o dizemos), e que o camponês ainda é mais livre, porque... recebe o salario, contratado (?) com o patrão...

Explica a miseria do proletariado europeu... pela emigração do campo para a cidade! Se mudasse a causa para o logar do efeito, teria talvez mais razão...

Reedita a afirmação tola já em voga: a situação do proletariado no Brasil, é «mil vezes superior» á da Europa. Até chama anarquista (inconscientemente talvez) á constituição brasileira!.... Sem intenção de ofender a ninguem, pusemos o trecho no competente museu.

Diz que o operario aqui deve «emancipar-se da ignorancia em que vive (apoiadissimo!), para não ser coagido pelos *pseudo-socialistas* (?), verdadeiros parasitas do seu suor»... E quem são esses parasitas? Nestes casos é bom exemplificar, citar nomes. Póde ser que tenha razão. Quem são elles?

E termina: «A sua missão (a do operario) é nobre, é sublime, é divina: *Construir, edificar, mas nunca destruir.*» Bravo, Conselheiro Acacio!

Efectivamente. O operario que quer construir uma casa no logar do velho edificio, em vez de demolir este, edifica sobre elle a casa nova... O que valem as frases feitas e vistosas!

*

Quasi á ultima hora, chega-nos o n.º 6 de A UNIÃO OPERARIA, orgam da União Operaria do Engenho de Dentro e do Partido Operario Independente — uff!

Está explicado este telegramma:

«Os centros operarios, sabendo da existencia de anarquistas nesta capital, vedarão a entrada em suas sessões, a todas as pessoas que não forem suficientemente conhecidas.»

Não são os centros operarios, é um tal Pinto Machado, presidente pago, que expulsa da *sua* sociedade os importunos que lhe ameaçam o parasitismo. A ingenuidade dos socios assim o permite.

No proximo numero conversaremos.

Fabulas e parabolas

Com o furor e a habilidade que os caracterizam, entregavam-se dois selvagens a uma especie de jogo de dados, um pouco diferente do nosso.

Via-os jogar um europeu, que aplaudia calorosamente sempre que um delles fazia bons pontos: — Bravo, Sol Brilhante! — Muito bem, Serpente Negra! (Sinaes representados pela tatuagem que cobria o corpo dos selvagens).

Apenas o mais habil ganhou a partida, disse ao europeu que tanto o animára com seus aplausos e ovações:

— Cara palida! sou eu quem terá o prazer de te comer...

Quando o povo aplaude os discursos que os politicos profissionaes declamam no parlamento ou na praça pública, representa o papel do europeu, em quanto era jogado pelos canibaes.

B. MALON

Girando pela cidade

IMMIGRANTES

A cidade está cheia de immigrantes, vindos agora principalmente da Espanha. Destinam-se áquelle *paraiso* das fazendas... E não ha perigo que fujam da Hospedaria dos Immigrantes, porque a crise de trabalho é grande na cidade e não se encontra emprego nem para um cão.

Um dos meios propostos por altas personalidades para resolver a crise do café é a diminuição do preço (!) da mão de obra, importando da Europa gado humano em abundancia, que pela concorrencia faça baixar os salarios!

Os italianos da Baixa Italia serviam bem: obedientes, sobrios, sofredores, laboriosos... Os russos e gregos não satisfazem: eram dificeis de contentar. Agora vêm sobretudo espanhoes, e esperam-se japoneses.

Pobre gente! Passeiam por ahi, com o ar estranho, assustados, curvados, ossudos... Tiveram de abandonar o meio onde foram criados, partiram com um destino incerto, inquietos, abandonados, desprovidos de tudo.

Estas viagens forçadas contribuem para a derrocada do velho edificio da sociedade burguesa. Mas quanta dor! Essa dolorosa emigração dos miseraveis é o mais formal desmentido ao patriotismo, ao nacionalismo.

AS CASAS

Uma das formas mais evidentes da exploração capitalista é o aluguel das casas. Em São Paulo é um horror: os senhorios têm o seu capital a um juro fabuloso.

Qualquer pretexto lhes serve para augmentar o aluguel: o calçamento da rua, a agua, o bonde que vai passar, etc. Esse melhoramento é pago, em ultima análise, pelo trabalhador, por meio do imposto; mas é pago de novo pelo mesmo em qualidade de inquilino, e não por uma só vez, mas para sempre.

O senhorio alega aumento de despesa; e para que ella não fique a seu cargo, coitadinho, quer que lh'a paguem indefinidamente... e o dobro de cada vez.

O operario ou tem que ir viver para muito longe ou deve reunir-se a outros para habitar numa morada que parece um formigueiro. E como ha um certo amor, muito justo, á independencia material, como muitas vezes não se encontra com quem conviver, o senhorio tem aqui mais uma fonte de receita: manda construir casinhas acanhadas, incomodas e deselegantes, e aluga-as por um preço mais ou menos ao alcance duma só familia, mas excessivo, mesmo em relação ás outras casas. Ha senhorios que não querem outras casas: essas é que rendem! A exploração da miseria.

Não ha por onde escolher e as mudanças não ficam baratas nem comodas.

Nós achariamos que seria melhor que a casa fosse de quem a habita e que os pedreiros, carpinteiros, pintores, tijoleiros, servindo-se dos materiaes e terrenos tão abundantes, construissem para todos casas comodas, higienicas, alegres, com jardim, em troca de serviços e produtos das outras corporações de oficio. Mas isso seria o comunismo! Nós somos loucos, não é verdade? Ajuizados são apenas os que acham perfeito que um só homem tenha muitas casas, não para morar nellas, mas para explorar os outros... E se nós propusessemos a greve dos inquilinos, por exemplo, diriam que queriamos alterar a «ordem». Bella ordem!

A HONRA!

Um tenente-musico, dizem que grande conquistador de corações, suspeitou um dia que o coração daquella cuja «posse» lhe foi conferida por lei, fôra por sua vez conquistado; não admitindo a reciproca, mata o amante, que lhe roubára a *honra!*

Um tribunal condena-o; outro absolve-o depois. A lei — ao contrario das leis naturaes, inflexiveis — oscilou, hesitou, embaraçada, ou caprichosa...

Não somos partidarios da pena, mas o modo de considerar este assassinato dá-nos que pensar... Se o mobil fosse o roubo (ah! sacra propriedade!) e o assassino um desgraçado, criado na miseria e na ignorancia, não haveria piedade.

A mulher é considerada como uma coisa, um objecto de propriedade.

Quanto a nós, o assassinio parece-nos um modo estranho e bem selvagem de resgatar a *honra* (?); mas nós, já se vê, somos loucos, inimigos da familia — da qual são amigos os partidarios da escravidão no lar, do adulterio e da prostituição. Imaginem! nós achamos que a mulher deve ser senhora de si, uma pessoa independente, igual ao homem em direitos! Nem sequer reconhecemos ao homem o direito de matar a mulher! Que immoraes e que barbaros nós somos! Verdade é que tambem nos repugna o assassinato exercido pela mulher sobre o homem, como no caso da que ha pouco matou o seductor, annos depois do desfloramento, quando apenas se comprehenderia um acto de defesa. Mas, segundo dizem, foi o marido que a levou a esta vingança, maltratando-a.

* * *

O tenente Amaral quis tambem salientar-se, assassinando sua esposa, em presença de seus cinco filhos, para defender a sua *honra*, diz elle, certo de que esta teoria será sustentada tambem pelos jurados burgueses.

O seu raciocinio foi este: A mulher é minha, e faço della o que eu quiser; fugindo-me de casa, (por lhe faltar o necessario para o sustento dos filhos, gastando o *honrado* tenente tudo o que ganhava em coisas que não vem para o caso mencionar) desprestigia-me, dá um mau exemplo, revoltando-se contra a autoridade do macho sobre a femea; e por isso deve ser punida. — E esta gloriosa missão se encarrega o heroico tenente, seguro do apoio e do aplauso dos conservadores da sociedade actual.

Tudo bellezas da honra e do casamento burgueses!

* * *

No capitulo da *honra e do dinheiro*, tivemos ainda o suicidio dum empregado de banco, por causa de 700$000. Não tinha ainda 20 annos!

Dentro das associações

Na **União dos Trabalhadores Graficos** realizam-se, todas as sextas-feiras, *palestras operarias* abertas ao publico. Foi uma boa iniciativa, coroada do exito mais completo.

Numa das ultimas palestras, um socio da União, Raul Caldas, pessoa de muito boas intenções, expôs ideias que nos interessam de perto. A republica, disse elle, nada nos deu; ha quinze annos que vivemos de esperanças. Entretanto se as leis existentes fossem cumpridas, muito ganhariamos (?). Acha que os operarios devem constituir um partido politico que mande ao parlamento deputados seus, escolhidos entre os companheiros.

E que iriam fazer esses deputados? Mais leis — que não seriam cumpridas? Discursos de protesto que teriam o condão de contentar o povo, adormecendo-o na sua confiança e deixando tudo como d'antes?

O orador disse, por exemplo, que seria necessaria uma lei para impedir que os patrões pregassem calotes aos operarios. E quem nos garantiria a aplicação dessa lei? Não está a força do lado dos patrões? E se a garantia está na força do proletariado consciente, não está na lei; confiar nella é confiar numa providencia: é viver de esperanças...

A ingenuidade do conferente foi até asseverar que os patrões temeriam os nossos deputados! Que o governo seria obrigado a intervir na questão entre a União dos tipografos, assente sobre o terreno da resistencia, da luta de classes, e o gremio de traidores recem-nascido, favoravel aos patrões, decidindo a favor da primeira! E afinal que queria que fizesse o governo? Que dissolvesse o Gremio? Seria uma tirania inutil: a solidariedade deve ser consciente, não se obtem pela violencia.

Temos um só caminho: a organização sobre o terreno da resistencia, a educação do proletariado, o movimento, a acção directa para a conquista do bem-estar, cada vez maior. O parlamentarismo seria um derivativo para essa acção directa. Esperar na lei... é viver de esperanças.

Notas e avisos

Os camaradas que desejarem distribuir gratuitamente o folheto Porque somos anarquistas, *podem obter nesta redacção* 1 pacote de 50 EXEMPLARES por 500 reis. *Todos os pedidos, até total esgotamento da edição, serão satisfeitos, embora não acompanhados da respectiva importancia.*

-‡-‡--‡-‡-

Os camaradas que desejem fazer propaganda em italiano podem obter aqui 50 exemplares do FRA CONTADINI, *de Malatesta, por 500 reis.*

-‡-‡--‡-‡-

A nota da receita e despesa de cada numero da Terra livre, *será publicada no numero seguinte.*

-‡-‡--‡-‡-

Quem nos mandar qualquer quantia deve especificar claramente se é para a subscrição voluntaria, ou para pagamento de assinatura.

Festa libertaria

em beneficio de LA BATTAGLIA

Domingo, 31 do corrente, ás 8 horas da noite, no SALÃO ALHAMBRA (Galeria de Cristal) o «Gruppo Filodrammatico Libertario», representará:

La Via d'uscita, drama social em dois actos, de Vera Starkoff;

Ribellioni, peça num acto, de G. Baldi;

Triste Carnevale, drama social num acto.

Depois do espectaculo, *Baile Familiar*.

El Hombre y la Tierra

Esta grandiosa obra de Reclus tem uma edição espanhola monumental. A tradução é devida á penna do conhecido e integro revolucionario Anselmo Lorenzo, sob a revisão de Odón de Buen.

SUMMÁRIO DA OBRA

Os primitivos: Origens — Meios teluricos — Trabalho — Povos retardatarios — Familias, Classes, Povos — Ritmo da Historia.

História Antiga: Irania — Caucasia — Potamia — Fenicia — Palestina — Egipto — Libia — Grecia — Ilhas e Costas helenicas — Roma — Oriente chinês — India — Mundos longinquos.

História Moderna: Cristãos — Barbaros — A segunda Roma — Arabes e Berberes — Carolingios e Normandos — Cavalleiros e Cruzados — Comunas — Monarquias — Mongoes, Turcos, Tartaros e Chineses — Descobrimento da Terra — Renascença — Reforma e Companhia de Jesus — Colonias — Rei Sol — Seculo XVIII — Revolução — Contra-Revolução — Nacionalidades — Negros e Mujiks.

História Contemporanea: Internacionaes — Partilha do mundo — Povoamento da Terra — Repartição dos Homens, Demografia — Latinos, Germanos, Russos, Asiaticos, Ingleses, Americanos — Estados — Propriedade — Indústria — Sciencia — Educação — Progresso.

-‡-‡--‡-‡-

EL HOMBRE Y LA TIERRA formará quatro tomos de regulares dimensões, com cêrca de mil gravuras.

Publicar-se-á semanalmente um fasciculo de 24 paginas, por 50 CENTIMOS DE PESETA.

Os pedidos podem ser feitos directamente ao administrador ALBERTO MARTÍN — Apartado de Correos 266 — Barcelona; ou por intermedio desta redacção.

Registo d'entrada

— *Zé burro*, interessante semanario de caricaturas, de propaganda anticlerical. A primeira página e a oitava são ilustradas a cores. Assinaturas: anno, 12$000; semestre, 6$000. Rua do Rosario, 21 — São Paulo.

— *Il Grido della Folla*. Reapareceu este valente semanario anarquista de Milão; logo ao primeiro numero, recebeu as caricias do ministerio publico. Endereço: Casella postale n. 1123 — Milano.

— *La Terre*. Orgam semanal da Liga para a nacionalização do solo. Endereço: Mons (Belgica).

— *Panthesis*, revista mensal de sociologia, arte, etc. Correo Central, casilla 2262 — Santiago de Chile.

Leiam:

AURORA

Revista mensal de critica social e literatura.

Assinaturas:

Anno, 4$000; semestre, 2$000; trimestre, 1$000.

A quem assinar por um anno, a *Aurora* oferece uma das seguintes brochuras a escolher:

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista, por Eliseu Reclus.

Almanach de la Révolution pour 1906 (em francês).

Un «Almanacco libertario per 1906 (em italiano).

Juntamente com a *Terra livre*, mas sem direito a premio:

Anno, 7$000; semestre, 3$500; trimestre, 2$000.

Rua Santa Cruz da Figueira, 1 — São Paulo.

NOVO RUMO

Periodico socialista-anarquico.

Endereço: Travessa Dias da Costa, 3 (sobrado) Rio de Janeiro.

LA BATTAGLIA

Periodico settimanale anarchico.

Avenida Tiradentes, 164 — S. Paulo.

Anno, 10$000; semestre, 5$000; trimestre, 3$000.

La corrispondenza amministrativa dev'essere diretta a Tebaldo Soderi, rua do Lavapés, 279, S. Paulo.

L'UNIVERSITÁ POPOLARE

Rivista quindicinale diretta dall'avv. Luigi Molinari Via Tito Speri, 13 — Mantova, Italia.

Programma per l'anno 1906:

Luigi Molinari — *L'Universo ed il nostro sistema solare.*

A. Hamon — *1. Definizione del Socialismo e delle sue varietà. — 2. Definizione dell'Anarchia e delle sue varietà.*

G. Séailles — *La filosofia del lavoro.*

Ing. E. Cianetti — *Conferenze scientifiche.*

G. A. Traversi — *L'assolto (dramma sociale in un atto).*

Dott. A. Ranfaldi — *La nutrizione.* Ecc.

Anno, 5$000; semestre, 2$500. (Nesta redacção) (Manda-se um número especime).

IL PENSIERO

Rivista quindinale di sociologia, arte e letteratura. (Propaganda socialista-anarchica)

Redattori: P. Gori, L. Fabbri e L. Merlino.

Anno, 5$500; semestre, 3$000 (Nesta redacção)

LES TEMPS NOUVEAUX

Ex-journal «La Révolte»

Paraissant tous les samedis avec un supplément littéraire illustré

4, rue Broca — Paris, V

Anno, 6$000, semestre, 3$000. (Nesta redacção. Manda-se um número especime)

RÉGÉNÉRATION

Organe de la Ligue de la Régénération Humaine

Fondée par Paul Robin.

Procréation consciente et limitée

27, rue de la Duée — Paris, XX

Anno (12 numeros), 1$500 (nesta redacção)

Sindicatos operarios

EM SÃO PAULO

União dos Trabalhadores Graficos.
União dos Chapeleiros.
Liga dos Trabalhadores em Madeira.
Liga dos Pedreiros e Annexos.
União Internacional dos Sapateiros.
Federação Operaria de São Paulo.
União Operaria.
Todas com séde na Travessa da Sé, 2 (sobrado).

EM SANTOS

Sociedade Internacional União dos Operarios.
Rua Visconde do Rio Branco, 36.

EM CAMPINAS

União dos Trabalhadores Graficos.
Liga Operaria de Campinas
Rua Conego Scipião, 35.

NO RIO DE JANEIRO

Liga dos Artistas Alfaiates.
Associação União dos Manipuladores de Tabaco.
Pedreiros e Carpinteiros.
Liga dos Carpinteiros e Calafates Navaes.
Todas com séde na rua Senhor dos Passos, 82.

União dos Sapateiros.
Liga das Artes Graficas.
Avenida Passos, 30.

União Protectora dos Chapeleiros.
Liga dos empregados em Padaria.
Rua de São José, 116.

Marinheiros e Remadores.
Centro Geral dos Foguistas.
Rua da Saude, 169.

União dos Operarios Estivadores.
Trabalhadores em Trapiches de Café.
Rua de São Pedro, 150.

Trabalhadores em Carvão.
Rua da Saude, 127.

BIBLIOTECA DA «TERRA LIVRE»

Em lingua portuguesa:

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista, Eliseu Reclus (152 pág.)
Porque somos Anarquistas? S. Merlino
Livre exame, Paraf-Javal
O Cristianismo e a Razão, Pi y Margall
Historia dum cérebro, E. de Carvalho
Carta escrita a Pio Setimo, C. M. Talleyrand
Um seculo d'expectativa, Kropotkine

Em lingua espanhola:

El Estado, su papel histórico, Kropotkine
Cantos augurales, Armand Vasseur
Alma Social (dialogo), Miguel Rey

Em lingua italiana:

La Peste Religiosa, Most
Sindacalismo e Rivoluzione Sociale
Il Socialismo e Mazzini, Bacunine
L'Anarchia, Malatesta
Deismo e materialismo, O. Ristori
La Giustizia Penale, Enrico Ferri

Museu das asneiras

«Aqui, pelo contrario, o operario economico e trabalhador quasi sempre se torna patrão e [illegible] coagido pelo governo, gozando de todas as prerogativas da constituição, que é a mais libertaria possivel.» (*A Concordia*, de S. Paulo, n.º 63).

Caixão do lixo

«A policia procura descobrir varios anarquistas aqui chegados nestes dias das republicas do Prata e denunciados pelo chefe de policia de Montevideu como perigosos malfeitores. Estes suspeitos teriam estabelecido seu quartel general no bairro da Gavea.

Consta que ante-ontem a policia prohibiu o desembarque de outros dois anarquistas provenientes de Montevideu.

Um jornal desta manhã diz que os anarquistas projectaram, em recente reunião, dar assalto a alguns bancos, entre os quaes o Banco Al[illegible]

(Telegramma do

A Terra Livre, São Paulo, 13 de Janeiro de 1906, Anno I, Número 2.

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE
GŒTHE

ANNO I — SÃO PAULO (BRASIL) — SABADO, 13 DE JANEIRO DE 1906 — NUMERO 2

EXPEDIENTE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita tambem assinaturas nas seguintes condições:

Serie de 25 números	4$000
» » 12 »	2$000
» » 6 »	1$000

Os nomes ou pseudonimos dos subscritores voluntarios serão publicados no logar competente; mas não assim os dos assinantes, a quem o administrador passará recibo, publicando só as importancias recebidas. Administrador é o camarada EDGARD LEUENROTH; mas para evitar perdas de tempo, a correspondencia deve ser enviada a *Neno Vasco* — **Rua Santa Cruz da Figueira, 1 — São Paulo.**

***

Áquelles que desejem continuar lendo *a Terra livre* pedimos que o façam saber quanto antes a esta redacção. Os agentes devem comunicar o número de exemplares de que precisam. Necessitamos regular a nossa tiragem.

***

Pedimos aos assinantes que satisfaçam sem demora a importancia das suas assinaturas, para o bom andamento da nossa administração.

FEIRA ELEITORAL

Em regra, as eleições no Brasil, feitas sem eleitores, passam despercebidas para o grosso do público. Desta vez, porém, as proximas eleições para o parlamento federal prometem ter, em São Paulo pelo menos, um pouco mais de animação.

Planeiam-se e organizam-se já varias especies de fraudes, procura-se multiplicar o número de eleitores, faz-se a caça ao voto. Os candidatos, que andam numa roda-viva, desfazem-se em cumprimentos e promessas para todos os lados, a todas as classes sociaes. Em sorrisos e apertos de mão não são nada avarentos: o que vem encher de contentamento certas vaidades ingenuas, bem faceis de contentar, na verdade.

— F. separou-se do grupo encartolado, de proposito para me apertar a mão! dizia-nos, desvanecido, certo operario, referindo-se a um candidato.

Certo senhor, por exemplo, que não ha muito consentiu em sua oficina a expulsão arbitraria de antigos trabalhadores, unicamente porque eram associados, declara-se na presente ocasião apaixonado pelo proletariado e por todas as suas reivindicações. Imaginem que até segue com atenção o movimento socialista... na Alemanha! «Cedo ou tarde o socialismo ha de triunfar — ar, ar, ar!»

Todos os candidatos têm passado pelo poder: nada fizeram pelo proletariado, ainda pela singela razão de que nada poderiam fazer, salvo discursos. Agora prometem tudo, mesmo a lua, a salvação e o ceu, apresentam projectos de lei, fazem juramentos, batem murros no peito. Tenha o operariado a bondade de os ajudar a treparem, e verá como elles lá de cima lhe atirarão punhados de felicidades e biscoitos e resolverão num instante a questão social.

Tudo isto dá largos motivos para a plena expansão de todos os sentimentos. Democrito riria e Heraclito derramaria ardentes lagrimas. Nós diremos simplesmente aos operarios que nos ouvem estas palavras:

Não confieis nos salvadores. Elles só poderão dar-vos leis, direitos inscritos num papel, trapos sem valor, ou carregar-vos de impostos, para vos oferecerem melhoramentos á vossa custa. Uni-vos, estudai, agi, adquiri a consciencia [illegible]

dos vossos direitos, fazei-vos fortes, pela organização, pela acção e pelo estudo, para resistir á exploração e ás prepotencias, venham d'onde vierem. Agi vós mesmos, porque ninguem vos salvará, senão vós proprios.

Quando o operariado confia em leis e deputados, deixa enfraquecer a sua organização, abater a sua energia. Quando elle abandona a confiança nos outros para só confiar nas proprias forças, começa a fortalecer-se e a prosperar, a conhecer o caminho que pisa e o fim para onde vai. Assim fareis vós, se quereis vencer.

Sociedades de resistencia

As sociedades de resistencia são as associações operarias destinadas á defesa dos interesses dos trabalhadores contra a exploração capitalista. Recebem diversos nomes segundo os paises: *sindicatos, ligas de resistencia, uniões de oficio, associações de classe, trade-unions, etc.*. *Corporativismo* (ou unionismo, ou sindicalismo) é o conjunto de ideias e de sistemas sobre a organização operaria; a sua acção e os seus metodos.

Essas designações empregam-se por vezes em sentidos um tanto distintos, em virtude da diferença de metodos e de tendencias das diversas organizações.

Especialmente nos Estados-Unidos e na Inglaterra, a sociedade operaria é um grupo fechado, de dificil entrada. A organização operaria é uma especie de aristocracia do trabalho. As corporações de oficio agem isoladamente e a sua acção reduz-se a melhoramentos em favor dos associados, sem mesmo tender á abolição do privilegio capitalista, sendo estrictamente legal, apesar de ser a lei feita e aplicada pelos burgueses e em seu proprio favor. A «trade-union» (expressão inglesa: união de oficio) faz politica parlamentar, apoiando o candidato que mais *promessas* lhe fizer, seja qual for o seu partido! Este «trade-unionismo» vai morrendo por [illegible] Nos Estados-Unidos já ha mesmo uma forte organização (Federação dos trabalhadores do mundo) agindo sobre o terreno da luta de classe e repudiando o parlamentarismo.

A sociedade operaria alemã não é, a bem dizer, de resistencia. A resistencia é ali disfarçada, encoberta, sufocada pelo mutualismo e pela legalidade. As derrotas têm sido majestosas e as conquistas nullas. As organizações alemans agrupam muita gente, reunem enormes sommas, mas... são inertes, têm medo de empregar a sua força, como aquelle que comprou um guarda-chuva e o meteu debaixo do capote com pena de o molhar. Quando se mexem, são pesadas e timidas, cruzam os braços e lutam a dinheiro... A sua politica é a politica parlamentar socialista.

É um modelo que vai perdendo o credito; até na Alemanha começou a reacção.

A sociedade de resistencia mais perfeita e a mais completa, embora não sem defeitos, é o «sindicato» francês, aderente á Confederação geral do Trabalho. É puramente de resistencia, facilitando a entrada a todos, procurando agrupar o maior número, mas sem por isso deixar de agir constantemente. Trata de conquistar melhoramentos (sobretudo redução de horas), fazendo assim exercicio para a greve geral revolucionaria e para a expropriação dos meios de produção e de transporte. *Não aceita a politica parlamentar*, fazendo, porém, luta politica (contra o Estado, contra o governo, desde o ministro ao policia, mas especialmente contra o militarismo), pois o poder politico é defensor do capitalismo. Mas essa luta (assim como a economica) é pela «acção directa», operaria, e não indirecta por meio dos deputados no parlamento.

Este metodo — que, por influencia da França vai sendo chamado «sindicalismo», — é seguido já pela Suissa francesa, pela Holanda e em parte pela Espanha («Federación Regional Española») e republicas sul-americanas, ganha terreno na Italia e nos Estados-Unidos e começa a penetrar na Inglaterra e na propria Alemanha.

O sindicalismo em França

EVOLUÇÃO DOS SOCIALISTAS PARLAMENTARES

Primeiro antiparlamentares, em seguida partidarios furiosos da conquista dos poderes publicos, os socialistas embriagaram-se com seus primeiros triunfos eleitoraes. Revolucionarios no principio, declaravam depois do primeiro sisma que só entravam na arena parlamentar para melhor lhe evidenciar os vicios, bem como os de todo o sistema social presente. O seu papel — proclamavam elles — era, sob o ponto de vista parlamentar, simplesmente terrorista e, sob o ponto de vista popular, todo de propaganda fóra do recinto legislativo. Por isso, aproveitando as prerogativas inerentes ás suas funções, iam aos grandes centros prègar o verbo socialista; clamavam ás multidões entusiastas «que nada se podia esperar da acção puramente parlamentar, que as reformas arrancadas sob o regime actual eram ilusorias, que o Estado era uma ficção, etc., etc., que finalmente só na revolução social estava a salvação, porque, embora o parlamento fosse composto d'uma maioria socialista, os detentores da propriedade, dos meios de troca e dos instrumentos de produção não se deixariam despojar benevolamente só pela legalidade.»

Em summa, sendo ainda membros do parlamento, os eleitos da primeira hora esforçavam-se por demonstrar a inanidade e impotencia do parlamentarismo.

Ah! como essa linguagem foi de curta duração para a maior parte dos eleitos do «proletariado consciente»!

Sofrendo pouco a pouco, sem o notar bem, a influencia do seu novo meio, acabaram por se identificar com este e, de revolucionarios que eram, tornaram-se simples revisionistas, cujo programa actual equivale mais ou menos ao dos simples republicanos de 1848 e 1869. Toda a sua tarefa consiste agora em legislar e consolidar por esse facto o Estado. Quasi nada os diferença dos representantes da burguesia voltaireana.

Evoluindo para trás, digam elles o que quiserem, o partido de que se diziam membros devia forçosamente sofrer com isso.

Vendo um pouco tarde que tinham tomado por mau caminho e que o proletariado consciente os abandonava, desenganado, para se consagrar mais especialmente á acção sindical, os eleitos socialistas perceberam logo o proprio erro.

Era um pouco tarde! Os trabalhadores estavam inteirados sobre os sentimentos delles; por isso, não se importando do que pudessem pensar os seus deputados, puseram resolutamente mãos á obra e edificaram sós a organização economica actual.

A principio, esta organização foi desdenhada. Foi só quando a viram crecer e agir que os representantes socialistas se importaram della. É que, pela força das coisas, dava-se um logico jogo de baloiço: á medida que crecia a organização economica, parecia diminuir a importancia dos eleitos politicos.

Foi então que estes se lembraram de canalizar um movimento cuja preponderancia os inquietava. As suas tentativas foram infructuosas! Instruidos pela experiencia do passado, os elementos sindicalistas desfizeram-se, na maioria, de toda ligação politica e consagraram-se a precisar cada vez mais a doutrina sindicalista-revolucionaria, ou por outra, o socialismo integral e puramente operario.

Os dilaceramentos e as lutas intestinas entre as diferentes fracções socialistas deram como resultado um desinvolvimento inesperado da força sindicalista. Dando, em legitima defesa, assaltos terriveis contra os capitalistas e os governantes de todos os generos, as organizações economicas obtiveram *resultados* que o proprio Jaurès reconheceu no seu discurso de Ruão.

Assim em quanto se debilitavam as fracções socialistas democraticas, prosperava o «sindicalismo.» Quando o parlamentarismo se mostrava cada vez mais impotente para nos dotar de reformas tangiveis e eficazes, o proletariado sindical obtinha pela «acção directa», raciocinada e consciente, fecundos resultados.

Tal é a obra que fóra de qualquer capella politica, democratica ou anarquista, realizou a Confederação geral do Trabalho.

E é hoje, quando a nossa acção é consideravel, quando o nosso movimento ganha sempre em extensão e profundidade, que querem entabular negociações, propor-nos uma especie de casamento de razão que, sob nova forma, nos conduziria ao passado — a fazer politica parlamentar? Muito obrigados!

Já não se nega, decerto, a nossa influencia. É uma força com que se deve contar desde agora e apraz-me registar que, salvo Heppenheimer que no Congresso de Lyão, em 1886, se fazia notar por uma fogosa exaltação e preconizava «o archote e as machadadas» contra os burgueses, salvo esse, a grande maioria no Congresso socialista de Ruão reconheceu claramente a força adquirida pela Confederação do Trabalho.

Já não nos tratam como vassalos, mas como iguaes. Não procuram incorporar-nos pura e simplesmente no partido socialista; dão-nos um logar á parte. Mas ao mesmo tempo, mostram como comprehendem mal o nosso movimento, e mostram-nos com isso os perigos que para os trabalhadores haveria em se deixarem seduzir pelo canto das sereias — por mais eloquentes que ellas sejam.

JOÃO LATAPIE

Pretexto para votar

A proposito da questão do diario *O Estado de S. Paulo*, alguns trabalhadores graficos alvitraram este modo de boicotar o director daquelle jornal, candidato nas proximas eleições politicas: votarem os tipografos eleitores contra elle, e alistarem-se mesmo outros para tal fim. — Não se votará em nome da União, que é neutral, explicava-se; *estamos de acordo com os anarquistas*, quanto á inutilidade das eleições e do parlamentarismo, mas iremos votar apenas como protesto contra esse senhor, para lhe fazermos sentir a nossa solidariedade com os companheiros expulsos.

Em parte folgamos com as ideias dos nossos amigos, que decerto hão de vir um dia decididamente para o nosso lado, mas devemos fazer notar que não achamos só inutil a acção eleitoral: achamo-la NOCIVA, por ser um derivativo á acção directa, por alimentar no povo o amor á inacção e a confiança nos messias. [illegible] ha uma diferença bem subtil — [illegible] nem se vê — entre votar por protesto e votar para delegar a acção e o poder para que se façam leis. O que se vena é que se votava, e nada mais.

Esse protesto, que os nossos amigos elevam á categoria de motivo de acção eleitoral, seria depois aproveitado facilmente como pretexto por qualquer candidato contra um concorrente, que terá sempre, muito provavelmente, em seu passado, qualquer prepotencia contra os *seus* operarios... E até sob tal pretexto a acção eleitoral, tão capaz de desorganizar o proletariado, poderia ir entrando velhacamente nas uniões operarias. Livremo-nos do primeiro passo...

Agradeceremos sinceramente todas as informações de acordo com o caracter do jornal. Mas, devido á falta de espaço, pedimos a todos os correspondentes a maior brevidade possivel: a narração singela dos factos, com um ou outro comentario a proposito, se quizerem, mas nunca divagações ou considerações de ordem geral, que só poderão servir para artigo á parte.

A REDACÇÃO

O TRABALHO

I

O trabalho é uma necessidade indispensavel [illegible] conservação e prolongamento da existencia, é o principal factor da vida e a força da necessidade de uma [illegible] natureza que com enorme di[illegible] arranca á outra parte da natureza infinitamente maior, o necessario para fazer face ás exigencias da especie e á propagação dessa mesma especie, chamada a desapparecer em grande parte no dia em que abandonar a luta ou no dia em que deixar de trabalhar.

O trabalho é factor do progresso, da sciencia e da civilização.

O trabalho é vida — mas hoje vida para uns e morte para outros.

Ha trabalho que faz bem e trabalho que faz mal.

Faz bem o trabalho que não demanda muito esforço e fadiga, que não se executa com materias que trazem molestias, que não requer movimentos que fazem mal ao organismo, que não occasiona desastres, quando o local onde se trabalha não é insalubre e prejudicial á saude, quando se trabalha independentemente, isto é, sem mandões que atormentam a quem trabalha, quando o producto do trabalho reverte em beneficio proprio ou em comunidade mutua.

Nesses casos o trabalho é recomendavel a todos os que podem trabalhar, porque produz efeitos em tudo favoraveis a quem trabalha.

Faz mal o trabalho, cujas condições estão em sentido contrario.

Muitos dizem que o trabalho ennobrece, no entanto quem mais trabalha, é justamente aquelle que a sociedade actual expulsa do seu seio, retribuindo-lhe as suas fadigas com o maior desprezo possivel.

Na actual organização social, só são nobres os que menos trabalham, os burguezes.

Tudo o que vive trabalha. Todos os seres obedecem á lei do trabalho, levados pelas necessidades da existencia.

Sòmente o homem guiado por instintos de superioridade imaginaria, adopta leis artificiaes, em tudo contrarias á ordem que seguem todos os outros seres existentes, ficando portando provado que o homem, embora se considere o ideal da perfeição, em casos como este deixa muito a desejar em frente do progresso em que se acham outras especies, que elle julga inferiores.

Especies ha que trabalham independentemente sem coacção alguma; trabalham aquelles seres que não querem morrer de inercia ou dos resultados d'esta, salvo as obrigações contraídas naturalmente, todos lutam pela vida ou para o sustento, sem essa excepção vergonhosamente adoptada pelo homem para maior escarneo do nosso progresso e da nossa estupida civilização.

O homem que não trabalha procede contra si mesmo, porque o organismo requer o exercicio como requer o alimento; mas esse trabalho deve estar de acordo com as forças de quem trabalha, de forma a dar-lhe mais vida em vez de o aniquilar. Alem disso, o homem deve satisfazer todas as suas necessidades organicas, afim de que o trabalho lhe sirva de recreio e não de pena insupportavel na vida.

Cansados estamos de observar e de experimentar (experimentar na classe explorada) justamente o contrario: uns que passam a vida em ociosidades, cobertos com todas as regalias e privilegios, até de mando sobre a maioria, desfrutando tudo o que de melhor se produz, e outros que trabalham cinco vezes mais que o que requer o corpo, faltando-lhes a maior parte da indispensavel alimentação e de outras coisas necessarias á sua conservação e saude, sendo ainda brutalmente mandados e tratados pelos privilegiados e pelos seus representantes, de tal forma que não é só o seu fisico que sofre, mas tambem a sua mente, com a indignação, o desespero e o desejo de vingança.

Vingança de homens submissos, mas promptos a retribuir bem caro e na primeira oportunidade o castigo que se lhes impôz.

LIBERTARIO

Volta ao mundo

Russia

Não é possivel fazer um juizo seguro e completo sobre um acontecimento tão complexo como é a revolução russa, faltando, ainda para mais, informações fidedignas. Limitemo-nos a fazer ressaltar tendencias e sintomas que nos interessam e que a imprensa diaria deixa no escuro.

Em todo este movimento, a greve geral tem recebido a eficaz comprovação da prática. Apesar de não revestir todo o caracter revolucionario que seria para desejar, apesar de não se unir ao acto correlativo de expropriação dos meios de produzir, apesar de encontrar na sua frente uma enorme força reaccionaria, a greve geral tem produzido resultados reconhecidos pelos seus proprios adversarios, tem-se estendido a vastas regiões com uma espontaneidade admiravel, tem-se repetido infatigavelmente, quando alguns diziam que ella ou teria que vencer á primeira vez ou seria uma idéa morta.

Por vezes o governo, a burocracia perde a bussola, desorienta-se e cede. Mas as suas prescripções legaes são coisa inutil: as liberdades já em uso são tomadas e mantidas pela acção directa revolucionaria. Um bello exemplo é a liberdade de imprensa posta um vigor em Petersburgo pelos revolucionarios que, sob pena de boicotagem, forçaram os jornaes a não se submeterem á censura prévia.

Mas se por este lado temos um bom sintoma de verdadeira revolução na indiferença dos revolucionarios pelas concessões constitucionaes, por outro lado temos melhor: a ideia da posse em commum da terra espalha-se entre o proletariado dos campos, que reclama em congressos a abolição da propriedade particular do solo. Os proprietarios são usurpadores do que é de todos — clamam elles. E já não faltam as tentativas de realização destas ideias.

Por vezes o movimento insurreccional parece sufocado. Não nos apressemos a fazer juizos definitivos. Certamente, a contra-revolução é na Russia poderosa; a diversidade de civilizações que formam o immenso imperio são um obstaculo formidavel á revolução, que o governo procura embaraçar incitando os odios cegos de raça e de religião. Mas não julguemos sòmente pela forma exterior da revolução, ao que somos propensos, porque estamos habituados a chamar revolução a qualquer motim superficial. A revolução russa, grande e profunda, é mais ainda um movimento intimo de consciencias do que a agitação necessaria da praça pública. A velha Russia foi muito fortemente abalada para poder ficar de pé por muito tempo; o vento da revolução soprou em todas as direcções, revolvendo os braços e as inteligencias, levando a todos os cantos o pollen fecundante dum novo germinal!

Italia

Em Italia, felizmente, abre caminho uma forte corrente *sindicalista* revolucionaria, á qual aderem muitos socialistas democraticos que pretendem limpar o seu partido dos elementos burguezes que o inquinam. Alguns destes, porém, continuam a admitir o parlamentarismo dentro dos sindicatos, contradizendo assim a significação duma palavra que foram buscar a França! Melhor seria que se contentassem com os velhos vocabulos, porque afinal as ideias são as mesmas.

E não foi o parlamentarismo que chamou para o movimento socialista os burgueses que o inquinam com as suas ambições, os seus habitos, o seu espirito?

Felizmente, repetimos, o genuino sindicalismo ganha terreno mesmo entre os socialistas, sendo desse movimento uma afirmação importante o recente *congresso de Bolonha*, cuja maioria não era anarquista, ao contrário do que mandou dizer o correspondente do *Avanti!* desta cidade. Os anarquistas eram apenas 20, e a maioria era composta de socialistas democraticos e representantes de sindicatos operarios; e muitos destes socialistas, além de Dinale, se declararam contra a acção eleitoral nas sociedades de resistencia. Se o congresso fosse anarquista, partidario, de homens que sempre foram antiparlamentares, não teria tanto valor. E é isto que irrita certos intolerantes.

França

Os revolucionarios franceses atravessam neste momento uma hora angustiosa na tremenda expectativa duma guerra de consequencias immensas. Que poderia resultar duma guerra entre a França e a Alemanha? A sufocação da bella e forte corrente revolucionaria francesa durante alguns annos, fosse qual fosse o resultado da luta, ou uma benefica crise resolutiva, que poderia estalar mesmo com o primeiro grito de guerra? Terrivel problema!

Entretanto os revolucionarios franceses agitam-se desde já: realizam-se comicios e a Confederação geral do Trabalho espalhou um manifesto contra a guerra, convidando os trabalhadores franceses e alemães a impedir a carnificina monstruosa. Assim o diz o telégrafo.

A classe dominante francesa é que não perdoa a propaganda antimilitarista, perseguindo-a ferozmente. Ainda ha pouco condenou a fortes penas de prisão Hervé, Gohier e outros propagandistas — por simples «crime de pensar».

O momento, em França, parece ser de reacção. Tambem a proposito do atentado contra o rei da Espanha, que podia bem ter sido organizado pela policia franco-espanhola (ver a magnifica correspondencia «De Paris», publicada em o numero III do nosso colega O LIVRE PENSADOR, desta cidade), houve várias expulsões, e se Malato, Vallina, Harwey e Caussanel foram absolvidos, depois de meses de prisão, depois de pronunciados, foi porque faltava a minima prova, foi porque o escandalo era excessivo e a opinião revolucionaria se impôs aos Bulots perseguidores. Tambem em Espanha, os anarquistas processados, acusados dum atentado, tiveram que ser absolvidos, provando-se que foi tudo maquinação da policia. A diferença que existe entre as diferentes nações, em materia de liberdade, não está na forma de governo, mas nos graus de resistencia dos governados. Senão, como explicar a inferioridade de republicas como a Argentina, o Brasil, diante da Inglaterra, Holanda ou Noruega?

Pró «Terra livre»

Carissimo:

Queres enviar-me diariamente um jornal burguês, depois de o ler? Não importa qual; e até, como talvez leias mais de um, mandar-me-ás o que aches mais interessante, e eu em troca pagarei a ti a assinatura, que tu, deduzidas as despesas do correio, dedicarás á propaganda. Esta ideia, com um pouco de paciencia de trabalho, e de boa vontade, póde estender-se a muitos outros. Com vinte ou mais, dispostos a pagar, como eu farei, a assinatura antecipadamente, facilitar-se-ia muito a vida dum jornal.

Se falares com T., talvez elle possa encarregar-se de me mandar o jornal que elle lê; não importa que chegue com um dia de atraso ou que venham mesmo dois de cada vez.

A. C.

Aquelles que desejem por este modo auxiliar *a Terra livre*, queiram comunicar-nos quanto antes se podem dispor dum jornal ou se aceitam uma assinatura nas condições indicadas.

O caso Longaretti

Occupando-nos desta questão, está longe de nós a ideia de fazer personalismos. Nós queremos simplesmente fazer notar o erro, que nos parece grave, de guardarem silencio sobre o caso, contribuindo para que seja esquecido, aquelles que delle se encarregaram especialmente. O que nós vemos é que Longaretti continúa preso... e nada mais. Se mais ha, que o publiquem!

Tencionavamos mesmo convidar para uma reunião os que se interessam por Longaretti e os que podem dar explicações ou esclarecimentos sobre o andamento da questão; mas como nos informam de que a «Federação Operaria» vai tomar á sua conta essa iniciativa, abandonamos-lha de bom grado.

Entretanto, damos logar, como nos cumpre, á carta seguinte, cujo autor nos dizem ser pessoa séria:

Já que *a Terra livre*, tratou deste assunto que têm sido menosprezado por aquelles que deviam interessar-se por elle, venho despretenciosamente lançar o meu fraco apoio a essa causa, que os tribunaes do nosso país atiraram á cesta dos papeis inuteis. Pessoa que merece todo conceito, disse-me, falando sobre este assunto, em Rio Claro, que, tendo feito uma viagem á Europa, o Dr. Brasilio Machado, influente advogado nesta capital e a quem estava afecto o proseguimento da causa, foi por este incumbido de patrocina-la um advogado de Rio Claro, amigo do Snr. Campos Salles e da familia da parte interessada pela condenação do infeliz Longaretti. Este nada fez, esquecendo os seus deveres de patrono de Longaretti. Disseram-me mais que o mesmo advogado foi *gratificado* por assim proceder, contando com protecção dos Sallistas do Rio Claro.

Parece-me mentira que um bacharel em sciencias juridicas e sociaes procedesse tão infamemente, prejudicando a victima que jaz em uma prisão infecta e vendendo-se aos homens que tem infelicitado este país!

Não censuro o procedimento do Snr. Dr. Brasilio Machado, porque elle procedeu de boa fé, em confiança, mas censuro o procedimento das partes interessadas que foram victimas do bacharelote que assim procedeu, burlando a justiça da causa e menosprezando o Direito.

S. Paulo, 1—1—1905.

DAVID GARCIA VIEIRA

[illegible] leitores pedimos encarecidamente que nos forneçam todas as informações possiveis — escrupulosamente exactas — sobre as condições operarias nos diferentes logares e fabricas, horarios, salarios, custo da vida, orçamentos de familias operarias, alugueis de casas, etc.

Ecos das fazendas

Raros e debeis chegam até nós esses ecos. São muito fracos e humildes os servos da gleba, muito prepotentes e bem defendidos os senhores feudaes, para que o escandalo possa estalar, sair fóra das porteiras da fazenda.

Alguns dos factos conhecidos parecem inverosimeis, como o do colono Rampazzi, que o patrão espanca e ameaça com revólver, e em cuja caderneta se acham marcadas estas multas, absurdas sobretudo nas immensas florestas do Brasil:

Por ter por descuido queimado 4 pés de café, 40$000; por ter caçado um passaro, 50$000; por ter disparado 4 tiros de espingarda no mato, 80$000; por ter apanhado uma saracura, 50$000; por ter disparado dois tiros no mato contra um animal selvagem, 40$000; por ter-se apropriado de dois pedaços de madeira, 18$000.

Ultimamente os jornaes narraram o suicidio duma familia, despedida da fazenda e perseguida pelo administrador, em S. Manoel do Paraiso. Um jornal desmentia depois, muito debilmente, as perseguições do administrador...

Não ha muitos dias tambem, os colonos duma fazenda de Cravinhos tiveram que fazer greve (raro exemplo!) para obter o pagamento de salarios atrasados. Depois de algum tempo, o patrão pagou apenas uma parte, e os colonos, em presença dos capangas, tiveram que se contentar.

•

Os companheiros, os leitores, que pudessem mandar-nos informações sérias sobre este assunto, prestar-nos-ão um bom serviço.

Pró Russia livre

Diz um telegramma de Roma que o jornal socialista *Avanti!* propôz que os operarios italianos destinem o salario do dia 22 de janeiro — anniversario da sangrenta jornada de Petersburgo — a auxiliar os que na Russia tão heroicamente lutam pela liberdade.

CAMARADAS! Imitemos no Brasil esta iniciativa. Dai o salario dum dia ou dai aquillo que estiver nas vossas forças. Já que d'outro modo não podemos contribuir para o triumfo, necessario á humanidade, da revolução russa, mandemos dinheiro, que na presente conjuntura tem um grande valor. Forneçamos munições, já que não o nosso braço!

Alguns companheiros russos aqui residentes acabam de receber de Londres, dum grupo de socialistas revolucionarios russos, um apello, que nos é comunicado, pedindo-nos que anganemos donativos em favor dos nossos irmãos da Russia. Não permitamos que seja vão!

Trabalhadores!

O despotismo recorre aos banqueiros *internacionaes* para que lhe forneçam os meios de esmagar as reinvindicações do proletariado russo — que são as nossas. Pois bem! Oponhamos ao internacionalismo dos despotas e dos bandidos o internacionalismo, a solidariedade universal dos oprimidos e explorados!

O emprestimo que os revolucionarios russos lançam sobre nós, por todo o mundo, — emprestimo que elles já estão pagando, com o esforço heroico e sangrento, em liberdades que serão patrimonio da humanidade — devemos cobri-lo com enthusiasmo, mostrando que, se a nossa bolsa é magra, a nossa solidariedade é enorme.

Embora recebido o apello á ultima hora, começamos desde já por nossa parte uma subscrição — cuja importancia irá sendo gradualmente enviada ao conhecido e querido camarada Pedro Kropotkine.

Viva a Russia livre!
Viva a Revolução!

Subscrição Pró Russia livre

Redactores da TERRA LIVRE . . 5.000
5 companheiros russos e C. . . 5.000

Do Brasil proletario

CRONICA FLUMINENSE

O movimento emancipador que parecia dormitar o sono dos justos, á espera do maná redentor, sofreu, ao entrar o novo anno, uma grande transformação, filha por um lado da falta de trabalho que começa a notar-se em consequencia da proxima conclusão das obras da Avenida Central, e por outro lado devido á activa propaganda que os companheiros de aqui principiam a desinvolver.

Três noticias quasi sensacionaes nos deu tambem a entrada do novo anno. As duas primeiras foram-nos fornecidas pelo trivial e embrutecedor *Jornal do Brasil*. Segundo a folha jesuita, é já um facto o tratado ou pacto internacional entre as policias das republicas sul-americanas *para perseguir de comum acordo os ladrões, assassinos e anarquistas*, de modo que se aquelle que for perseguido pelos esbirros de qualquer dellas os burlar, não escape ás garras dos buldogues das outras.

Se o malintencionado e reaccionario *Jornal do Brasil*, ao dar esta noticia ao público, não a tivesse arranjado, sublinhando a palavra *anarquistas*, confundindo-nos com os ladrões e assassinos, talvez não me ocupasse destes tocadores de zabumba, mercantes e rufiões ao serviço da burguesia. Mas saibam os Mendes e mais lagartos, que medram á custa dos trabalhadores, que nos deixa sem cuidado o tal acordo, que mostra bem o carinho com que nos trata a fera autoritaria.

E quanto ao facto de nos misturarem com os ladrões e assassinos, não sabemos quem o é mais: se o que sacrifica a sua vida para afrontar um tiranno, ou o que explora infamemente centenas de homens, num logar onde falta o proprio ar, e depois [illegible] goza a vida, á custa daquelles infelizes.

A segunda noticia refere-se a uma projectada manifestação operaria, que, segundo o referido jornal, tem por objecto obter em março, quando o presidente [illegible] de veranear em Petropolis, a continuação das obras: tudo isto, segundo dizem elles, em [illegible] publica e por meio de mensagem.

Tivesse o operariado a consciencia que lhe falta, e [illegible] que por tal forma se converterem em policias, não poderiam por duas vezes e tão [illegible] prejudicar o movimento emancipador.

Quanto á tal manifestação publica e á mensagem, estamos atentos e procuraremos malograr a ambição dos ladinos organizadores destas ridiculas comedias, cujo fim exclusivo é conduzir o proletariado como manso rebanho de ovelhas a suplicar um pedaço de pão que, á força de lhe pertencer, devia exigir altivamente.

A ultima das três noticias pedem-me que a dê os companheiros que aqui exercem a sua actividade propagandista. Comunicam elles que o 2.º numero do periodico *Novo Rumo* terá um caracter francamente revolucionario, abandonando a designação equivoca de evolucionista, que lhe foi dada no primeiro numero.

E nada mais. Até outra.

Rio, 20 — I — 1906.

URANIO PROGRESSO

-+-+--+-+-

SANTOS

Companheiros:

É louvavel a vossa iniciativa, e estou certo contará com o apoio do proletariado consciente desta terra. Venha pois mais esse campeão da causa operaria. «Terra livre» terá em Santos muito bandalhismo a combater, muita hipocrisia a desmascarar; aqui, nesta Santopolis formosa, á beiramar plantada, ha muita canalha que precisa ser fustigada com o latego da verdade.

É de um bom exemplar que hoje me vou ocupar: chama-se Manoel de Sousa, mais vulgarmente conhecido por «Mindo».

Este tipo que muito honra o grupo dos que exercem vergonhosamente nesta terra a caftinagem do trabalho, tem a mania de não pagar a quem trabalha, juntando ao calote o insulto. Assim é que, quando um operario, farto de tolerar as qualidades excepcionaes duma envergadura intelectual de besta, lhe pede contas, responde cinicamente: «queixe-se á justiça», ou então escarnecedo, com um sorrisinho velhaco nos labios, diz: «A sociedade Internacional que venha receber por ti.» Felizmente a sociedade já passou um severo correctivo a este sujeito tão pequeno em estatura como grande em desvergonha.

Quanto á justiça, elle bem sabe que se realmente existisse lhe reservaria um logar dos que estão sendo ocupados por outros com muita menos culpa que elle.

*

«Foram promovidos por valiosos serviços prestados á patria, e á republica, S. Ex.as Capitão Cascudo e Tenente Fonseca».

Esses dois herois, entre outros serviços prestados á «patria» etc. no espinhoso cargo que ocupam de mantenedores da «ordem», têm a salienta-los o glorioso assalto dado á Internacional dos Operarios, pelos esbirros sob seu comando e outras *cositas más*...

*

Mais uma monstruosidade acaba de ser praticada pelos bandidos que infestam esta infeliz terra de Braz Cubas.

Desta vez a victima foi o companheiro Domingues Dias, assaltado em plena rua, e encarcerado na bastilha local, depois de lhe terem forjado um processo, sem elle ser ouvido nem cheirado para nada, condenando-o a 8 meses e dias de prisão.

Sabem os companheiros o grande crime praticado por Domingues Dias? Feriu levemente, durante a ultima greve, um lacaio do abutre capitalista para obstar que elle os atraiçoasse, na luta. Por conseguinte Domingues foi encarcerado por grevista, por reclamar os seus direitos e por protestar contra o roubo vergonhoso de que era victima.

Este procedimento vil, por parte da caftinagem que explora a celebre prostituta, conhecida geralmente por «justiça», precisa um correctivo em regra; e a nós operarios pertence a tarefa: a postos, companheiros! Arranquemos o nosso companheiro das mãos dos tiranos.

É provavel que aqui se realize um comicio de protesto, abrindo-se uma subscrição para mais esta victima do odio burguês.

Não seria possivel imitarem-nos os companheiros d'ahi?

Esperamos até ver.

Santos, 6 — I — 906.

UM OPRIMIDO

-+-+--+-+-

CAMPINAS

Em o salão principal da Sociedade *Erntracht*, gentilmente cedido pela respectiva directoria, realizou-se ás 11 horas da manhã do dia 6 do corrente a primeira assembleia geral da *Liga Operaria de Campinas*, para discussão dos Estatutos e eleição do Conselho administrativo definitivo.

A sessão, que foi presidida pelo nosso dedicado companheiro Arsenio Pompilio de Camargo, correu animadissima durante os trabalhos, verificando-se a presença de cerca de 300 operarios de diversos ramos.

Após a leitura e aprovação da acta antecedente, o presidente convidou a comissão dos Estatutos, composta dos companheiros Jayme Oppermann, José Fernandes, José do Prado, Bernardo de Souza e Jayme Moreira a apresentar o seu trabalho. Durante a leitura, estabeleceu-se entre os assistentes animada, porém cordial discussão, sendo, afinal o mesmo aprovado, com algumas emendas propostas por diversos socios e aceitas pela assembleia.

Em seguida passou-se a proceder á eleição do Conselho Admitistrativo definitivo, que ficou assim constituido:

Tesoureiro, Manuel José de Abreu; Conselho: Jorge Closel, José Fernandes, Lourenço Lüders, Jayme Oppermann, Alfredo de Almeida e Bernardo Antonio de Sousa.

Como se achassem presentes os eleitos, o presidente convidou-os a tomarem posse dos seus cargos na mesma ocasião, o que foi feito sob uma salva de palmas.

A assembleia terminou ás 4,45 da tarde.

Campinas, 10 — I — 906.

J. ROMEIRA

Tsar em miniatura

Na *Gazeta de Noticias*, de 5 do corrente, e sob a epigrafe «O movimento anarquista», vem uma publicação «a pedido» do sr. Antonio A. Pinto Machado, presidente da União Operaria do Engenho de Dentro e redactor da *União Operaria* — como elle manda imprimir em seus cartões.

Diz que o camarada Magrassi prima por insultar! Viram os leitores a correspondecia do Rio, no número passado? Um pouco irreverente, como convem a um inconoclasta, e nada mais. O Magrassi primar pelo insulto! Chega a ser uma ideia comica para quem conhece, não só a sua exemplar tolerancia e correcção, mas a sua excepcional e invejavel *paciencia* em aturar os adversarios mais escandecidos! Que o digam os membros da local União dos Trabalhadores Graficos, de que foi socio activo e estimado.

O amavel presidente vai mais longe. «A União Operaria do Engenho de Dentro, a que presido, não consente em seu seio esses elementos, *não só pelas teorias* (bem dizia o Magrassi), como porque *todos* os que as sustentam possuem uma forma original de convencer, que é insultar aquelles que não lêem pela mesma cartilha.»

Isto é que é um verdadeiro insulto, uma ofensa gratuita, caluniosa, dirigida contra pessoas que elle não conhece. E antes de aparecer o nosso periodico, o sr. Machado fartou-se de insultar grosseiramente camaradas nossos, chamando-lhes bebados, desordeiros, desorganizadores, inconscientes, não associados, como se a unica associação existente no Rio fosse a que elle *dirige*. Nós oferecemos aos leitores um meio simples de fazerem uma pequena comparação: entre o nosso jornal e a «União Operaria», quasi exclusivamente consagrada ao culto de pequenos idolos. Qual terá mais ideias, mais argumentos? Mas nós só sabemos insultar!...

A questão não é de insultos. Para este presidente (não se ofenda!), os insultos são *as nossas teorias*. Elle o diz. Elle o confirma quando, em sua folha, falando do seu congresso, escreve: «Só poderão tomar parte no congresso os socialistas (que socialistas?!), *ficando prohibido os elementos revolucionarios.*» (É textual! Pobre grammatica!)

E noutro logar: «Colocamos a vida intima da União ás escancaras, para quem quiser ver e tiver educação de: gostando, aplaudir, ou *desgostando-se, respeitar*» (o sublinhado é delle). Ou tudo da sua opinião, ou rua! Sendo preciso, emprega-se a força: é elle que o diz. Não sabemos se já instituiu um corpo de cosacos.

O caso é este: nós não atacamos as pessoas. O sr. Pinto Machado póde ser muito boa pessoa; mas isso está fóra da questão. As qualidades pessoaes não nos importam. O que criticamos são as *funções* e os seus efeitos; e quando aquellas e estes são funestos, combatemo-los. A influencia reciproca entre a função, as condições sociaes, de relação dum lado, e do outro as qualidades pessoaes é uma questão complexa que fica de parte.

São as nossas ideias sobre as *funções publicas* que o sr. Pinto considera insultos. Na «União Operaria», que devia ser franqueada a todos, sem distinção de opiniões, ha exclusão de trabalhadores por motivos de *teorias*, e não em virtude de insultos, que podem resultar dum *temperamento individual* e não dum sistema doutrinal. Como diabo saberá aquelle presidente, apesar de presidente, que *todos* os anarquistas primam pelo insulto?

O sr. Pinto Machado, presidente, não póde tolerar gente que não quer presidentes. Elle vê a questão dum ponto de vista, diremos assim, governamental. Como qualquer chefe, considera malcriado, criminoso de lesa-majestade, todo aquelle que lhe contesta a legitimidade ou a utilidade da sua função. Um rei, um tsar declara traidor á patria, inimigo da sociedade (a sociedade é elle), o atrevido inconoclasta, e condena-o em consequencia. O presidente Machado expulsa e até cortará com o gume do seu nome os que se atreverem a querer «desorganizar» a União — que é elle — quando afinal a sua função inutil e parasitaria é que não deixa que essa organização se aperfeiçoe.

Todos os chefes se parecem, variando na quantidade. O sr. Pinto Machado, como Niclau II, podia ser tsar da Russia: não lhe falta, para isso, a mediocridade (não se ofenda!) nem... as medalhas, que elle ostenta num retrato publicado no seu jornal... O tsar está em riscos de *marchar*: fique pronto para o substituir, sr. Nicolau Pinto Machado!...

Fabulas e parabolas

VICTOR, AS PERAS E O TERREMOTO

Victor era um menino feliz, filho de pais ricos e honestos. Tinha um jardim com uma pereira magnifica, que dava cada anno 16 peras bellissimas, muito agradaveis á vista e valendo certamente mais dum milhão de liras cada uma.

Neste jardim, havia um camponês, magro, feio, sujo e meio idiota, que cavava continuamente e suava, e com o seu suor regava a pereira, a qual crecia robusta e verdejante, nunca deixando sem peras o menino Victor.

Mas esse camponês não as comia, por lho haverem prohibido um tal Deus e a sua propria vontade; contentava-se com engulir de vez em quando um chicharo ou um par de feijões, e assim crecia, magro, feio, sujo e meio idiota, sendo a mais feia coisa desta terra.

Um dia sobreveio um terremoto, que derrubou a miseravel pocilga, onde dormia o camponio, lá no fundo do jardim. O pobre ficou desprovido de tudo e na impossibilidade de continuar a cavar e a suar para fazer crecer a pereira.

[illegible], subindo á despensa, onde guardava as peras que lhe sobravam, pois que era muito poupado, cortou uma pera em 10 pedaços e deu um ao pobre homem, que todo contente, se pôs a agitar a unica mão que lhe deixára o terremoto e a gritar: Viva o menino Victor!

Moral: O menino Victor é um menino de coração.

RICCIARDETTO

(Do italiano)

FALTA DE ESPAÇO

A grande falta de espaço obriga-nos a não inserir varios artigos e secções. Só a publicação semanal do periodico poderá remediar este inconveniete. Esperamos que com o auxilio dos companheiros, o possamos fazer em breve.

Entretanto o que mais temos é falta de espaço e de... dinheiro.

PROPAGANDA POPULAR

Os camaradas que desejarem distribuir gratuitamente o folheto «Porque Somos Anarquistas», podem obter nesta redacção 1 pacote de 50 exemplares por 500 reis. Todos os pedidos, até total esgotamento da edição, serão satisfeitos, embora não acompanhados da respectiva importancia

Caixa do correio

Rio. — *Vasques.* «Carta a Pio VII» esgotou-se, apesar de ir anunciada, por descuido, na [illegible]. Com abundancia só temos Porque S. A. [illegible]. Quantos queres? — *A. Santos.* Foram [illegible]. — *Almeida.* Recebemos 2$. Foram folhetos.

Uberaba. — *Napoli.* Descança, [illegible] somos negociantes. Manda o que puderes e quando puderes. Queres mais opusculos [illegible]?

Campinas. — *Riet.* Será publicado logo que houver espaço; tambem chegou bastante tarde. Parabens pela *vinda* da [illegible] Aurora: esperamos que a livrarás dos prejuizos, assim como a livraste da agua [illegible] e do cuspo do padreca.

Capimfino. — [illegible]. Recebemos 3$500. Foram folhetos.

Santos. — [illegible]. Esqueceste mandar o endereço; [illegible] escrever-te. Saude.

Girando pela cidade

UM SINDICATO

Sabado, 6 do corrente, na séde da Federação Operaria, reuniram-se os operarios marmoristas, lançando as bases da sua sociedade de resistencia, que tomou o nome de *Sindicato dos Trabalhadores em Marmore.*

A nova sociedade, que reune a maioria da classe, tenciona desde já obter as 8 horas de trabalho. Boa iniciativa e bom exemplo! Se todos os trabalhadores se organizassem e fizessem o mesmo como pretendem fazer na França!

Amanhã, 13, reunem-se ás 6 horas da manhã, na Travessa da Sé, 2, para tratar de assumptos concernentes á sua associação.

A GENTE HONESTA

Um camarada regista na *Battaglia* um facto verdadeiramente digno de nota, é um exemplo tipico da caridade, a hipocrita mascara burguesa: O sr. Miguel Melillo oferece ao Hospital Humberto I, desta cidade, *a importancia das multas pagas durante 1905 pelos operarios da sua fabrica de calçado.*

A este digno filantropo tecerão os jornaes rasgados elogios, publicando-lhe em almanaques o retrato acompanhado de biografia: «construiu uma fortuna pelo esforço pertinaz do seu trabalho», etc. Será venerado, respeitado, e elle proprio, com toda a boa fé, se considerará o mais honrado e respeitavel dos seres.

Não importam as angustias causadas por uma multa a um operario, farto de trabalhar e já mal pago; não importa o desequilibrio das suas miseras finanças, o bocado de pão com que contava o que lhe é de subito arrancado... Gloria ao generoso, ao magnanimo! Falem as gazetas!

«Que canalhas que são as pessoas honestas!» dizia Zola.

LIGHT & POWER

Tal é o titulo duma poderosa companhia que, com o esforço mal retribuido dos trabalhadores a seu serviço, distribue *luz e força* electrica a S. Paulo, em troca, porém, dum despotismo bastante pesado.

Isto parece delles: o dinheiro é um bem potente instrumento de tirania! Não contente de explorar atrozmente a população, explora ainda mais os seus empregados, como os motorneiros e os conductores de bondes, obrigados a uma fadiga mal paga, sujeitos aos rigores do regulamento, ás exigencias e caprichos do publico e, segundo nos informam, a certas arbitrariedades suplementares dos mandões.

Muito agradeceriamos quaesquer informações exactas sobre a situação dessa classe de trabalhadores.

FESTA LIBERTARIA

A festa realizada em 31 de dezembro em favor de *La Battaglia,* obteve um exito satisfactorio. As peças representadas, bem como a conferencia de Ristori, agradaram muito á numerosa concorrencia. Houve profusa distribuição de jornaes.

REUNIÃO INTIMA

A *União dos Trabalhadores Graficos* organizou, para a inauguração da séde social, uma festa intima que se realizará hoje, ás 8 horas da noite, na Travessa da Sé, 2 (Sobrado).

Gratos pelo convite recebido.

A todas as perguntas e objecções que nos forem feitas sobre as ideias aqui expostas ou sobre um ponto qualquer da questão social, responderemos nestas colunas da melhor forma que pudermos.

Dentro das associações

União dos Trabalhadores Graficos

Esta forte associação, surgida em março de 1904 [illegible] da Associação das Artes Graficas com [illegible] Tipographico Paulistano, conta em seu seio [illegible] de socios, dos quaes a maioria [illegible] com as [illegible]. [illegible] pelo operarios da [illegible] das artes graficas, que são explorados [illegible] operarios. Podem ser socios de [illegible]

A União dos Trabalhadores Graficos tem por fim:

a) Obter a diminuição de horas de trabalho e o aumento dos ordenados compativeis com as condições locaes; assim como os melhoramentos tendentes á elevação das condições higienicas, materiaes, tecnicas e moraes da classe;

b) Regulamentar a admissão de aprendizes nas oficinas graficas;

c) Obter que os ordenados sejam pagos, no maximo, quinzenal e pontualmente;

d) Introduzir uma tarifa para o trabalho, estabelecendo o salario minimo e o horario maximo;

e) Subsidiar os socios desempregados e auxilia-los na procura de colocação;

f) Promover a organização de sociedades congeneres a esta em outras localidades;

g) Estimular o espirito de solidariedade entre os operarios graficos;

h) Instalar uma biblioteca que possa ser frequentada pelos associados;

i) Promover festas, diversões e conferencias;

j) Publicar um periodico para tratar dos interesses da classe e progresso das artes graficas;

k) Obter a abolição do trabalho dominical;

l) Prestar apoio moral a seus associados, para que não sejam maltratados nas oficinas, tomando conhecimento das irregularidades que nellas se derem, afim de providenciar como for de justiça.

Com este programa ella já tem sustentado algumas lutas, que se não deram o resultado almejado é que o terreno não estava ainda preparado por uma bem orientada propaganda e muitos interesses pessoaes se interpunham para lhe estorvar o caminho.

E que estes interesses pessoaes existiam, o prova o facto da hostilidade de alguns chefes de oficina ás tarifas projectadas, as suas intrigas reles contra a União, até chegar á fundação de um sindicato amarelo denominado «Gremio Tipografico Paulistano», surto em defesa e com o auxilio dos patrões, em prejuizo dos operarios organizados.

A questão do *Estado de S. Paulo,* em que o proprietario desta folha despede onze antigos operarios só por serem socios desta União, prova-nos a perversidade dos inimigos da classe operaria.

Mas, apesar de tudo, a União progride e já organizou uma série de palestras operarias para instrução de seus membros; sua biblioteca já está rica de numerosos volumes e sempre progride.

Almejamos que ella possa vencer a crise provocada pelos amarelos traidores, e que, brevemente, todos os tipografos, desiludidos de fallazes promessas e aparencias, vivam unidos sob o mesmo pendão e possam marchar á conquista de um futuro mais lisonjeiro que o presente.

E. B.

União dos Chapeleiros

É este o mais velho dos sindicatos de S. Paulo e tambem o que mais lutas tem sustentado, das quaes, na sua maioria tem saido vencedor.

Excluindo-se o pessoal de duas ou três casas, que devido á [illegible] dos operarios, os proprietarios têm conseguido conservar refractario á organização, os restantes trabalhadores desta categoria estão associados.

Dizemos inconsciencia porque para o provar está ahi o facto de conservarem-se os operarios organizados como homens de brio nada mais fazendo para se manterem na casa em que trabalham do que dar conta do seu trabalho, em quanto os não associados, para estarem nas boas graças do snr. patrão, esperam sempre a primeira oportunidade para lhe oferecerem mimos e presentes.

Na semana passada o snr. João Ganci, proprietario de uma fabrica de chapeus da rua Florencio de Abreu, com quem a associação já teve uma questão, despediu quatro operarios devido a uma futilidade qualquer. Como é natural os despedidos recorreram á sua associação, que mandou uma comissão intender-se com o dito senhor. A principio comprometeu-se a admitir dous dos despedidos mas insistindo a comissão, voltaram todos.

Aproveitando a ocasião a sociedade formulou um horario de trabalho que foi aceito pelo proprietario.

Ahi têm os que ainda não comprehenderam o valor da associação um exemplo: foram despedidos quatro operarios pelo simples motivo de serem conscientes e não se submeterem aos caprichos dos patrões e pela acção de sua agremiação foram reintegrados em seus logares.

Ainda bem que nem todos se conservam surdos aos apellos de seus companheiros, pois só nos primeiros dias do mês entraram como socios uns 30 operarios duma só casa, número não desprezavel se tivermos em conta a totalidade dos chapeleiros de S. Paulo.

União Operaria

A *Federação Operaria de São Paulo,* procurando associar todos os operarios e notando que existem alguns pertencentes a classes que ainda não tem organização desejosos de se associarem, resolveu fundar a *União Operaria,* da qual poderão fazer parte operarios de todas as categorias, para que, em havendo 25 dum só ramo, se funde um sindicato independente.

Para o dia 21 do mês passado foi convocada uma reunião para a sua fundação, mas, devido ao pessimo tempo não pôde realizar-se, tendo ficado adiada para amanhã, conforme o boletim novamente espalhado pela Federação.

São, pois, convidados todos os trabalhadores para a reunião que se realizará amanhã na séde da Federação, Travessa da Sé, 2.

Liga dos Pedreiros e Anexos

É com pesar que vimos constatar o estado pouco animador desta liga. Fundada com grande entusiasmo, tendo os seus fundadores demonstrado no seu inicio uma actividade dignas de operarios conscientes, a lista dos seus associados atingiu um número bastante prometedor; mas pela falta de um local onde os mesmos se pudessem reunir para ler e palestrar, o desanimo foi penetrando nas suas fileiras e, tambem um pouco pelo descuido daquelles que a principio se tinham demonstrado activos, chegou ella ao estado actual.

Têm sido convocadas diversas assembleias para ver se podiam ser tomadas quaesquer deliberações a proposito, mas sempre pelo diminuto número dos que comparecem, não têm conseguido realiza-las.

Para nós a maior causa desta apatia pertence áquelles que comprehendendo a necessidade da sua associação e tendo sido seus fundadores, em vez de lhe dedicar os seus esforços, preferem perder o seu tempo numa agremiação politica que não têm dado resultado positivo algum, nada mais tendo feito do que desviar das sociedades de resistencia, para ella, bons elementos e para quê? para do torvelinho das questões puramente pessoaes resultar qual deve ser o grupo que deve dominar.

Isto num meio como o nosso em que começa a manifestar-se o movimento operario, é o que pode haver de mais prejudicial.

Não, companheiros, não continueis assim. É nas ligas que o trabalhador adquire aquelle espirito de solidariedade tão necessario nas nossas lutas: é nas associações que o operario começa a comprehender que os seus interesses são antagonicos aos dos capitalistas e que, portanto, com elles não pode estar senão em luta.

Vinde a ella, pois, que assim fareis com que os vossos companheiros façam outro tanto. A associação, que ella precisa dos vossos esforços.

ATENÇÃO!

Os originaes e correspondencias devem ser-nos enviados antes da terça-feira da semana em que o jornal é publicado.

«Aurora»

Não tendo podido aparecer em dezembro, esta revista dará um número duplo nos fins de janeiro.

Este número trará a conclusão do estudo de Kropotkine *As Prisões,* e da peça teatral *Mas alguem desmanchou a festa,* inserindo além disso varios artigos interessantes, sobre a lingua internacional Esperanto, a guerra, etc.

Pede-se aos agentes e assinantes em atraso a remessa urgente das quantias recebidas e das assinaturas não pagas. O deficit é elevado. Em fevereiro será publicado o balanço annual.

Registo d'entrada

— *Novo Rumo.* Recebemos o 1.º numero deste periodico que [illegible] virá decerto de instrumento de propaganda e de combate num meio operario tão vasto como aquelle em que exercem a sua acção. O seu endereço não é como anunciamos, mas: Rua do Hospicio, 210 — Rio de Janeiro.

— *El Volcán Social,* periodico que os anarquistas de Buenos Aires, apesar do estado de sitio (levantado ha poucos dias), faziam surgir clandestinamente.

El Hombre y la Tierra

Esta grandiosa obra de Reclus tem uma edição espanhola monumental. A tradução é devida á penna do conhecido e integro revolucionario Anselmo Lorenzo, sob a revisão de Odón de Buen.

SUMMÁRIO DA OBRA

Os primitivos: Origens — Meios telluricos — Trabalho — Povos retardatarios — Familias, Classes, Povos — Ritmo da Historia.

Historia Antiga: Irania — Caucasia — Potamia — Fenicia — Palestina — Egipto — Libia — Grecia — Ilhas e Costas helenicas — Roma — Oriente chinês — India — Mundos longinquos.

Historia Moderna: Cristãos — Barbaros — A segunda Roma — Arabes e Berberes — Carolingios e Normandos — Cavalleiros e Cruzados — Comunas — Monarquias — Mongoes, Turcos, Tartaros e Chineses — Descobrimento da Terra — Renascença — Reforma e Companhia de Jesus — Colonias — Rei Sol — Seculo XVIII — Revolução — Contra-Revolução — Nacionalidades — Negros e Mujiks.

Historia Contemporanea: Internacionaes — Partilha do mundo — Povoamento da Terra — Repartição dos Homens, Demografia — Latinos, Germanos, Russos, Asiaticos, Ingleses, Americanos — Estados — Propriedade — Industria — Sciencia — Educação — Progresso.

EL HOMBRE Y LA TIERRA formará quatro tomos de regulares dimensões, com cêrca de mil gravuras.

Publicar-se-á semanalmente um fasciculo de 24 paginas, por 50 CENTIMOS DE PESETA.

Os pedidos podem ser feitos directamente ao administrador ALBERTO MARTÍN — Apartado de Correos 266 — Barcelona; ou por intermedio desta redacção.

Leiam:

AURORA

Revista mensal de critica social e literatura.

Assinaturas:

Anno, 4$000; semestre, 2$000; trimestre, 1$000.

A quem assinar por um anno, a *Aurora* oferece uma das seguintes brochuras a escolher:

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista, por Eliseu Reclus.

Almanach de la Révolution pour 1906 (em francês).

Un «Almanacco» libertario per 1906 (em italiano).

Juntamente com a *Terra livre,* mas sem direito a premio:

Anno, 7$000; semestre, 3$500; trimestre, 2$000.

Rua Santa Cruz da Figueira, 1 — São Paulo.

NOVO RUMO

Periodico socialista-anarquico.

Endereço: Rua do Hospicio, 210 (1.º andar) Rio de Janeiro.

LA BATTAGLIA

Periodico settimanale anarchico.

Avenida Tiradentes, 164 — S. Paulo.

Anno, 10$000; semestre, 5$000; trimestre, 3$000.

La corrispondenza amministrativa dev'essere diretta a Tebaldo Soderi, rua do Lavapés, 279, S. Paulo.

L'UNIVERSITÀ POPOLARE

Rivista quindicinale diretta dall'avv. Luigi Molinari.

Via Tito Speri, 13 — Mantova, Italia.

Programma per l'anno 1906:

Luigi Molinari — *L'Universo ed il nostro sistema solare.*

A. Hamon — *1. Definizione del Socialismo e delle sue varietà. — 2. Definizione dell'Anarchia e delle sue varietà.*

G. Séailles — *La filosofia del lavoro.*

Ing. E. Cianetti — *Conferenze scientifiche.*

C. A. Traversi — *L'assolto (dramma sociale in un atto).*

Dott. A. Ranfaldi — *La nutrizione.* Ecc.

Anno, 5$000; semestre, 2$500. (Nesta redacção)

(Manda-se um número especime).

IL PENSIERO

Rivista quindicinale di sociologia, arte e letteratura.

(Propaganda socialista-anarchica)

Redattori: P. Gori, L. Fabbri e L. Merlino.

Anno, 5$500; semestre, 3$000 (Nesta redacção).

LES TEMPS NOUVEAUX

Ex-journal «La Révolte»

Paraissant tous les samedis

avec un supplément littéraire illustré

4, rue Broca — Paris, V

Anno, 6$000; semestre, 3$000. (Nesta redacção).

(Manda-se um número especime)

RÉGÉNÉRATION

Organe de la Ligue de la Régénération Humaine

Fondée par Paul Robin.

Procréation consciente et limitée

27, rue de la Duée — Paris, XX

Anno (12 numeros), 1$500 (nesta redacção)

BIBLIOTECA DA «TERRA LIVRE»

Em lingua portuguesa:

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista, Eliseu Reclus (152 pág.)	1$000
Porque somos Anarquistas? S. Merlino	$100
Livre exame, Paraf-Javal	$100
O Cristianismo e a Razão, Pi y Margall	200
Historia dum cérebro, E. de Carvalho	400
Carta escrita a Pio Setimo, C. M. Talleyrand	400
Um seculo d'expectativa, Kropotkine	300

Em lingua espanhola:

El Estado, su papel historico, Kropotkine	300
Cantos augurales, Armand Vasseur	2$000
Alma Social (dialogo), Miguel Rey	600

Em lingua italiana:

La Peste Religiosa, Most	100
Sindacalismo e Rivoluzione Sociale	200
Il Socialismo e Mazzini, Bacunine	$400
L'Anarchia, Malatesta	$200
Deismo e materialismo, O. Ristori	$200
La Giustizia Penale, Enrico Ferri	1$500

Munições para o periodico

SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA (n. 1)

Lista de Edgard: E. Leuenroth, 5$; C. Corrado, 2$; C. Rodrigues, 2$; M., 500; Achille Pozzi, 500; Luis Lorenzi, 2$; G. Piccolo, 1$; venda, 1$	14$000
Lista de Moscoso: Alejandro, 2$; Romero, 1$500; Galileo, 1$; Gallo, 4$; diversos operarios, 1$; venda, 600	10$100
Lista de Orellana: A. Compaña, 2$; P. Orellana, 5$; A. Orellana, 5$; José S. Duro, 3$	15$000
Lista de Tavani: Senza Confini, 1$; Minguzzi, 5$; Manelli, 1$; Fachamala, 5$; Manudri, 1$, E. Prozzi, 1$, G. Bottino, 1$, Ex-coatto, 5$, Silerio, 1$	21$000
Recebido de Barini (a lista será publicada no proximo número)	10$000
Total	70$100

SAIDAS (n. 1)

Manifestos	4.000
Termo de responsabilidade	10.300
Carimbo	5.000
Cliché do titulo	12.000
Tipografia	50.000
Impressão e papel (3.000 ex.)	30.000
Correio	9.500
Total	120.800
ENTRADAS	70.100
Deficit	[illegible]

Aquelles que nos enviarem dinheiro devem especificar cuidadosamente o que é para a subscrição voluntaria e o que é para assinaturas.

Pedimos a todos os agentes que nos mandem o dinheiro á medida que o recebam, não esperando juntar grandes quantias. Isto é duma grande conveniencia para a administração do jornal.

A Terra Livre, São Paulo, 07 de Fevereiro de 1906, Anno I, Número 3.

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE. — GŒTHE

ANNO I — SÃO PAULO (BRASIL) — QUARTA-FEIRA, 7 DE FEVEREIRO DE 1906 — NÚMERO 3

EXPEDINETE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita tambem assinaturas nas seguintes condições:

Serie de 25 numeros	.	4$000
« « 12 «	.	2$000
« « 6 «	.	1$000

Os nomes ou pseudonimos dos subscritores voluntarios serão publicados no logar competente; mas não assim os dos assinantes, a quem o administrador passará recibo, publicando só as importancias recebidas. Administrador é o camarada EDGARD LEUENROTH; mas para evitar perdas de tempo, a correspondencia deve ser enviada a *Neno Vasco* — **Rua Santa Cruz da Figueira, 1 — São Paulo.**

***

Áquelles que desejem continuar lendo *a Terra livre* pedimos que o façam saber quanto antes a esta redacção. Os agentes devem comunicar o número de exemplares de que precisam. Necessitamos regular a nossa tiragem.

***

Pedimos aos assinantes que satisfaçam sem demora a importancia das suas assinaturas, para o bom andamento da nossa administração.

Partido operario?

Trata um grupo de trabalhadores, graficos sobretudo, de fundar um «partido operario» em S. Paulo.

Não sabemos ainda qual seja o seu programa por completo ou mesmo se o terá... Mas sabemos que adoptará a tactica eleitoral e desconfiamos bem que seja simplesmente um grupo todo consagrado ás intrigas eleiçoeiras, trazendo a discordia para o movimento operario, estorvando a constituição natural e gradual do verdadeiro partido do trabalho.

Porque evidentemente o nome de «partido operario» é usurpado e abusivo. Só póde haver um partido operario: aquelle que possa admitir em seu seio todos os operarios e só os operarios, baseando-se sobre os interesses comuns a todos e por todos comprehendidos ou sentidos. Para isso é preciso achar-lhe um solido terreno de acordo.

A base do acôrdo não póde achar-se nos interesses e ideaes indecisos, contraditorios e pouco comprehensiveis da politica e da religião. E' *um facto* que o acordo não existe nesses pontos, nem teria uma base segura sobre que assentar-se.

A politica parlamentar, por exemplo, divide os operarios, que de politica se ocupam, em duas fracções bem distintas: a dos partidarios e a dos inimigos da acção eleitoral e parlamentar. E entre os primeiros produz ainda rivalidades de partido, de candidatos, de pessoas, as mesquinhas intrigas que formigam na feira eleitoral.

Um partido politico não é exclusivamente operario. Embora se proclame fundado sobre a luta de classes, admite em seu seio aspirações, tendencias e habitos mais ou menos estranhos á vida operaria, e que podem ser legitimos e legitimamente integrar-se nas reivindicações do partido, mas que podem igualmente adquirir uma perigosa preponderancia. E neste sentido, o parlamentarismo é muito capaz — os factos ensinam — de canalizar ferteis movimentos pelas vias escuras e tortuosas das ambições pessoaes...

A unica base de acordo existente e possivel para o «partido operario» são os interesses economicos comuns a todos os trabalhadores. Só elles são susceptiveis de agrupar, de solidarizar os operarios que lutam pela sua emancipação, os activos, os conscientes. Muito mais facilmente do que quaesquer principios politicos — monarquicos, republicanos ou anarquicos — elles podem chamar á acção, ao movimento, os elementos inactivos e indiferentes, que não comprehendem os ideaes politicos ou que não dariam um passo por uma tactica determinada.

Certamente, o verdadeiro partido operario não baniria da sua actividade a *luta politica*: baniria unicamente as tacticas politicas que dividem o proletariado, devolvendo-as aos respectivos partidos, pelos quaes os operarios se acham repartidos, em companhia mais ou menos umenrosa de burgueses, semi-burgueses, literatos e idealistas...

Faria como em religião. Embora inconfessional em materia religiosa, não deixaria por isso de combater os padres, colocados ao lado dos patrões ou fundadores de associações operarias destinados a desorganizar o proletariado e a embaraçar a sua marcha. Do mesmo modo, embora neutral em politica, não deixaria de lutar, no terreno em que todos estão de acordo, contra as arbitrariedades governamentaes e policiescas, contra a intervenção da autoridade politica nas greves, nos conflictos entre o capital e o trabalho, contra a violação dos direitos de associação, de reunião, de palavra.

Esse partido elabora-se lenta mas seguramente: os operarios constituem sindicatos profissionaes ou de industria, os sindicatos agrupam-se em federações, a federações reunem-se numa confederação, limitando-se primeiro a um país, para mais tarde se ligar com as outras internacionalmente.

E' um grande e solido partido, com base firme, formando-se de baixo para cima, do simples para o composto. Não ha comités directivos, não ha cabeças — facilmente decapitaveis. Autonomia do individuo dentro do sindicato, do sindicato dentro da federação, da federação dentro da confederação. A liberdade na unidade. E' um organismo vivo em todas as suas partes, um oceano agitado em todas as suas vagas. Faz-se um apello a todas as energias; pela propaganda e pela acção, faz-se a educação mutua no sentido de evitar que os individuos possam admitir chefes e depositar nelles a sua confiança, a sua iniciativa, ficando desorientados quando esses chefes são empolgados pelo adversario.

Tal é o «partido do trabalho» que se elabora e que é já forte em França, onde toma forma na Confederação Geral do Trabalho.

E citamos intencionalmente o salutar exemplo da França revolucionaria, não só por ser ali que esta ideia está mais perto da sua integral realização, não só por querêrmos chamar á atenção dos leitores para o artigo que publicaremos no proximo numero, na serie *O sindicalismo em França* — no qual damos a palavra a alguns entre os mais activos operarios franceses, militantes na Confederação e redactores do orgam *La Voix du Peuple*, — mas sobretudo em razão dos factos retumbantes que puseram ultimamente em foco as organizações operarias daquelle país: a expulsão da Confederação do edificio da Bolsa de Paris e o encerramento de outras — por obra das municipalidades; o processo dos antimilitaristas, etc. O poder politico, temeroso da crecente agitação operaria, julgou atirar golpes á *cabeça*... que não existia. Não fez senão pôr em efervescencia todo o operariado militante, contribuindo para a maior vitalidade da organização e fazendo redobrar dum modo admiravel a propaganda e a agitação contra o militarismo e a guerra, e a favor das 8 horas (6 em alguns pontos).

O estado de espirito dum verdadeiro partido operario — partido de classe economicamente organizado, alheio ás divisões politicas — encontrou-se ainda na actual revolução russa. Assim nos informa *La Tribune Russe*, redigida por um socialista revolucionario russo em Paris. E' a atitude logica, o procedimento dos momentos decisivos.

Fortemente estribados na prova indestrutivel dos factos, da experiencia social, esperamos não prègar inteiramente em vão. Muito tempo se ganharia se o proletariado do Brasil, aproveitando o exemplo de fóra, evitasse os escolhos em que bateu o operariado dos outros países.

***

Muito resta para dizer sobre o pretendido «partido operario» e sobre o gracioso manifesto eleitoral de «muitos operarios eleitores» — ao qual, aliás, por ser de *muitos*, já bastaria talvez o seu veneravel fiasco... Mas temos que deixar isso para o proximo numero.

Fundação do sindicato

Muitas vezes os trabalhadores se acham embaraçados tratando de fundar uma sociedade de resistencia. E no entanto nada mais simples.

O grupo, que tomou a iniciativa da constituição do sindicato, reune-se e encarrega um individuo ou uma comissão de elaborar um projecto de estatutos, de pacto associativo, que será depois discutido em assembleia geral, após convite dirigido a todos os operarios que se procura agremiar.

Esse pacto social deve ser o mais resumido possivel, despido de [illegible] vos á acção sindical. Em todos os seus actos, o sindicato deve abolir as formalidades inuteis, simplificando tudo. Quem quer agir depressa e muito, constantemente, veste pouca roupa e foge ás... camisas de força; quem emprehende uma viagem longa, para caminhar ligeiro leva bagagem leve. Em França uma activa organização de camponeses, gente prática e pouco formalista, tem uns estatutos com 9 artigos.

Em geral, o pacto social deve estatuir apenas estes pontos:

1.º — Os fins do sindicato, que a nosso ver devem ser: *a)* immediatos, o melhoramento das condições presentes, a propaganda associativa, a educação; *b)* a emancipação integral do trabalhador.

2.º — A não participação do sindicato na luta dum partido politico.

3.º — A não admissão de patrões e pelo menos a exclusão da administração dos que têm compromissos com os patrões, sendo seus empregados de confiança, como os contramestres; exclusão rigorosa, igualmente, de politicos profissionaes. Só poderão fazer parte do sindicato os salariados em quanto exercerem o seu oficio, salvo o caso de desocupação forçada.

4.º — Porta fechada aos funcionarios pagos. Quando o socio perde horas de trabalho em serviço do sindicato, deve receber como indenização unicamente o que ganharia em média exercendo o seu oficio; mas isto apenas *quando* e *em quanto* o serviço do sindicato é incompativel com o exercicio da profissão. Este ponto é importante, e a elle voltaremos em artigo especial.

5.º — Uma administração reduzida á sua mais simples expressão: um secretario (ou mais, se o exigir o serviço) e um tesoureiro; quando muito alguns conselheiros e revisores de contas. Estas funções são puramente administrativas, e não directivas; trata-se dum serviço, dum trabalho a executar segundo um encargo dado e aceito e escrupulosamente cumprido. Estes funcionarios não mandam mas trabalham; não impõem ideias ou vontades proprias, mas executam resoluções tomadas.

Devem ser substituidos com frequencia, [illegible] só porque estas funções são um encargo e [illegible] uma honra ou um privilegio, mas tambem porque contribuem para a educação dos operarios.

A estes pontos podem juntar-se outros que variam segundo as circumstancias: instituição de bibliotecas, de escolas profissionaes, de obras de propaganda, etc.

ATENÇÃO!

O proximo numero da Terra livre *sairá no dia 17 do corrente. Pedimos aos nossos correspondentes que enviem as suas correspondencias, pelo menos até ao dia 13.*

Inimigos de si... e de todos

Parece incrivel, mas ha trabalhadores que causam compaixão e ira ao mesmo tempo, vacilando tanto e reagindo mesmo para entrar na luta contra a actual organisação social, para conquistar os seus direitos tão sem razão arrebatados pelos assambarcadores do Capital, da sciencia e de tudo o que produzimos.

Operarios ha, que embora sintam sêde de justiça, sofram miserias sem fim e vexames a granel, fazem caso omisso da questão social, jazem na mais censuravel apatia e criminosa indiferença, e ainda se atrevem a falar mal dos companheiros que se sacrificam grandemente por libertar-se e libertar a todos da infamante escravidão a que todos os proletarios — uns mais outros menos — estamos submetidos.

Sentem, como sentimos nós — mas não com a mesma vehemencia — a imperiosa necessidade de libertar-se, de nutrir-se melhor, de instruir-se, numa palavra, de viver a vida verdadeira, sem inquietações, alegre, satisfeita; vêem que estão um dia, outro e toda a vida trabalhando como bestas durante dez, onze, 12 e até 15 horas por dia, numa oficina sem ar, sem luz, sem espaço e sob o olhar inquisidor do patrão ou dum assalariado qualquer, mais bem retribuido pelo burguês para que faça o triste papel de espia de seus proprios companheiros e seja um traidor para estes; que depois, quando chegam do trabalho tão penoso, nas pocilgas em que vegetam, em vez de achar um consolo perto de sua companheira e filhos, vêem pelo contrario aquella definhada, suja, esfarrapada, descalça... e os filhos nas mesmas condições, brincando em volta da tuberculose e condenados — como os pais — á ignorancia e a serem burros de carga da repulsiva e odiosa burguesia; que depois de engulirem um *mechido* qualquer, feito com generos deteriorados e quasi sempre insuficiente, vão *descansar* o corpo núm catre que bem se pode dizer que é outro suplicio, porque está como tudo, sujo, duro, e, cheio de parasitas bem conhecidos dos trabalhadores; que vivem sempre sobresaltados pela incerteza sobre se terão que comer no dia de amanhã; que sendo os produtores de tudo, de tudo carecem: alimentação suficiente, vestuario, higiene, alegria...

E não obstante, ha trabalhadores que sofrem tudo isso e são mais reaccionarios que a propria burguesia, porque se esta não quer deixar de bôa vontade os *seus privilegios* extorquidos aos trabalhadores, é porque elles fazem de cada burguês um Deus, e porque o omnipotente Deus que rege com seu poder este pequeno mundiculo que habitamos [illegible] Deus dinheiro [illegible] mais nada: [illegible] o Deus de que nos fala a biblia já ha muito que foi destronado e expulso do planeta Terra por esse outro Deus metálico que reside todo poderoso em cada um e em todos os burgueses. E é por isto que se explica a tenaz resistencia da burguesia. Mas quanto ao trabalhador que não tem nada a perder e tudo a ganhar, que vê os filhos nús, crecerem na ignorancia, sofrerem fome e que quando pedem pão, procura [illegible]-los ou os maltrata para que *[illegible] a fome!* é inexplicavel e incomprehensivel tão criminoso procedimento; eu tenho visto crianças pedirem pão a seus pais, e estes em vez de arranjal-o de qualquer forma e calmar-lhes com elle a necessidade altamente imperiosa de nutrir-se, pega

[illegible] e tocar-lhes e cantar [illegible] ainda, bater nos filhos que [illegible] pedem alimento.

E quem é capaz de fazer o que deixo dito, tambem na fabrica, na oficina e em todas as partes, é um vil espião dos seus companheiros de trabalho para depois ir delata-los ao patrão, adulando-o e tornando-se assim o nosso mais encarniçado inimigo, que obra sempre a favor do burguês.

Apesar de este lhe roubar o fruto do seu trabalho, o bem-estar e a honradade, inda vai como o cão, lamber as mãos que o fustigam e delatar aquelles que lutam pela liberdade propria e dos outros, para que todos tenham que comer. Bemaventurados os mansos borregos, porque d'elles fará a burguesia instrumentos vis para saciar em tudo seu ladravaz apetite.

Mas não importa; aos que não querem lutar pela emancipação de si mesmos e de todos os oprimidos, aos que tão cobardemente procedem, lembramos-lhes que o mundo marcha e marchará sempre, apesar do seu reaccionarismo selvagem, e que serão varridos pelo furacão da revolução social que se aproxima, se a ella se opuserem.

Campinas — 9 — 1 — 906.

FRANCISCO RIOS

Pró "Terra livre,,

A proposta do amigo A. C. começa a dar resultados. O camarada que possa dispor todos os dias dum jornal quotidiano comunica-lo-á á nossa redacção, e aquelle que o desejar assinar, pagará a assinatura delle á *Terra livre*, recebendo-o do camarada doador, que o enviará logo que o tiver lido.

A assinatura do quotidiano póde ser paga por anno, por semestre ou por trimestre, ou ainda de qualquer outro modo, mesmo com abatimento — que é justo.

Cremos que esta combinação convirá principalmente aos que residem no interior, podendo assinar, com uma redução de preço justificada pelo pequeno atraso do jornal; ao passo que é facil aos que residem nas capitaes obterem facilmente um diario.

A' disposição dos leitores, temos, além de alguns jornaes de S. Paulo, a *Gazeta de Noticias* e o *Jornal do Brasil* do Rio, *O Mundo*, de Lisbôa e *O Norte*, do Porto.

O TRABALHO

II

Temos ainda o trabalho que produz, o trabalho que não produz, o trabalho que produz o bem e o trabalho que produz o mal.

Neste caso só tratarei do trabalho humano ou feito pela especie humana.

O trabalho que produz é o esforço maior ou menor feito pelo homem para extrair da natureza e da sciencia o que pode aproveitar para determinados fins.

O trabalho que não produz é o esforço de uma porção de homens empregados em certos ramos de actividade que nada produzem, mas ordenam, fomentam e effectuam uma ordem de leis e cousas na sua quasi totalidade anti-sociaes, degenerativas, corruptoras e destruidoras do que melhor existe.

Neste rol entram os clerigos, os militares, os policias, os comerciantes, os empregados e governadores nas administrações publicas e particulares, as autoridades, os oficiaes de justiça, os se[illegible] e outros innumeros cargos que julgo dispensavel mencionar.

O trabalho que produz o bem, é o esforço feito pelo homem para produzir tudo quanto é util e benefico para todos, procurando a manutenção de tudo quanto de bom existe, aproveitando as forças da natureza, estudando e descobrindo o que ainda ignoramos, transformando a má ordem em outra ordem positiva e justa.

O trabalho que produz o mal, é tambem o esforço do homem que com o seu trabalho produz coisas e objectos prejudiciaes a si mesmo e aos outros: destas cousas e objectos destacam-se entre outros, os que arrasam, os que aniquilam, os que destroçam, como os navios de guerra, os canhões enfim, toda a qualidade de armamento belico; o que fabrica certas materias ou drogas com o fim de fazer o mal a outrem etc.

E' necessario portanto, que dessas quatro partes do trabalho, três sejam abolidas por imprestaveis e prejudiciaes ao homem, ficando unicamente a parte de trabalho que produz o bem, essa mesmo bem aplicada com metodo favoravel para todos e de cada um conforme as suas aplicações, para que se estabeleça igualitariamente a verdadeira vida entre os seres humanos, tal como a sciencia social nos ensina.

O trabalho é hoje distribuido de uma forma tão absurda que causa immensamente a degeneração ou selecção descendente em todas as classes sociaes, especialmente nos extremos da riqueza e da miseria, onde os abarrotados de riqueza morrem de inacção e os despojados da propriedade morrem de excesso de trabalho ou de miseria, por falta de ocupação que hoje se nega a grande parte do operariado, impedindo-o de produzir para si e para os outros.

A causa destes efeitos é um meio que empregam os capitalistas para regular a producão de forma que se mantenha num preço elevado do qual possam tirar o maior lucro possivel e para refrear as reclamações do trabalhador, substituindo por desocupados os que reclamam seus direitos, tendo aquelles quasi sempre a seu lado quando estes pretendem ou mantêm os seus direitos e dignidade, declarando-se em grève ou revoltando-se.

Evitam assim as classes abastadas que as classes desprotegidas e miseras apressem a sua emancipação, conservando-as no mesmo ou peor ostracismo e obscurantismo, perpetuando a miseria, a servidão, a escravidão e humilhação que até hoje os tem reduzidos á mais ignominiosa vegetação.

Hoje os capitalistas para absorver maiores lucros e manter mais firme o latrocinio, substituem os homens pelas maquinas, e por mulheres e crianças, porque são mais submissas, sujeitam-se a salarios exiguos e são mais adaptaveis ao roubo e exploração, não se atrevendo a protestar contra a iniqua usurpação e castigo que brutalmente se lhes aplica.

Este sistema é tambem muito favoravel ao capitalista porque em quanto a criança trabalha na oficina ou no campo não poderá instruir-se e nunca sairá do torpor que desde a infancia a traz abatida no sofrimento e na ignorancia...

Os operarios são transportados de uma parte a outra como animaes, sendo iludidos por uma turba de negociantes de carne humana, enviados pelos capitalistas afim de contratar mais escravos que venham substituir no trabalho aos que fugiram por não poderem suportar os maus tratos dos mandões, por não poderem mais resistir á misera vida a que os sujeitam e porque a seu trabalho é remunerado com chicotadas ou tiros da *capangagem* do capitalista, que paga a uns tantos homens sòmente para espancarem ou matarem quem se atreve a reclamar o salario que se lhe deve.

LIBERTARIO

PROPAGANDA POPULAR

Os camaradas que desejarem distribuir gratuitamente o folheto «Porque Somos Anarquistas», podem obter nesta redacção 1 pacote de 50 exemplares por 500 reis. Todos os pedidos, até total esgotamento da edição, serão satisfeitos, embora não acompanhados da respectiva importancia

Carta de Europa

Carissimo...

Interrogas-me sobre o que penso do movimento em França, Italia, Russia, etc. Não te parece que, tratando-se dum argumento tão vasto, não basta uma carta ou duas? Em todo caso, resumindo o mais possivel, direi que em França e em Italia a fatigante marcha do proletariado para a sua emancipação, como afinal nos outros paises, prosegue, na minha opinião, satisfactoriamente.

Em França, as organizações operarias orientam-se cada vez mais em sentido revolucionario, e os politicantes perdem cada vez mais terreno no meio dos trabalhadores, e conquistam-no os nossos camaradas, propagandistas da acção directa.

Em Italia, as discordias do partido socialista democratico trouxeram um grande confusionismo; mas ao mesmo tempo provocaram um certo despertar, e a tendencia para o sindicalismo. Esta tendencia, que surgiu sob a influencia e pelo exemplo dos sindicatos francezes, está ainda no estado de gestação; mas espero que pouco a pouco se precisará e dará como resultado que as organizações proletarias se libertarão da tutela dos socialistas parlamentares, tão nefasta á causa do proletariado.

Outra optima agitação vai sacudindo a parte mais consciente do proletariado francês, italiano, belga, suiço, germanico, etc.; é a do antimilitarismo.

E' em Italia e em França que ella mais vigorosamente se manifesta; e a burguesia dos dois paises está assustada com isso, tendo já começado a perseguição. Sucedem-se as prisões, os processos, as condenações. Já deves saber que a 30 de dezembro foram condenados em Paris os sinatarios do manifesto antimilitarista, menos Cipriani e a professora Numiestka, — 26 em 28. O processo fez uma propaganda enorme, que continuará ainda mais extensa e mais intensa depois da condenação.

Certamente, ainda não estamos perto, infelizmente, do memento de dar o golpe de misericordia á sociedade capitalista; é, porém, um facto que caminhamos para o grande acontecimento.

Quanto á Russia, é facil consignar que a grande nação se acha num dos periodos de transformação politica que estava destinada a sofrer e que a guerra veio precipitar. Tudo está em ver até que ponto se dará tal transformação e se ella tocará tambem (como me parece) no estado economico.

Seria arriscado fazer previsões, mas em todo caso creio que uma grande mudança se realizará; e se for substancial, ha de ter uma grande repercussão no resto da Europa. Esperemos.

Paris...

F. VEZZANI

Pró Russia livre

Diz um telegramma de Roma que o jornal socialista *Avanti!* propôs que os operarios italianos destinassem o salario do dia 22 de janeiro — anniversario da sangrenta jornada de Petersburgo — a auxiliar os que na Russia tão heroicamente lutam pela liberdade.

CAMARADAS! Imitemos no Brasil esta iniciativa. Dai o salario dum dia ou dai aquillo que estiver nas vossas forças. Já que d'outro modo não podemos contribuir para o triunfo, necessario á humanidade, da revolução russa, mandemos dinheiro, que na presente conjuntura tem um grande valor. Forneçamos munições, já que não o nosso braço!

Alguns companheiros russos aqui residentes receberam de Londres, dum grupo de socialistas revolucionarios russos, um apello, que nos é comunicado, pedindo-nos que angariemos donativos em favor dos nossos irmãos da Russia. Não permitamos que seja vão!

Trabalhadores!

O despotismo recorre aos banqueiros *internacionaes* para que lhe forneçam os meios de esmagar as reivindicações do proletariado russo — que são as nossas. Pois bem! Oponhamos ao internacionalismo dos despotas e dos bandidos o internacionalismo, a solidariedade universal dos oprimidos e explorados!

O emprestimo que os revolucionarios russos lançam sobre nós, por todo o mundo, — emprestimo que elles já estão pagando, com o esforço heroico e sangrento, em liberdades que serão patrimonio da humanidade — devemos cobri-lo com entusiasmo, mostrando que, se a nossa bolsa é magra, a nossa solidariedade é enorme.

Abrimos uma subscrição cuja importancia irá sendo gradualmente enviada ao conhecido e querido camarada Pedro Kropotkine.

Viva a Russia livre!

Viva a Revolução!

Subscrição Pró Russia livre

Transporte	10$000
Orellanas	5$000
Romero	1$000
Telles	1$000
M. Teixeira Pinto	1$000
F. Rios (Campinas)	1$400
Nascimento	$500
Rafael Botelho	$500
Colhido por O. Ristori em Votorantim	17$100
De Luca (Botucatú)	$500
Santini (Id.)	2$000
Baptista	1$000
L. Scarmagnan (Araraquara)	1$000
Total	42$000

A' IMPRENSA

Com franqueza: esperavamos ver mais bem acolhida a nossa iniciativa, tantos são os jornaes, grandes e pequenos, que mostram a sua simpatia pela revolução russa. Esperamos que tenha sido simples esquecimento.

O sindicalismo em França

REFORMAS LEGAES E MELHORAMENTOS

Em Ruão, o cidadão Jaurès gabou-nos os *Conselhos do Trabalho*, essa máquina de guerra inventada contra os sindicatos por Millerand. Como argumento em favor delles, objectou Jaurès que são admitidos pela social-democracia alemã e que os deputados socialistas no Reichstag depuseram um projecto de lei instituindo-os.

Esse argumento comparativo póde talvez ter valor para alguns; para nós, não tem nenhum. Julgamos os conselhos de trabalho segundo a sua função, que consiste em substituirem os sindicatos. Se na Alemanha, onde os sindicatos se preocupam excessivamente, a nosso ver, de mutualidade, a social-democracia sonha Conselhos do Trabalho, não será isso que nos fará mudar de opinião quanto a essa instituição de desorganização sindical.

Este exemplo mostra como, apesar dos louvores que nos dirigiu o cidadão Jaurès, estamos ainda longe de nos intendermos.

Nós tendemos a constituir, no seio da sociedade capitalista, os nucleos de reorganização comunista da futura sociedade. Ora isso só se póde fazer em detrimento do Estado burguês; portanto, toda instituição que o consolida e o reforça vai contra o fim que temos em vista. E' o caso dos conselhos do trabalho, — e tambem do projecto de *arbitragem obrigatoria*, retomado por Colliard, depois de Millerand.

Depois, continuando, Jaurès (porta-voz autorizado da fracção socialista reunida em Ruão) reconhece que os trabalhadores *«fundaram uma Confederação do Trabalho que agiu, que obteve resultados...»*

Retenhamos a confissão! E' o melhor desmentido a certos difamadores que andam latindo o contrário. Em todo caso, indica-nos isso que estamos longe da epoca (em plena efervescencia da campanha contra as agencias de colocação) em que se chocalhavam boatos malevolos contra a Confederação

Ajuntemos que Jaurès nada de novo nos ensina quando nos diz que tambem nós havemos de verificar

...Que a revolução social, por qualquer ponto que a tomem, quer seja pelo lado economico, quer seja pelo lado politico, é uma obra rude, dura longa, lenta, que exige um esforço incessante...

Já o sabiamos! E é justamente por isso que procuramos desenvolver a iniciativa dos trabalhadores, que apellamos para a sua acção directa, para a sua força consciente. E tambem sabiamos que essa obra exige... que os parlamentares não se intrometam na nossa tarefa.

Não ha, entre nós e elles, «dissentimentos aparentes, mas unidade profunda...» Não! o contrário seria mais exacto: «unidade aparente, dissentimentos profundos...» E Jaurès o indica ao acrescentar que, como elle, cremos na possibilidade de reformas na actual sociedade.

Com efeito, combatemos por *melhoramentos* parciaes, e foi justamente desde que os sindicatos batalharam vigorosamente por melhoramentos que elles se fortaleceram. Até então, graças á teoria ilusoria *(quando absoluta)* chamada "lei de bronze dos salarios", deixára-se supor á classe operaria que, na sociedade actual, o seu mal só podia ir peorando até ao dia do cataclismo final. Fomos nós que nos elevámos contra esses exageros; fomos nós que demonstrámos que havia possibilidade de executar contra o capitalismo uma especie, de *expropriação parcial* dos seus privilegios, — o que constitue melhoramentos de pormenor, — e permite lutar com mais vigor pela *expropriação geral*.

E' no mesmo sentido que Jaurès comprehende as «reformas»?...

JOÃO LATAPIE

Ecos das fazendas

Companheiros...

Contai em *Terra livre* como aqui somos maltratados diariamente por estes ferozes patrões, que mostram o seu contentamento pelo nosso trabalho, prometendo espancar-nos, tratando-nos mal e pagando-nos peor.

Não podemos visitar-nos uns aos outros, porque quando nos vêem em grupo de dois ou três, parece-lhes que queremos fugir da fazenda; e por isso somos seguidos de dia e de noite pelos capangas.

A vida que passamos nas fazendas é trabalhar desde as quatro da madrugada até ás sete ou mais da noite.

Quando são as 4 da m., toca a sineta, e se não vamos depressa, começam ás pancadas na porta com o cabo do chicote.

A fazenda onde estamos corresponde ao nome de Guatapará; o dono que conhecemos é um assassino que governa em nome do fazendeiro, é o administrador José Sartori, o unico homem de quem posso afirmar com segurança que é um grande canalha.

Nesta fazenda, somos tratados peor do que antigamente na Espanha os martires da Inquisição.

Não têm compaixão de nossos filhos nus e mortos de fome, nem de nossas mulheres, não acostumadas a estes trabalhos, não querendo vê-las em casa e não se importando que as crianças morram por falta de cuidados.

Quanto ao consul espanhol, não quererá decerto saber de seus compatriotas.

O tronco e o chicote continuam a funcionar; a escravidão vigora sempre.

Guatapará, 22 — 1 — 906.

A. B.

"Aurora"

Sempre pelos mesmos motivos, foi ainda adiado o aparecimento do num. 11-12 da revista *Aurora*.

Serão envidados todos os esforços para que, quanto antes, os leitores da revista sejam satisfeitos.

Do Brasil proletario

SANTOS

PRÓ DOMINGUES DIAS

Para auxiliar o operario Domingos Dias, que se acha encarcerado na bastilha d'aqui, alguns operarios conscientes realizaram em a noite de 24 de janeiro, no salão da Internacional U. dos Operarios uma prelecção.

A concorrencia foi diminuta, patenteando claramente que o proletariado é alheio inteiramente aos sofrimentos dos outros.

A sessão foi aberta pelo sr. J. Rocha, secretariado por S. Antunha e S. Soler, dando a palavra ao companheiro P. R. Soares, que historiando a luta operaria de Santos desde a fundação das sociedades de resistencia até aos ultimos sucessos passados com a ultima greve acabou por pedir a solidariedade do operariado santista em favor do infeliz D. Dias e sua familia que se acha em situação precaria.

Foram distribuidas listas para angariar auxilios pecuniarios entre as classes trabalhadoras.

ANDRAJOSO.

Santos, 25-1-906

SOROCABA

Continuamos aqui activamente a nossa propaganda. A *Terra livre* agradou entre os trabalhadores, e a iniciativa da subcrição pró-Russia livre foi bem acolhida. Brevemente irá a nossa parte.

Orestes Ristori esteve nesta cidade no dia 21 e em Votorantim deu uma conferencia que, apesar do tempo chuvoso, foi bastante concorrida. As nossas ideias foram bem aceitas, dando este facto esperanças de que comece aqui o despertar do operariado, até hoje mergulhado no mais fundo e lamentavel letargo.

Faz verdadeiramente pena tanta indiferença ao lado de tanta exploração e tirania, como as que sofrem os operarios de aqui.

No Votorantim estão cercando a fábrica afim de impedir as comunicações frequentes entre os operarios que ali estão e os de fóra!

A especulação mercantil, fundada por poucos habilidosos com o nome de cooperativa, está funcionando maravilhosamente... em prejuizo dos trabalhadores.

A. E.

NOTICIAS DO PARANÁ

Desertaram cinco musicos do regimento de segurança por causa do excessivo serviço e dos maus tratos: demais, é bom fazer notorio que ha muitos meses que não recebem — os musicos — a percentagem que lhes pertence por haverem tocado em bailes, teatros, etc. Com o anno novo depois, obrigaram-n'os a vestir a farda mesmo nas horas em que não estão de serviço.

E' bom que isto se saiba para que não venham de S. Paulo, operarios iludidos com grandes promessas de ganhos e garantias.

•

E' bom tambem que se saiba, em S. Paulo, que os operarios que trabalham nas obras do esgoto ganham uma paga irrisoria e que são depennados num armazem «économat» da Companhia, de uma forma excessivamente rapace.

Tendo ahi ido ingenheiros recrutar trabalhadores que a *Terra livre* ponha estes de sobreaviso.

•

A politica do estado, tecendo o perfeito amor com o partido oposicionista, anda, burguêsmente falando, mui regular.

Tivemos já as eleições estadoaes e agora vamos têr as federaes. Nas primeiras, o governo deu á oposição 500 votos de presente.

Foi um «furo» para não deixar subir candidatos oposicionistas mal aceitos em palacio. De maneira que os menos votados foram os mais votados. A politica é sempre a mesma. Fraude e chantage, quando se exclue a violencia descarada. E o povo? O povo vota, dando vivas á nova lei eleitoral que, dizem, foi feita propositadamente contra as oligarquias e para restabelecer a pureza do sufragio universal... E para prova dos bons resultados da tal reforma e do seu valor politico, as oligarquias se permitem presentear a oposição com 500 votos, continuando a ganhar por uma maioria estrondosa.

•

Devia ser reeleito Senador Monsenhor Alberto Gonçalves... e parece, ao que se diz, que a reeleição do pançudo e nullo sacerdos magnus encontrava até o apoio do futuro presidente da Republica... mas o pobre monsenhor, não sabemos por que intriga, ficou na bagagem. Coitado do homem, acostumado ha nove annos aos 75 *ferros* diarios. Mas em compensação o elevarão ao grau de presidente do congresso estadoal; deputado já o é. Compensação magra, porém... para um padre tão gordo.

•

O anno findo nada de importante nos deixou... Até o presidente do estado acabou de ser festeiro do Espirito Santo!...

E as novidades do anno que vem, anunciam-se as mesmas... do outro. Esta é terra de tranquilidade. Só o joguinho é que se acha na ponta. E' a unica industria estadoal que prospéra...

E entre o jogo e os impostos o Paraná, está como Cristo no calvario, entre dois ladrões... rendendo a alma... a quem? Talvez aos bancos francezes.

•

Aqui a Terra livre foi bem aceita e da sua difusão esperamos bons frutos... o primeiro dos quaes deveria ser o de acordar os libertarios da terra...

Curitiba 12 — 1 — 906.

Frei Caneca

Ao presidente Machado

O sr. Pinto Machado persiste em se considerar atrozmente insultado: nos nossos artigos não descobre senão "o insulto soez, covarde e infame". Ideias que discutir, nenhumas. Elle admira os livros dos «sublimes mestres Reclus, Kropotkine e outros», mas só os livros, como toda a gente... Quando se trata de exemplificar, de empregar as suas ideias como criterio na apreciação dos factos e dos actos individuaes — faz-se questão pessoal!

Elle quereria, o inefavel presidente, que nós fizessemos critica abstracta, puramente literaria, ideal, de modo que ninguem se sentisse aludido ou que se pensasse que a coisa era com o vizinho... Quereria que fossemos buscar os factos á Lua ou a Marte, pedindo para isso informações a Flammarion.

Queremos referir-nos a actos presidenciaes, criticar uma função inutil exercida por um tal dentro de certa sociedade, os actos publicos dum propagandista, dum politico? Fazemos questão pessoal!

Para criticar o presidente Machado deveriamos, diz elle, conhecê-lo pessoalmente. De modo que, se quisessemos, exemplificando com um acto publico, inerente ao cargo, do presidente da Republica, criticar a propria função governamental, deveriamos pedir que nos apresentassem ao sr. Rodrigues Alves, jantar com elle algumas vezes, subir com elle a Petropolis, dar-lhe, em confiança, duas palmadinhas no ventre e estudar o seu modo de viver intimo...

O sr. Machado, presidente pago duma associação operaria, redactor dum jornal, vice-presidente dum partido politico, com tantos titulos como um socio de academia, acha que não temos elementos suficientes de critica nos estatutos da sua associação, no seu jornal, nas curiosas entrevistas que os diarios publicam, nos seus actos publicos. Quer facilitar-nos a tarefa: apresenta-se, desdobra os seus titulos, as suas virtudes, os seus sacrificios, revela-nos a sua vida familiar, toda intima. Que se sacrificou, que tem a companheira doente, etc. Lamentamo-lo, nas suas desgraças privadas; e quanto aos sacrificios — embora nos repugnem essas exibições de serviços — admitimos de boamente a sua sinceridade; nós admitimos até sistematicamente, nas nossas criticas, a boa fé em todos. Como não fazemos, na verdade, questões pessoaes, não precisamos de supor a má fé em ninguem. Mas a boa fé não destroi o erro, não impede a nocividade dum acto ou duma função — e esta é que nós estamos em vias de criticar, sr. presidente...

O nosso bom presidente comprehende de tão pouco o que seja «questão pessoal», que se contradiz a cada passo. Diz que o insultamos e todo elle respira a ofensa, a insinuação, a falsa suposição; insulta, sem conhecer o insultado: vai «conhecer o Magrassi para continuar!» Diz que fazemos questão pessoal, e é elle que a faz constantemente, insultando sem responder aos argumentos, falando da sua vida intima, fazendo do seu jornal — operario! — um *carnet mondain*, cheio de parabens, pesames, cumprimentos, biografias hiperbolicas e retratos!

Entre as suas suposições ousadas, diz, por exemplo, que a nossa primeira correspondencia foi escrita por U. Martins e apenas firmada por Magrassi. E porquê? Porque o segundo não seria capaz de escrever naquelle português regular! Teria outra hipotese mais razoavel — e seria a verdadeira — que a correspondencia do Magrassi foi nesta redacção expurgada dos italianismos que trazia.

Depois vai mais longe: parece supor que é Ulisses Martins o autor do artigo *Tsar em miniatura*. O artigo é nosso: do comp. Martins *nunca* recebemos uma só palavra, que nos lembre. Não é um artigo anonimo: é da redacção, da qual aparecem dois nomes logo na primeira coluna do jornal. Os nomes são desnecessarios para esta discussão; mas se queres o terceiro, que falta, serás servido, caro presidente.

O nosso jornal foi fundado especialmente para combater os metodos viciosos da organização e movimento operario no Brasil, e já tinhamos pensado em certos presidentes e correlativas mistificações, quando nos chegou, a proposito, a carta do Magrassi, á qual cortamos uma boa parte por absoluta falta de espaço, respeitando, porém, integralmente a parte que se refere ao sr. Machado. Razão tem para nos detestar, sr. presidente: deteste-nos!

E continuaremos. Falaremos serenamente sobre a União Operaria, o Partido Operario Independente, a função de presidente, as funções pagas, a idolatria, etc. Entretanto, o sr. Machado póde entreter-se com artigos nossos, como os dois primeiros de hoje. Se quer discutir ideias, acompanha-lo-emos, se continúa nos insultos, encolheremos os hombros simplesmente.

Para acabar, duas perguntas:

I. O sr. Machado diz que o operario quer coisas praticas — e faz este muitissimo bem. Mas... quaes são as coisas *praticas* que o sr. Machado acha que elle deve proseguir? E o sr. Machado já realizou algumas? quaes?

II. O sr. presidente repete a cada momento que é operario e chama desorganizadores aos nossos camaradas. Que oficio exerce actualmente o sr. Machado? Está organizada a sua corporação? O sr. Machado faz parte de tal sociedade?

São perguntas concretas, que se prestam muito bem a uma resposta clara e á discussão. Vamos a isso, sr. Pinto Machado.

Congresso Operario

No 2.º numero do *Novo Rumo*, lemos a seguinte noticia:

«A «Federação Operaria Regional Brasileira» resolveu oficiar a todas as associações operarias, com caracter puramente economico, para que nomeiem comissões para uma reunião no dia 4 de fevereiro proximo, afim de resolverem sobre a iniciativa de um «Congresso Operario Nacional», que a referida Federação julga imprescindivel para a boa mercha do movimento operario no Brasil.

Desejamos que tal iniciativa seja levada a efeito para que possa existir a verdadeira solidariedade entre todos os trabalhadores do Brasil, que só assim a poderão tomar efectiva para com os trabalhadores do mundo inteiro.»

Algum proveito se poderá tirar da realização desse congresso e desejariamos que fosse levado a cabo da melhor forma possivel. Mas parece-nos que a data de 4 fevereiro para a reunião preparatoria é demasidamente proxima.

Salvo se o convite foi unicamente feito ás associações do Rio, o que é possivel, pois que não nos consta que as sociedades de resistencia de S. Paulo recebessem o oficio a que se referem os camaradas do *Novo Rumo*.

Aos operarios em pedreiras no Rio

Esta corporação de oficio está, no Rio, [illegible] dividida em duas associações — o que é grandemente nocivo aos interesses de classe. Desta divisão nascem fatalmente rivalidades que se agravam pouco a pouco. Por simples questões podem mesmo alguns operarios sair duma associação para a outra, afim de nesta intrigarem contra a primeira.

Felismente, parece que os [illegible] estão dispostos ao congraçamento, facto com que nos regozijamos sinceramente. *O Co[illegible]*, orgão duma das sociedades, publicou em seu numero 20 um artigo muito sensato, "Pelo operario", fazendo considerações justas sobre [illegible] Classes Operarias" e a "U. [illegible] O. do E. de Dentro" e mostrando que tem noções verdadeiras da organização de classe. As mesmas boas disposições aparecem no n. 21.

Por sua parte, a outra sociedade não parece repudiar a fusão, como resulta dum artigo publicado no n.° 2 do *Novo Rumo* e duma carta que recebemo do seu secretario.

Pois bem! E' necessario aproveitar o [illegible] desejos de todos. Em frente da necessidade urgente de estreitar a solidariedade operaria, em torno dos interesses economicos, todos devem pôr de parte os pequenos resendimentos e trabalhar para a extinção das discordias.

As duas sociedades, unindo-se num só sindicato, poderiam aproveitar a experiencia adquirida, ao lançarem de comum accoordo as bases da nova organização, semplificando tambem o pacto social.

A este proposito, permitimo-nos chamar a atedção dos companheiros a quem nos dirigimos para as considerações que fazemos sobre a *fundação do sindicato*, noutro logar do nosso jornal.

Se nellas acharem alguma coisa de aproveitavel, muito folgaremos.

Entretanto, terminamos incitando aquelles nossos companheiros á união e á solidariedade.

Federação Operaria DE S. PAULO

Aos operarios e ao publico

O momento de actividade politica que atravessámos nos ultimos dias e o manifesto que em tal occasião publicaram alguns *operarios eleitores* tornaram necessaria por parte desta Federação uma declaração de principios que possa desfazer qualquer equivoco e impedir que a nossa acção seja, intencionalmente ou [illegible] mal interpretada.

O manifesto lançado á classe operaria de S. Paulo emanou exclusivamente de certo numero de operarios organizados que assim procederam independentemente e fóra da sua associação de classe.

As sociedades operarias federadas, obedecendo ao programma da Federação Operaria de S. Paulo não intervieram no debate eleitoral ultimo nem [illegible] em nenhuma questão de politica [illegible] porque isso estaria em contradicção com os methodos de luta que esta Federação acceitou e põe em pratica.

Organizados sobre o terreno da resistencia economica — os operarios de S. Paulo adoptaram para resolver todas as questões que venham, directamente ou não, lesar os seus interesses economicos e moraes um metodo de acção que lhes permitta a intervenção directa na questão e que não está vinculado a nenhuma escola, tendencia ou partido politico.

Sabemos muito bem como as lutas politicas, não offerecendo á classe operaria nenhum beneficio palpavel, são sempre causa de discordias e divergencias que podem comprometter a união e a solidariedade do elemento operario; sabemos que as luctas politicas partidarias arrastam a classe proletaria para um terreno esteril, absorvem as suas melhores energias, tirando-as á acção san e justa da luta de classe; sabemos que a consciencia e a solidariedade são para os trabalhadores elementos mais do que sufficientes para poderem exercer largamente e victoriosamente a sua actividade em qualquer iniciativa; e é por isso que, educados pela experiencia, nos dedicamos a um trabalho educativo da consciencia proletaria, ao estimulo da solidariedade de classe.

Portanto, as organizações adherentes á *Federação Operaria de S. Paulo*, deixando embora os respectivos associados livres de manifestar fóra dellas as suas vistas politicas proprias e de agir em conformidade com um methodo politico partidario, nunca intervirão directamente nas luctas politicas locaes.

As sociedades adherentes á *Federação*. *—União dos Chapeleiros—Liga dos Trabalhadores em Madeira—Liga dos Pedreiros e Annexos—União Internacional dos Sapateiros—Sindicato dos Trabalhadores em Marmore.*

Dentro das associações

Federação Operaria de São Paulo

Quando a União dos Chapeleiros tomou a iniciativa de fundar uma Federação, travou-se sobre a sua oportunidade uma interessante polemica, no *Avanti!* e no *Jornal Operario*, entre varios trabalhadores. Os factos vieram demonstrar que não era cedo, mas tarde, para a fundação necessaria.

A comissão executiva provisoria pôs logo mãos á obra, compilando uns estatutos que foram aprovados em assembleia geral de todas a classes, e publicando um manifesto que causou boa impressão entre a classe operaria.

A *Federação* tomou parte em várias iniciativas, como a fundação da «Liga Operaria de Campinas», do «Sindicato dos Trabalhadores em Marmore», e do «Sindicato dos Trabalhadores Bifaiates», procurando agora fundar a liga dos funileiros, encanadores e garistas.

Querendo prestar o seu concurso á causa da libertação de Longaretti, trabalhador ofendido na sua liberdade e no seu direito de legitima defesa, a comissão promoveu uma reunião na qual tomou parte um membro em actividade da Comissão Pró Longaretti. Tomaram-se varias resoluções, e consta-nos que esta questão será de novo ventilada em proxima reunião.

A instalação da *Federação* é agora melhor. Reunidas as sociedades num só local, no centro da cidade, com sala de leitura, um bom ponto de reunião, a frequencia aumentou sensivelmente, fazendo-se mesmo notar já a necessidade d'outro local mais vasto.

A respeito da realização de dois congressos operarios no Rio tomaram-se as necessarias decições. Quanto ao congresso promovido pela *União Operaria do Engenho de Dentro*, numerosa associação de que é presidente o sr. Pinto Machado, que ali faz e desfaz graças á boa fé dos socios, foi resolvido pôr de sobreaviso as associações de fóra e escrever á citada *União*, protestando contra a vergonhosa exclusão de operarios, por questão de ideias. Quanto ao que é promovido pela *Federação Operaria Regional Brasileira*, ficou assente pedir a essa Federação o adiamento da reunião preparatoria, para a ella poderem concorrer as associações de fóra do Rio.

A *Federação*, mesmo sem recursos, tem feito alguma coisa, mas nada em comparação do muito que tem que fazer. Que não descanse, lembrando-se de que vale mais ainda a actividade do que o numero.

Sindicato dos Trabalhadores em Marmore

Os operarios marmoristas duma oficina, pretendendo uma redução de horas, estavam em negociações com o patrão, e este, como é costume entre a sua raça, disse que acedia, contanto que os demais fizessem o mesmo.

Realizou-se então uma reunião, e foi della que saíu o sindicato operario, bem como uma comissão encarregada de tratar a questão das 8 horas com os patrões, os quaes se reuniram duas veces, nada conseguindo por falta de número...

Na ultima reunião do sindicato, já definitivamente constituido, foi lida uma carta do proprietario que prometeu as 8 horas, *sub conditione*, propondo em lugar desse melhoramento, um aumento de 50 reis por hora. Depois de animada discussão, foi tal proposta rejeitada unanimemente, deliberando a assembleia fazer uma activa e constante propaganda para, em ocasião oportuna, conquistar as 8 horas.

E' bastante prometedor o modo como estes operarios começam a reivindicação de melhoramentos. O mais importante é hoje a redução de horas de trabalho, isto é, a diminuição da produção individual, o aumento do repouso e do consumo; os outros, em geral, são consequencias deste.

Estes operarios tiveram ensejo de verificar que não é com facilidade que os proprietarios concedem uma melhoria qualquer em nossas condições. E' preciso lutar sem tregua não só para obter a emancipação integral, mas até para arrancar o mais insignificante melhoramento, porque, se alguma coisa vale, redunda em prejuizo dos capitalistas.

Recebemos e publicamos:

Companheiros,

Saude.

Fazei o favor de inserir o seguinte para que *chegue ao conhecimento de todos*.

O governador civil de Barcelona prohibiu a publicação do n.° 3 de *El Nuevo-Malthusiano*, periodico que se edita nesta cidade em substituição da revista *¡Salud y Fuerza!* tambem suspensa judicialmente. Os companheiros que esperavam este n.° 3 de *El Nuevo-Malthusiano* deverão esperar que se restabeleçam em Barcalona as garantias constitucionaes para se inteirarem do que lhes convinha saber.

A Redacção de *El Nuevo-Malthusiano* não amordaçada pela censura, envia uma saudação a todos os periodicos que a favorecem com a permuta e pede que a desculpem se, por motivos de força maior, não recebem o seu jornal.

Entretanto, os editores de *El Nuevo-Malthusiano* estão dispostos a continuar a sua campanha, apesar dos processos, denuncias e aprehensões, se os companheiros os ajudarem materialmente nas despesas do jornal.

Roga-se a reprodução na imprensa do Brasil.

Desejamos-vos saude e pronta emancipação.

Pela redacção, LUIS BULFFI

Barcelona, 31-12-905.

Festa Libertaria

Sabbato 17 Febbraio 1906, alle ore 8 1|2 pom.

Nel Salone «Lyra» — *Largo do Paysandú n. 20*

Il Gruppo Filodrammatico Libertario darà un trattenimento famigliare col dramma sociale di Tito Carmiglia:

SANGUE FECONDO

Monologo di S. V. Mazzoni

Farà seguito la brillante farsa: *La sposa e la cavalla*.

Dopo lo spettacolo *ballo famigliare*.

N. B. — Col ricavato netto di questa festa il [illegible]

CAIXA DO CORREIO

Rio — *Almeida*. Quanto ao dinheiro, deve ser verdadeira a tua suposição. Manda em vale postal. Temos recebido os diarios. Saude. — *Vasques*. Foram os folhetos pedidos, no valor de 4$000. — *C. Dias*. Podes distribuir gratis os folhetos ou entrega-los aos comp. de «Novo Rumo», Moscoso está bem. Saude.

Santos — *Nilo e Fernandes*. Não temos o livro de Silva Mendes. Se querem, pede-se para Portugal. Trabalhem ahi com vigor... Saude.

Piracicaba — *Jeres*. Não desanimar! Estamos no principio; é preciso ter tenacidade.

S. Paulo — *Marcus*. E' nossa resolução não publicar versos. O espaço é bem restricto.

Parahyba do Sul — *A. C.* Por causa disso, não deixaremos de inviar o jornal.

Itapetininga — *E. Z.* Recebemos; os endereços serão mandados os jornaes. Vê se pódes fazer a cobrança. Saude.

Salto — *Alves*. Nada recebemos. Saude.

Porto Alegre — *G. V. e P. Santos*. Não sabemos como essa falta se dá; a expedição é feita pontualmente, e com cuidado especial, em vista das reclamações. Podem fazer a venda como acharem melhor. Saudações.

Lisboa — Algum camarada saberá dizer-nos se ainda existe o jornal *A Obra*?

AOS COMPANHEIROS

Este numero da Terra livre *devia ter saído ha duas semanas; mas a falta de dinheiro — sempre de prever nos começos duma publicação como a nossa — e ainda outras circunstancias ocsionaram o atraso.*

Não estamos descontentes com o apoio já obtido, pelo contrario; mas é preciso não nos abandonarmos á confiança, devemos trabalhar constantemente para que não venham dificuldades materiaes embaraçar e entorpecer a obra de propaganda.

Mas não basta: urge um redobrar de esforços para alcançar a publicação semanal da TERRA LIVRE, *que é de extrema necessidade no momento presente. Além das razões que todos conhecem, exporemos mais tarde os motivos de ordem geral que nos forçam a maior desinvolvimento de actividade.*

Aos camaradas, aos simpatisantes, aos amigos sinceros de Terra livre, *fazemos notar que devem sobretudo atender á* SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, *porque a assinatura é mais para os estranhos, para os curiosos, do que para os camarades que desejam colaborar eficazmente na nossa obra.*

REUNIÃO

Todos os que fazem parte do grupo iniciador da TERRA LIVRE, bem como todos os que se encontram de acordo com a nossa propaganda, são convidados para uma reunião que se efectuará em nossa séde, na proxima segunda-feira, 12 do corrente, ás 7 horas da noite.

Trata-se de procurar os meios de assegurar a publicação regular de TERRA LIVRE.

FALTA DE ESPAÇO

De novo a braços com a falta de espaço, maior ainda. Como dissemos, ha um remedio, embore não radical: é publicar semanalmente a Terra livre. *Só assim poderemos em parte fazer face ás necessidades actuaes da propaganda.*

Urge fazer um esforço em tal sentido.

Munições para o periodico

SUBCRIÇÃO VOLUNTARIA (n. 2)

Lista de Batini: J. Batini, 5. P. Ricci, 2. F. Borghesi, 1. D. Rosseti, 500. F. Battesini, 1. A. Ghetti 2. Total, 11.500. Dos quaes foram publicados 10$ no n.° 2. Resto	1$500
Lista de P. Marsicani. (Cravinho). Marsicani, 1.800. F. Rossini, 500. L. Albieri, 500. C. Gimierate, 500. N. Tonelli, 500. E. Alvarez, 500. A. Morgadetti, 500. G. Perobelli, 500. A. Ostieta, 500. G. Laprechat, 500. E. Rebarbero, 500. Total, 6.800, menos as despesas do correio	6$000
Lista de A. Lopes. (Piracicaba). Varios companheiros	5$000
Lista de F. Rios. (Campinas). S. Echenique, 1. J. Gonzalez, 2. B. Garrido, 2. M. Rodrigues, 2. J. M. 1. L. Rozales, 2. F. Rios, 2.	12$000
Lista de Casal. (Santos). Um oprimido, 1. Germinal, 500. Rebelde, 500. B. H., 1.500. M. F. 1.500. M. G. 1.	6$000
Lista de A. Rodrigues. (Agudos). B. J. Cotta, 5. A. Rodrigues, 5. P. Cordeiro, 2. Voluntario, 2. M. Rodrigues, 2. P. [illegible] 2.	[illegible]
Lista de A. Escaño (Sorocaba). Duarte, 1. P. Muñon, 1. E. Gonçalves, 1. C. Regles, 1. C. Mesias, 1. A. Gomes, 1. J. Sanches, 1.500. J. Moraes, 1. A. Marques, 2. J. Garcia, 2. J. Caro, 1. J. Garrido, 1. M. Pelegrini, 1. A. Prado, 1. J. Victorino, 1. F. Rodrigues, 1.500. R. Cavalleri, 1. J. Alves, 1. J. Mordeno, 1. V. Decavia, 1. A. Fernandes, 1. J. Postigo, 1. A. Escaño, 1.	26$000
Lista de Lois (Rio): A. B. Lois, 2; S. Solha, 2; J. Cordeiro, 2; S. Cortizo, 2; M. Cortizo, 2; V. Cortizo, 2; M. Froiz, 2; J. Soval, 2;	16$000
M. D. Almeida (Rio)	6$500
De Santa Rita	1$000
Lista da Redacção: A: Gallo, 1; Telles, 1; Romero, 1; Baptista S. 1; Nascimento, 1; Piccolo G. 500; Edgard, 5; Miranda, 2; Compaña, 2; Antonio e Pedro, 2;	16$500
Lista de Garcia: G. Perasini, 2. J. Batini, 2. Fco. José, 1. F. Norberto, 1. J. Dadio, 1. A. do Nascimento, 2. F. de O. Gomes, 2. C. Chela, 1. J. Carrara, 2. A. Alves, 1.400. P. S., 2. Garcia, 5.	22$400
Viaggiani (Barbacena)	2$000

ASSINATURAS

Annuaes. — De S. Paulo: Dr. T. da S. — De Tomb: J. B. M. — De Santos: M. A. M. (Lista de Scala). — Do Votorantim: J. G. — De Campinas: M. J. B. (Lista de Rios)	20$000
Semestraes. — De S. Paulo: A. N., A. F. — Do Rio: A. da C. B. — De Santos (Lista de Scala): A. da S., J. J. da S. J. L., M. Q. — De Campinas (Lista de Rios): E. G., R. D., J. S., A. D. — De Capim Fino: F. U.	24$000
Trimestraes. — De S. Paulo: F. D. da R. A. da R. R., L. B., P. C., B. F. — De Campinas (Lista de Rios): A. R., A. M	7$000
	189$900

SAÍDAS (n. 2)

Tipografia	50$000
Impressão e papel (3.000 ex.)	30$000
Correio, correspondencia	16$100
Gomma	$500
Deficit do n. 1	50$700
Total	147$300
Entradas	189$900
Saldo (1)	42$600

(1) Notem os nossos amigos que estão em [illegible] as despesas do numero presente e que, portanto, não ha verdadeiramente um saldo, antes pelo contrario.

A Terra Livre, São Paulo, 17 de Fevereiro de 1906, Anno I, Número 4.

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE
GOETHE

ANNO I — SÃO PAULO (BRASIL) — SABADO, 17 DE FEVEREIRO DE 1906 — NUMERO 4

EXPEDIENTE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita tambem assignaturas nas seguintes condições:

Serie de 25 numeros		4$000
» » 12	»	2$000
» » 6	»	1$000

Os nomes ou pseudonimos dos subscritores voluntarios serão publicados no logar competente; mas não assim os dos assignantes, a quem o administrador passará recibo, publicando só as importancias recebidas. Administrador é o camarada EDGARD LEUENROTH; mas para evitar perdas de tempo, a correspondencia deve ser enviada a *Neno Vasco* — Rua Santa Cruz da Figueira, 1 — São Paulo.

O momento presente

Por toda a parte se aviva o espirito revolucionario. Sente-se como que o trepidar duma locomotiva que vai lançar-se para a frente com toda a velocidade.

Da Russia vem-nos um sacudimento e uma esperança: sacudimento cujo effeito é ainda impossivel avaliar, esperança que é uma anciedade de morte...

Na Europa ocidental o fermento revolucionario parece soerguer as massas. A França agita-se e caminha para uma crise. A propria Alemanha sente o reflexo da situação; a Austria encontra-se num momento politico grave; na Italia ha um reverdecer de energias revolucionarias no movimento sindicalista e o anarquismo toma um vigor novo. Nos Estados Unidos a luta de classe encaminha-se para um periodo critico e violento.

Que resultados poderá trazer esta vaga de revolução que nós vemos avolumar-se e que ameaça as velhas instituições nefastas?

Seja como for, atravessamos um momento de febre, que urge considerar.

A historia ensina que, quando fóra de certo país uma tempestade social ameaça seriamente instituições identicas ás que nelle vigoram, o seu regime economico especialmente, as forças reaccionarias redobram de ferocidade e procuram sufocar no berço o esforço revolucionario incipiente. Quando a revolução de 89 varria a realeza e os restos de feudalismo em França, nos outros países o terror branco reinava, os intendentes de policia impunham um silencio funebre...

Certamente, as condições historicas são hoje bem diversas; hoje o movimento de reivindicação social é mais universal e uniforme, o entrechoque das ideias é mais rapido e seguro, os espaços são mais facilmente transpostos, as condições economicas dum país são mais analogas ás dos outros.

Mas o perigo subsiste. Em quanto, por exemplo, a revolução varre a terra ensanguentada da Russia, o seu caracter social não sobresai, parece ser simplesmente politico-liberal. A burguezia descança.

Mas se a revolução toma um caracter evidente de reivindicação economica? Se ella passasse, por exemplo, da Russia do tsar á França republicana? Se ella pusesse a descoberto a mentira democratica, desmascarasse a ilusão republicana?

O perigo para as regiões mais atrazadas no caminho da emancipação social mostra-se claro. Essas regiões poderiam ser o abrigo, a base de operações das classes dominadoras vencidas noutros pontos do globo, como algumas já são o refugio querido das congregações religiosas...

O perigo é, pois, tambem para as nações onde a revolução triunfe. Para que esta seja segura, deve ser o mais possivel internacional.

A nossa responsabilidade é grande, quando nuvens carregadas presagiam a tempestade no horizonte distante... Eis porque devemos redobrar de energia, multiplicar os esforços, senão para secundar uma revolução lá fóra, ao menos para impedir que sobre nós caia todo o peso da reacção.

A acção, á propaganda, companheiros — pelo socialismo anarquista!

VELHA HISTORIA

A preocupação constante de trazer acorrentado a seus pés o proletariado, tem feito com que os poderosos inventem os meios mais eficazes para impedir que os operarios reflictam e, comparando e deduzindo, trabalhem no sentido de banir os espoliadores e as espoliações.

E a velha historia, sempre nova pelas remodelações e retoques que tem sofrido, actualmente ainda influe poderosamente para sofrear as aspirações de grande parte da massa humana sofredora e usurpada.

Depois do Cristo — esse mito que ainda hoje serve para sustentar exercitos de homens gananciosos — depois desse messias que veio aconselhar mansidão e humildade aos pobres, aos laboriosos, para que melhormente se deixassem roubar, a religião tem sido o fautor das usurpações de classe que, pelo *direito divino*, se julgam autorizadas a viver ociosamente á custa do labor de seus similhantes.

E, do muito pensar e calcular nos lucros e proventos que auferem, só se lembram da classe proletaria quando sua ambição os incita a novos emprehendimentos, irrealizaveis sem o concurso do trabalhador.

Assim, em nome da religião, demarcaram-se fronteiras para cuja defesa se empregam centenas de milhares de homens prontos a se trucidarem mutuamente; em nome da religião arvorou-se o autocratismo sanguinario das Russias, que, felizmente está a ruir por terra. Explorando essa fabula, vive a tropilha negra do Vaticano e se sustenta numero consideravel de conventos e conventuaes.

Em nome da farça ridicula foram condenadas muitas das mais importantes descobertas da sciencia e, ainda hoje, procuram sufocar todas as tentativas de liberdade feitas pelo povo.

Consideremos.

Deus autoriza a destruição de criaturas na guerra, o luxo do patrão e da familia, sustentado á custa de centenas de pessoas que acabam em oficinas infectas, miseravelmente, para ganharem o amargo pão de cada dia; autoriza a distinção de classes, o orgulho, a vaidade, o desprezo dos humildes e o parasitismo das oligarquias, do papado, etc. etc.

Deus não autoriza que o operario roubado, maltratado, ludibriado, se insurja contra os que o roubam; não permite que se almeje o nivelamento universal das classes e a extirpação de todos os cancros sociaes; não consente que o trabalhador que vê os seus mortos á fome, sem amparo e sem guarida, venha á praça e clame á face dos que se fartam, riem, distraem-se, cantam e folgam com o preço da sua miseria. Sim Deus não autoriza isso. Conservador, como é, as classes conservadoras, os apologistas do *statu quo* encontram no seu nome o broquel que as livra do arremesso desesperado do homem honesto, despojado do fruto de sua energia fisica e o freio posto no proletariado manso, para sopitar-lhe os movimentos subversivos que possam sobrevir por qualquer motivo.

Sic Transit. A velha historia, como tudo que é ruim, pernicioso e inutil, ha de passar, e não está longe o seu fim.

Decrepito edificio, ruinaria que se mantem de pé por milagres de... argucia e artimanha, trazendo pódres os alicerces e as paredes prestes a se desmantelarem, bastará que o operariado consciente do seu poder e da sua força lhe chegue ao de leve o alvião demolidor para que venha a baixo, estrondosamente, e de forma tal, que nunca mais haverá quem o possa reconstruir.

E não vem longe a sua queda, em que pese ao pessimismo e ao convencionalismo de alguns.

Activando-se uma propaganda frutifera e agremiando elementos bons, aprestando os meios de combate mais prontos e energicos, não tardará que uma revolução universal aniquile essas velharias e iguale os homens, similhante ao tufão que derriba as arvores carcomidas e as que se ostentam por demais orgulhosas e altaneiras.

E a *velha historia*, como o papão das crianças, desaparecerá para sempre.

E. V.

PROPAGANDA POPULAR

Os camaradas que desejarem distribuir gratuitamente o folheto «Porque Somos Anarquistas», podem obter nesta redacção 1 pacote de 50 exemplares por 500 reis. Todos os pedidos, até total esgotamento da edição, serão satisfeitos, embora não acompanhados da respectiva importancia

O modo de agrupamento

Segundo o meio, o sindicato constitue-se por profissão ou por industria determinada. Habitualmente, agrupa os trabalhadores do mesmo oficio e seus similares. Nas grandes empresas ou companhias, numa exploração vasta como os caminhos de ferro, o sindicato deve reunir os trabalhadores de todas as categorias; aqui o modo de agrupamento é indicado pela forma do patronato. Na verdade, é evidente que os explorados duma grande empresa teriam pouca força de resistencia e de reivindicação se estivessem divididos por sindicatos diversos.

A questão do agrupamento por oficio ou por industria apaixona os militantes em muitos países. O primeiro destes dois modos de organização póde ser acusado de perpetuar o espirito de corporação; mas, sejam quaes forem as preferencias de cada um, o que se deve evitar é que o sindicato se incline a ser um agrupamento *d'opinião*.

São deste genero os sindicatos onde domina a «politica» e os chamados «de irregulares do trabalho», onde convergem operarios de oficios varios. Estes agrupamentos, apesar da etiqueta sindical, não são senão grupos sociaes onde a *afinidade* predomina sobre o *interesse*. Por muito tempo foi a «politica» o escolho dos sindicatos; aos militantes cumpre velar para que não se reproduzam os erros do passado.

Quanto aos sindicatos de irregulares, agrupam companheiros segundo a sua *opinião* e abrem a porta a todos os perigos do passado; se todos os trabalhadores fizessem o mesmo, não haveria mais sindicatos: só haveria grupos sociaes. Por outro lado, escapa-lhes demasiadamente a acção quotidiana e, o que mais é, só muito abstractamente podem estudar a obra de emancipação, e não no ponto de vista corporativo.

E. P.

N. da R.—O sindicato de oficios varios é admissivel no intuito de associar trabalhadores (sem sociedade especial) para uma obra de organização: propaganda associativa, fundação de novos sindicatos á medida que haja numero suficiente de operarios do mesmo oficio dentro da união de profissões diversas. Assim fez a Federação Operaria de S. Paulo ao fundar a União Operaria.

O TRABALHO

III

Actualmente a liberdade de trabalho é muito mal comprehendida e mais mal executada.

A liberdade de trabalho não existe de forma alguma porque o trabalho é dirigido pela violencia e pela coacção; o operario não trabalha quando quer ou póde, mas sim, muito mais do que quer e póde, sendo obrigado a fazer esforços enormes que deturpam e inutilizam o seu corpo.

Existem milhões de homens desempregados porque o capital lhes prohibe trabalhar.

Quando os operarios por innumeros motivos se negam a trabalhar, a imprensa burguesa e assalariada, salvo rarissima excepção, brada e late contra os grevistas, pedindo ao governo, á autoridade que intervenha com a força bruta para manter a liberdade de trabalho, julgando elles que essa liberdade consiste em fazer o operario trabalhar forçadamente ou que se deixe substituir por outro, esquecendo-se que em todas as tentativas operarias, o resultado de suas reclamações é sempre a liberdade do trabalho, isto é, que os operarios possam trabalhar mais livremente marcando as horas, os salarios e outras condições que só a elles deve competir estabelecer porque são elles quem trabalha.

No dizer dessa imprensa e dos capitalistas, só existe liberdade de trabalho quando os operarios se sujeitam a todas as imposições do capital ou são levados para o trabalho, acompanhados com as carabinas da soldadesca. Quanta infamia se comete com quem trabalha ou tem necessidade de trabalhar!

E' necessario que o trabalho seja reorganizado por uma regra criada pela necessidade e não pelo despotismo; é necessario fazer desaparecer a inacção e o parasitismo, para que o trabalho seja transformado em força motriz do progresso, dando vida a todos e abrindo maiores rasgões na capa que encobre a civilização.

O trabalho porém, só poderá ser reorganizado quando se reorganizar a sociedade, dando-lhe outra forma completamente diferente da actual, abolindo o direito de mando e de propriedade individual, repartindo entre todos o trabalho e a produção conforme as forças e conforme as necessidades de cada um dos seres.

Só então, é que haverá a verdadeira liberdade de trabalho e de consumo (é preciso notar que quem tem o direito e o dever de trabalhar, tambem tem o direito de consumir).

Então é que o trabalho será tido, não só como uma necessidade para a luta pela vida, mas tambem como uma virtude para os que mais se esforçarem em aperfeiçoar a especie e em desvendar o desconhecido, avançando a passos agigantados no caminho da sabedoria, do conhecimento das maravilhas que a natureza por nossa inepcia nos esconde e que levarão a humanidade para outros dias de maior felicidade do que estes em que estamos involtos em verdadeiras trevas!

LIBERTARIO

Santos, 15 de Janeiro de 1906.

DECLARAÇÃO

Por causa de certos boatos mais ou menos maliciosos, declaramos: que A TERRA LIVRE não é orgam de nenhuma organização operaria, nem o quer ser, não só porque tem um ideal politico determinado, mas ainda porque deseja conservar inteira liberdade de movimentos.

CARTA ABERTA

A D. ELISA SCHEID

Senhora,

Da amavel carta, que particularmente nos dirigistes, resulta que ha entre nós um equívoco, destruido o qual, ficará bem patente que não estamos de acordo e que o manifesto do chamado «Partido Operario Independente», propugnando a apresentação de «candidatos exclusivamente operarios», de nenhum modo confirma o nosso modo de pensar, expresso neste jornal. O equívoco provém do duplo sentido que se atribue á palavra «politica».

Nós escrevemos efectivamente: «o verdadeiro partido operario não baniria da sua actividade a luta politica». Mas não escrevemos «luta eleitoral e parlamentar», que não constitue de per si só toda a luta politica. E no mesmo artigo *(Partido operario ?)* que continha a frase referida, bem como nos outros numeros de *Terra livre*, dissemos mais ou menos claramente esta nossa opinião.

Nem só a politica estatista, ou eleitoral, ou democratica, é politica: esta tem para nós um sentido muito mais amplo.

No estudo da questão social podemos considerar dois problemas essenciaes a resolver. O primeiro póde formular-se deste modo: Qual deve ser o fim da sociedade? A solidariedade ou a luta de todos contra um e de um contra todos? Assegurar a victoria de uns sobre os outros ou manter a igualdade de condições? A este problema (ou aspecto do problema social), ao qual podemos chamar economico-moral, respondem dando soluções diferentes, o individualismo e o socialismo, com suas subdivisões, matizes e combinações.

O segundo problema (ou aspecto do problema social) é de organização, é POLITICO, e póde formular-se: Qual a melhor *fórma* de organização social? Como poderá a sociedade *organizar-se e funcionar* com a maior vantagem para o ser humano? Qual o melhor *meio* de garantir o fim que se propôi a sociedade? Qual o melhor *metodo* de acção?

Deve a sociedade ser *organizada* autoritariamente, funcionando sob o governo dum só (monarquia), ou sob o governo da maioria, que elege os governantes (democracia), ou sem governo, sem autoridade, com uma organização livre, partindo do individuo para o grupo, baseada sobre o livre acordo e as necessidades sentidas (anarquia)?

É esta uma questão de metodo, de organização, uma questão *politica*; é uma questão de *meios*, em quanto a primeira é questão de *fins*. É o problema politico resolvido de diversos modos pelas diversas doutrinas politicas, entre as quaes o anarquismo, que só passa a ser tambem doutrina economico-moral quando se lhe agrega, por exemplo, o socialismo. E no entanto, o anarquismo, *doutrina politica*, é essencialmente, fundamentalmente, antieleitoral, adversario tanto do regime parlamentar como de qualquer outro regime autoritario.

Em conclusão, a *politica* não é só a arte de governar ou de eleger deputados, como muitos comprehendem, é para nós a sciencia que se ocupa da organização e funcionamento da sociedade, dos meios de acção social. E fica assim desfeito o equívoco.

Quando dizemos que o «partido operario», o qual não deve fazer politica partidaria (como a eleitoral) porque esta desagrega as organizações economicas do proletariado, deve contudo aceitar a luta politica, queremos significar a luta contra os sustentaculos solícitos do capitalismo, que são todos os organs do Estado, os poderes *politicos*, os governantes, a polícia, a magistratura o exército — sempre que elles intervenham em favor dos patrões.

Mas esta luta não deve ser segundo os metodos particulares dum partido politico, não póde ser no terreno eleitoral, tão fertil em discordias, mas no terreno em que todos se acham de acordo: pela acção directa dos operários sobre os inimigos, com os metodos que são proprios da organização economica, de que fazem parte trabalhadores de todas as opiniões politicas, com a greve, a sabotagem, a boicotagem, o label, a agitação da rua, o comicio, a propaganda, a greve geral. Todos reconhecem que a acção directa é essencial.

Vós apresentais, senhora, o exemplo de Inglaterra — onde aliás Keir Hardie não tem muitos seguidores, e onde a palavra dos nossos camaradas, como John Turner, começa a ser ouvida. Nós apresentamos o bem mais prometedor exemplo da França, e chamamos a vossa atenção especial para o artigo que a tal respeito foi publicado em nosso 1.º numero

A vossa tactica terá muitas dificuldades a vencer no Brasil? Não sabemos. De que ella não será proficua ao proletariado brasileiro, estamos bem convencidos. O parlamentarismo está experimentado. Nós temos mostrado e mostraremos continuamente os danos da politica parlamentar; e a seu tempo falaremos francamente do «Partido Operario Independente», de que sois presidente.

Entretanto, as nossas fraternaes saudações e a afirmação sincera da nossa lealdade.

Estupidez da guerra

O que sobretudo condena a guerra é a sua imbecilidade, a sua inutilidade; e ella morrerá porque não defende, mas ofende os interesses da enorme maioria. É isto o que propriamente caracteriza, define, faz resaltar o horror da guerra.

Que proveito tirou o povo japonês da sua *victoria* sobre a Russia? E que proveito tiraria o proletariado do Japão, ainda que o tratado fosse mais vantajoso para a sua *patria*?

O mesmo que tira agora: impostos aumentados, uma contribuição de guerra por muito tempo, uma fome geral, como anuncia o telégrafo.

Comprehende-se que seja empregada a força para defesa, para resistencia, para conservar ou reivindicar um direito palpavel, uma liberdade efectiva. Quem ousará condenar os revolucionarios russos?

Então não se trata de *violencia*: quem violenta é o opressor, o que começa, o que agride.

Tambem não é violento o viandante que resiste ao salteador que o ataca. Quem confunde violencia e resistencia, os dois distintos modos de empregar a força, faz um estupido sofisma.

Mas a guerra é pura violencia inutil, é luta entre dois salteadores, na qual só por inconsciencia ou por coacção tomam parte os que nada têm que ganhar ou que perder, ou ganham apenas a miseria, a mutilação e a morte, e perdem a liberdade.

Com o pretexto da guerra, milhares de jovens, os mais fortes, embrutecem-se, arruinam a saude num quartel. E se vem a guerra, vão-se fazer matar ou estropiar como carneiros num triste e nojento campo de batalha.

E isto para quê? Para manter permanente a violencia organizada que esmagará qualquer assomo de revolta, que espalhará a brutalidade e o vício pelo país.

E em ultimo caso para defender a patria, abstracção — para os pobres, abstracção que só é rendosa para os que a representam pinguemente, para a burocracia, para os fornecedores, para os banqueiros, para as altas amantes de qualquer gran-duque.

E depois disto, proletarios, fazei côro com aquelles que vos proclamam a belleza e a grandeza da guerra e a necessidade do armamento e do militarismo!...

Um manifesto importante

O sindicato agricola de Bourbon-l'Archambault (França) dirige aos trabalhadores do campo um manifesto que mostra como o proletariado agricola toma consciencia dos seus direitos; e todos sabem o valor desse proletariado numa revolução. Eis o manifesto:

AOS TRABALHADORES DA TERRA!

Companheiros, ha annos e annos, ha seculos e seculos, que sobre a terra nos curvamos de sol a sol, sem reflectir na nossa sorte, sem olhar em roda, convencidos aliás de não haver outro remedio senão matarmo-nos de trabalho para comer um bocado de pão!

Se, em vez de penarmos assim, tivessemos de vez em quando erguido a cabeça, se tivessemos procurado saber quem tirava proveito do nosso trabalho e se era justo cansarmo-nos tanto para outros, ha muito tempo que teriamos achado remedio para a nossa desgraçada situação.

Mas nunca é tarde para fazer bem: encaremos, pois, todos a questão e resolvamo-la com desassombro.

Quem produz o trigo, isto é, o pão para todos? O camponês!

Quem faz nascer a aveia, a cevada, todos os cereaes? O camponês!

Quem cria o gado para fornecer a carne? O camponês!

Quem cria o carneiro para dar a lã? O camponês!

Quem fabríca o vinho, a cidra, etc.? O camponês!

Quem engorda a caça? O camponês!

Em summa, ao camponês deve a sociedade a alimentação, as bebidas, o vestuario. Vós produzis tudo... Que produz o vosso rendeiro geral ou o vosso proprietario? Nada...

E quem no entanto come o melhor pão, a melhor carne? Quem veste as mais bellas roupas? Quem bebe os melhores vinhos? Quem consome a caça? O burguês!

Quem se diverte e descansa á vontade? Quem goza todos os prazeres? Quem faz viagens de recreio? Quem fica á sombra no verão, ao lado dum bom fogo no inverno? O burguês!

Quem se alimenta mal? Quem bebe vinho raras vezes? Quem trabalha sem cessar? Quem se cresta de verão e gela de inverno? Quem sôfre muitas miserias e fadigas? O camponês!

Muito mais: os trabalhadores dos campos são muitas vezes escarnecidos, insultados, ridiculizados pelos mesmos que vivem na ociosidade e folgam á nossa custa. Os burgueses julgam os camponeses pelas aparencias exteriores e zombam delles porque têm mãos grossas e deformadas pelo trabalho, gretadas pelo inverno, porque têm muitas vezes as costas arqueadas e olham constantemente para o chão, e sobretudo porque, não tendo os hábitos da sociedade, são timidos e exprimem-se mal.

Companheiros, somos pequenos porque nos curvamos diante do rico: endireitemo-nos duma vez para sempre e veremos que somos maiores que elle! Tenhamos consciencia da nossa força e da nossa utilidade! Os nossos companheiros das minas, das fábricas e oficinas mostraram-nos o caminho: só esperam a nossa organização, que será uma força immensa, para marcharem para a frente; não os façamos esperar mais! Elles tambem sofrem, elles tambem têm miserias e penas injustificadas, são victimas dos capitalistas exploradores. Não vem talvez longe o dia em que nos poderemos unir todos para conquistar o nosso quinhão de bem-estar, de felicidade.

Companheiros dos campos, reflictamos bem nisto: Se amanhã desaparecessem todos os cultivadores, que aconteceria fatalmente? Uma fome geral, uma miseria atroz, a morte provavel, dentro de poucos annos, duma boa parte dos restantes seres.

E se amanhã desaparecessem todos os senhores... podemos bem [...] que nada caminharia peor por [...] que pelo contrario a humanidade [...] um immenso suspiro de alívio. [...] cultivadores, já não teriamos que [...] ter ociosos levando uma vida [...] não teriamos mais opressores para [...] manterem sob um jugo de ferro, [...] tiranos grosseiros insultando-nos [...] motivo. Consequencia: muito [...] berdade, mais bem-ester, muito [...] trabalho.

Não desejamos a morte de ning[...] mas o que desejamos ardenteme[...] ver chegar o dia em que todos te[...] que trabalhar para viver, em que [...] xe de haver exploradores e explora[...] em que cesse o luxo de poucos [...] truido sobre a miseria de todos.

Ha de vir certamente: será o co[...] mento da nossa obra.

A caminho para o grande fim, ca[...] radas, e não nos deixemos abater p[...] dificuldades que vierem estorvar-no[...] marcha!

Viva a emancipação dos trabalha[...] res!

O SINDICATO

O sindicalismo em Fran[ça]

O PARTIDO DO TRABALHO

Está bem estabelecido já, a desp[...] das críticas amargas e injustificadas [...] que têm sido objecto, na sua maio[...] os sindicalistas revolucionarios, que [...] organização economica não é simp[les]mente um mito e um punhado de [...] tarios intransigentes, como os deg[...] crados de espirito, Heppenheimer p[...] exemplo, chegaram a afirmar.

Sim, o «sindicalismo» existe, e é [...] le sòmente que reside a maior f[...] consciente.

Exactamente como o socialismo [...] lamentar, é uma doutrina. Melhor [...] que no partido social-democratico, [...] ma-se nelle o antagonismo de c[...] dum modo mais irreductivel e sem c[...] promissos: um patrão póde ser m[...] bro do partido socialista democra[...] mas não póde filiar-se num sindic[ato] operario.

Tal como o socialismo parlame[...] nós lutamos sem tregoas contra os [...] sos amos da ordem economica e da [...] dem politica, assim como contra os s[...] sustentaculos: militarismo, clero, [...] gistratura.

Enfim, identicamente a elle, mas c[...] meios diferentes, isto é, com as g[re]ves parciaes, a boicotagem e a sa[bo]tagem, nós combatemos para melh[...] as nossas condições immediatas; c[...] elle igualmente, mas pela greve ge[...] revolucionaria, nós esperamos cheg[...] realizar e a edificar o ideal de jus[...] de bem-estar e de liberdade que [...] o regime comunista igualitario.

E agora, que os companheiros sin[di]cados se tranquilizem: os sindicatos o[pe]rarios mais poderosos, mais numero[sos] de que Jaurès parecia dizer que s[e] confederariam «armonizando a acção [po]litica (intenda-se «parlamentar») e a [ac]ção sindical e não opondo-as uma á o[u]tra», esses sindicatos só existem em [...] imaginação. Quererá talvez referir-se [...] alguns sindicatos mineiros não filiad[os]: Ai! esses têm, com efeito, numero[sos] aderentes, mas só para a vista; ha [...] vez inscritos nelles, mas só isso...

Para fazer a especie de «casamen[to]» proposto por Jaurès, deveria haver [en]tre nós aspirações comuns, caminho [co]mum...

Deveriam, tambem, ser equivalen[tes] as duas forças, *economica* e *parlamen[tar]*. Ora não se dá tal. Repitamo-lo: á p[ro]porção que crece o poder sindical [...] classe operaria, diminue a importa[ncia] do democratismo, de que os parlam[en]taristas não são mais do que uma [...] pressão. Volta-se á tese da *Assoc[iação] Internacional dos Trabalhadores*; [...] movimento politico deve ser *subor[dina]do* ao movimento economico.

JOÃO LATA[...]

Do Brasil proletario

JUNDIAHY

Desde outubro, a Companhia Paulista estabeleceu mais três dias feriados por mês — três segundas-feiras, não contando a primeira — alegando que é por falta de serviço e para não despedir gente. No entanto, no primeiro de janeiro foram despedidos 8 mecanicos, no primeiro de fevereiro 10 pintores e 4 fundidores e diz-se que a lista dos sentenciados tem mais de cem nomes.

Deviam, porém, ser despedidos, segundo os usos, os ultimos que entraram, os mais novos; mas não sucede assim, porque no numero dos despedidos ha dos antigos, continuando os novos no trabalho.

Um dos despedidos, sendo mais antigo, achou-se no direito de reclamar perante o chefe da locomoção, o qual lhe prometeu que veria como combinar as coisas. A resposta foi... ficar o operario despedido. E o mesmo aconteceu a um ferreiro, e ainda a outros.

Muitos dos que, sendo mais novos, comprehendiam que deveriam ser despedidos de preferencia, pediram a demissão; e assim o número dos que já sairam de boa ou má vontade creio que chega a cincoenta.

Verdade seja que, além de pagar o mês de serviço, pagam tambem 31 dias como gratificação, tanto aos despedidos como aos que se demitiram; mas esta gratificação não é mais do que a economia das três segundas-feiras por mês.

Os animos estão um pouco exaltados e não se póde prever o que disto poderá saír.

Os chefes são astutos: não os despedem todos duma vez; vão despedindo aos poucos e esperam que os ultimos despedidos se tenham já afastado de Jundiahy para pôr na rua nova fornada.

Mostram certo receio; mas muito maior respeito teriam aos operarios, se estes estivessem associados, organizados para a resistencia. Sería o caso de experimentar um sindicato agrupando todos os trabalhadores desta companhia ferroviaria.

Em vez de se sacrificarem alguns, pedindo a demissão, melhor sería que todos se solidarizassem para a defesa de cada um.

Mãos á obra, companheiros!

A.

-:-:-

CAMPINAS

TACTICA PARA AMANSAR

A Companhia Paulista de V. F. e Fluviaes é sem duvida a mais *humanitaria* companhia que póde haver, e senão, imaginem. Ao principio do mês p. p. despediu de suas oficinas 9 operarios ajustadores (para fazer economia) e pagou-lhes o mês todo por inteiro como se houvessem trabalhado; despediu alguns limpadores de maquinas, e tambem deu-lhes uma *gratificação* de 15 dias de ordenado, e tanto a estes como áquelles, forneceu-lhes passe para que possam percorrer toda a linha da companhia oferecendo seus braços áquelles que por ventura os queiram alugar. Disseram-me que alguns dos operarios despedidos e gratificados, estão contentissimos com a benevolencia hipócrita dos directores da citada companhia.

Só a ignorancia ou a inconsciencia, é que pode alegrar-se — se é que ha tal alegria — com as gratificações recebidas dessa companhia, pois bem podem prever os operarios, que essa medida adoptada pela Companhia Paulista para com elles, é por medo de que se revoltem tanto os despedidos como os que ficam trabalhando nas oficinas, e, como pensa a companhia — segundo consta — em despedir mais operarios, pensou faze-lo aos poucos, e gratifica-los para que fiquem mansos: que tactica burguesa!

Só a conquista das 8 horas de trabalho por dia sem diminuir o salario, é que pode remediar em parte que sejam lançados á rua honrados operarios como os citados. Lutemos pois todos os oprimidos para essa conquista, e, se depois de a termos obtido, ainda se vêem operarios sem trabalho, lutemos ainda para que só se trabalhe 7 horas por dia, e se não basta, para conseguir que só sejam 6, e assim por diante até que não se vejam mais irmãos nossos lançados á miseria e mendigando emprego e pão aos burgueses que se comprazem em ver tanta miseria e ignorancia nos trabalhadores.

ESPARTACO

Actividade anarquista

Está sendo muito censurada a actividade dos anarquistas no Rio de Janeiro. E' por causa dessa actividade que Pinto Machado continua no seu jornal a referir-se á minha pessoa. Essas referencias são injustas e merecem uma resposta. Como, porém, não vivo do que dizem de mim, mas do producto do meu trabalho, deixo de responder á parte em que Pinto Machado se refere á minha pobre educação.

Ha tempos a União Operaria do Engenho de Dentro convidava pela imprensa o operariado para uma conferencia cujo tema era: — *Casas para a pobreza.* A entrada era franca, a tribuna livre e o conferencionista o senador Tomás Delfino. E enfim, tudo seduzia, invitava os que ainda se interessam pelas questões operarias. Por isso, á noite, para lá me dirigi. E quando o orador terminou a sua arenga sem logica pedi a palavra e subi á tribuna, onde tantas vezes fui aplaudido por Pinto Machado e outros companheiros, que hontem eram anarquistas e hoje são governistas.

O senador preconizára uma cooperativa de sistema capitalista ou burguês. Esta cooperativa, mediante uma contribuição mensal, e quando tivesse acumulado um capital relativamente necessario, construiria habitações higienicas para os seus consocios. Como estavamos em vespera de eleição, e como a missão dos politiqueiros é prometer este mundo e o outro da sua cachóla enferma, o tal senador prometeu apresentar um projecto de lei concedendo terras devolutas e isenção de direitos para os materiaes que tivessem de ser importados.

Sem declinar um só nome, comecei protestando contra a frase — *Casas para a pobreza*, porque ella dividia a humanidade em classes de ricos e pobres, sem provar-me racionalmente que uns nascem para serem ricos e outros para serem pobres. Mostrando depois a origem da propriedade, de acordo com Rousseau e Proudhon, provei que a humanidade estava dividida em duas unicas classes. : — a dos ladrões, isto é, a dos burgueses, e a dos roubados, isto é, a dos operarios.

Provei ainda que compondo-se o operariado de homens que ganham cinco e seis mil reis por dia (ou menos) era uma insensatez exigir de sua bolsa o menor sacrificio, que ainda que o projecto fosse promulgado o problema não ficaria resolvido, pois só bem poucos trababalhadores gozariam desse beneficio, e ainda que delle viessem a gozar todos os trabalhadores esse gozo duraria pouco, pois que logo que se vissem a braços com o desemprego ou uma longa infermidade não poderiam pagar os impostos prediaes, entrando em luta com o fisco, que se encarregaria de expropria-los batendo o martello na sua propriedade e entregando-a afinal ao dominio da burguesia.

Abordando a segunda parte da conferencia, que era a — *Emancipação da mulher* — tive ocasião de ocupar-me do neo-malthusianismo, estribando-me para isso em opiniões de homens da cultura mental de Paul Robin. Foi então que eu disse que a mulher devia fechar os ouvidos á retorica bertoldina dos homens de leis, que na frase de Kropotkine eram uns «maniacos pervertidos pelo direito romano», e escolher e unir-se livremente ao eleito do seu coração, sem a sanção do padre ou do pretor.

Assim, a mulher entrava na posse de si mesma, adoptando o livre matrimonio, não admitindo sobre a sua vontade e o seu corpo sinão o dominio do seu proprio eu.

E como, depois de chegar a tal gráu de alevantamento moral, a mulher devia entrar com a sua parte contingente na luta pela emancipação humana, eu mostrei como a mulher o podia fazer, adoptando a livre maternidade, procurando por meio dos recursos scientificos actuaes só ter filhos quando os quisesse e pudesse ter e educar, fazer delles homens livres e não escravos.

Expliquei tambem que se a mulher fizer esse movimento, a um tempo higienico e economico, contribuirá para a revolução, porque esse movimento sería a regularisação da procreação, a diminuição da natalidade, a escassez de braços na guerra de concorrencia de que a burguesia tira hoje todas as vantagens e portanto a valorização do trabalho, a independencia economica do trabalhador.

Puz-me então a evocar as datas historicas para provar que em todas as épocas o operariado só pôde contar com a acção directa para conquistar melhoras economicas e sociaes. E estendendo-me em tal assunto referi-me á creação do Partido Operario Independente, mostrando a inutilidade da conquista dos poderes governamentaes pelos operarios. Disse que ainda que os operarios conquistassem o parlamento e chegassem a ter um poder executivo seu (presidente e ministros operarios), o problema ficaria insoluvel, pois além da burguesia capitalista e industrial, tinha o operariado de lutar com a burguesia fardada, que certamente se não deixaria despojar sem mais nem menos dos privilegios odiosos que possue em detrimento dos operarios que servem nas fileiras como soldados rasos. Mostrei com Renan a origem do militarismo, como com raras excepções os burgueses de galão de hoje são por atavismo os mesmos capitães de bandidos de ontem, e disse que logo que o Parlamento votasse e o poder executivo promulgasse qualquer lei, ferindo os privilegios aludidos, o exercito e a armada se encarregariam de mudar da noite para o dia a situação politica dominante, ficando o operariado entre as pontas aceradas deste dilema: ou sujeitar-se ao dominio tiranico das forças armadas ou fazer a revolução para vence-las. Para chegar a tal resultado, — pensava eu na conferencia como ainda penso agora, — não valia a pena atirar o operariado aos motins eleitoraes, contra a fraude adrede preparada e inevitavel, contra o cacete desabusado do capanga e contra os punhaes ponteagudos e acerados dos sicarios. Bastava dizer-lhe que a sua emancipação só poderá raiar quando elle, unido no mundo inteiro, fizer a revolução social, para derribar todo e qualquer governo, acabar com todos e quaesquer privilegios odiosos e estabelecer a verdadeira igualdade social.

Diante dessa logica, dessa razão e dessa altivez, que faz Pinto Machado? Põe as mãos nos quadris, á laia das marafonas atrevidaças, e desanda em uma tremenda descompostura contra mim e os meus camaradas, julgando talvez que nós, o acompanhariamos na carreira em terreno tão ingrato e escorregadio. Enganou-se.

Venha Pinto Machado discutir questões e não injuriar companheiros que nenhum mal lhe fizeram e cujo unico crime consiste em enfrentar os burgueses, em qualquer parte que se achem, com altivez, brio e independencia. Por isso mesmo, reproduzo aqui o que disse na aludida conferencia para o companheiro refutar. Só assim o operariado ficará sabendo com quem estão a sinceridade e a verdade, só assim ficará sabendo se somos arruaceiros e incompetentes. Se o não fizer, dentro da razão e da logica, ficará conhecido como um ignorante das questões sociaes. Venha dizer-me com franqueza quaes são as opiniões de Eliseu Reclus e Pedro Kropotkine a respeito da questão social; venha provar-me que estes pensadores condenam a revolução social e preconizam a creação de cooperativas e partidos politicos governistas; e se é marxista indique-nos a obra em que Carlos Marx préga a interferencia de burgueses como o senador Tomás Delfino e caterva nas questões operarias.

Aliás, para começar a provar a ignorancia de Pinto Machado em questão social, basta o facto de chamara os anarquistas *anti-politicos*. Ignora que a anarquia, pretendendo organizar a producção e estabelecer a igualdade economica, e por isso verdadeira politica. Quis chamar-nos anti- governistas, anti-patriotas e anti-eleitoraes e não soube.

ULYSSES MARTINS.

Festa Libertaria

Sabbato 17 Febbraio 1906, alle ore 8 1|2 pom.
Nel Salone «Lyra» — *Largo do Paysandú n. 20*

Il Gruppo Filodrammatico Libertario darà un trattenimento famigliare col dramma sociale di Tito Carmiglia:

Sangue Fecondo

Monologo di S. V. Mazzoni

Farà seguito la brillante farsa: *La sposa e la cavalla.* Dopo lo spettacolo *ballo famigliare.*

N. B. — Col ricavato netto di questa festa il Gruppo pubblicherà un opuscolo di propaganda.

Um manifesto eleitoral

Como prometemos, vamos hoje comentar rapidamente o manifesto que «muitos operarios eleitores» espalharam nesta cidade por ocasião do ultimo «pleito eleitoral.»

Se são muitos os que tomaram esta iniciativa, não sabemos. Mas já essa afirmação prejudica o movimento operario, porque pareceu resultar insignificante a sua força, a qual aliás reside principalmente na organização economica. E que dizer então do mal que poderia resultar duma intervenção mais entusiasta do operariado na intriga eleitoral entre dois bandos igualmente antiproletarios?

Os autores do manifesto quiseram protestar contra a prepotencia exercida por um patrão contra operarios *seus*.

Notemos que deveriam escolher outro meio de atingir mais directamente, nos seus interesses, o patrão prepotente, de o forçar a capitular, em vez de o atacar (?) dum modo tão indirecto, tanto mais que nem mesmo era candidato mas chefe dum partido que apresentava os candidatos que o manifesto guerreou.

Não acharam esse meio? Eram impotentes no terreno economico? Então, em vez de se exporem ao fiasco, usando um meio que resultou tão ridiculamente impotente (e sê-lo-ia mesmo em caso de *triunfo* eleitoral), deveriam tratar de fortificar a organização de classe, procurar unir num feixe as forças proletarias, propagar a necessidade dessa união.

Não dizemos que não tenham trabalhado nesse sentido; mas, francamente, podemos relevar este facto: que não é visivel que procurem apressar a adesão da «União dos Trabalhadores Graficos» á «Federação Operaria», concorrendo para evitar que sobre a primeira possa cair a triste suspeita de que hesita em federar-se. E assim tendo mostrado tanta solicitude em lançar as bases — bem indecisas e escuras, na verdade — dum «partido operario», não cuidam da formação e fortalecimento do verdadeiro e natural partido do trabalho!

Por outro lado, se os motivos da intervenção de operarios organizados eram economicos, da competencia da organização de classe, como é que o manifesto combatia o patrão Mesquita tambem como «chefe politico»? Pois não viram que o que delle disseram se aplica igualmente aos outros «chefes», de qualquer dos partidos engalfinhados? Não parecia ser assim o manifesto forjado por agentes do governo? Não é isto prejudicar o movimento operario? Não é isto tomar parte numa intriga eleitoral da peor especie?

Constou que os iniciadores do pretendido «partido operario» desejam pôr em prática a tactica inglesa de votar no candidato mais favoravel aos operarios, sem distinção de partidos. (As Trade-Unions vão abandonando em parte esse procedimento, começando a apresentar candidatos proprios, e um pouco tambem seguindo a «acção directa» e pondo de lado o parlamentarismo). Ora o candidato mais favoravel deve ser o que mais... promete, porque para um deputado é facil prometer. E parecenos que os «dissidentes», que o manifesto guerreou, fizeram abundantes promessas... Se promessas enchem barriga, porque não votaram nelles?...

Mas... errar não é difícil, sobretudo nestas questões. A inexperiencia, a impaciencia de agir e de seguir os caminhos que parecem faceis e curtos, a preguiça de trilhar as sendas longas mas eficazes, tudo leva ao engano. Mas a este segue-se o desengano — e confessar o erro é uma alta manifestação de sinceridade. Entre os que tomaram esta iniciativa infeliz, conhecemos companheiros sinceros e que procuram fazer bem. Nós esperamos tê-los em breve ao nosso lado.

Factos da actualidade

NO ACRE. — Diz um telegramma de Manaus:

«Chegam noticias de alta gravidade sobre o estado da [illegible] de linha no territorio acreano. [illegible]

E que será feito dos deportados, sem julgamento, por occasião da revolta de novembro de 1904? Quanto aos grandes implicados nesses acontecimentos, esses estão como se nada tivesse havido... Que o povo aprenda!

*

ANTIMILITARISMO. — Telegrafam de Paris:

«No sentido de evitarem os tumultos aconselhados pelos antimilitaristas, pelos revolucionarios, nos boletins afixados nas principaes ruas desta capital, a policia civil percorreu-as suprimindo todos os cartazes desta natureza.»

«Noticia a *Petite République* que ontem, á noite, foram realizados muitos cartazes antimilitaristas, contendo cerca de quatrocentas assinaturas.»

Os tribunaes julgaram ter sufocado a propaganda antimilitarista, tão necessaria neste momento: vê-se que se enganaram.

Na dolorosa anciedade causada pela perspectiva duma terrivel guerra, comprehende-se como os revolucionarios devam redobrar de esforços.

*

INVASÃO DE FRADES. — Depois da praga dos gafanhotos, ameaça-nos a invasão crecente da fradaria. As fileiras dos nossos inimigos engrossa, e a nossa tarefa torna-se cada vez mais pesada.

Verdade seja que em toda a parte elles fazem mal e que a sua mudança de terra não é uma solução para a humanidade solidaria, nem nós desejamos que sejam expulsos, que contra elles se exerça uma violencia, pois não queremos para os outros o que não queremos para nós; mas por isso mesmo multiplicam-se os motivos de actividade da nossa parte. Ataquemos o mal pela raiz!

Girando pela cidade

IMMIGRANTES

Um recente crime praticado na Hospedaria dos Immigrantes por motivo dum pão é um indicio revelador do modo como são recebidos os escravos recrutados lá fóra por meio do engano. O que sucedeu e está sucedendo com os gregos, reduzidos á ultima miseria, morrendo de fome, é igualmente significativo.

Em breve contaremos a edificante odisseia dum immigrante que veio de Barcelona a S. Paulo. Veremos se a escravatura acabou.

QUEM DEPENDE DO PATRÃO...

Temos vagas informações sobre a exploração atroz exercida em certas empresas e fabricas desta cidade; mas as victimas não ousam mesmo fornecer-nos dados positivos, ainda que desacompanhados da sua firma. O medo terrivel de perder o ganha-pão torna-as extremamente cobardes. E ha quem fale na liberdade do salariado, na liberdade do trabalho!

CONTRA OS HOMENS DE COR

Algumas autoridades *republicanas* de aqui lembraram-se de excluir os negros de certos cargos — cargos que, aliás, para nós são pouco simpaticos. Mas fossem lá falar a estes republicanos, nos tempos de propaganda, de leis de excepção! Todos são iguaes perante a lei, a escravatura foi abolida, não é isso?

Uma coisa é estar na oposição e outra é estar no poder. As ideias podem ser muito boas, muito avançadas, mas o governo é sempre o mesmo. A autoridade funciona sempre do mesmo modo, salvo a resistencia popular, a pressão da opinião publica.

E decerto esta medida arbitraria de poucas autoridades demasiadamente ousadas não terá seguimento, porque repugna muito á consciencia geral.

GREVE DE CHAPELEIROS

Os operarios da casa João Ganei, da rua Florencio de Abreu, por solidariedade com um companheiro de trabalho ofendido, declararam-se em greve no sabado passado, aproveitando a ocasião para pedir a execução da tabella de salarios aprovada pela União dos Chapeleiros.

Depois de breve resistencia por parte do patrão, os grevistas conseguiram o que desejavam e voltaram ao trabalho.

As costureiras de S. Paulo

As colunas desta folha que combate em pról do proletariado, cederão logar, desta vez, a poucas palavras em defesa duma classe de operarias que, até hoje, quer pela impossibilidade de fazerem ouvir as suas debeis vozes, quer pelo lastimavel descuido dos companheiros de outras classes, têm estado em esquecimento, oferecendo ocasião aos proprietarios de oficinas de pôrem em pratica o maior absolutismo nas suas oficinas.

Quero referir-me á classe das costureiras desta cidade.

Em leves traços pintarei o quadro da vida de trabalho das operarias da agulha, para, na sua nudez, mostrar aos companheiros das demais classes, que, se quasi todo o operariado é submetido a um regime despotico, o das costureiras de S. Paulo é insuportavel.

Estas operarias trabalham um numero medio de 12 horas por dia, isto é, um dia e meio, comparando-o com o almejado dia de 8 horas, sem levar em linha de conta os três ou quatro dias da semana que, em muitas oficinas, o trabalho é prolongado até a meia noite, correspondendo assim o dia a 16 horas de trabalho! É isto horrivel? É ou não é um regime barbaro?

E se consideramos ainda que para a mulher, a companheira do homem, que, pela estructura material do seu fisico, não era destinada a entrar na luta pela existencia quanto mais horrivel nos parecerá este regime insuportavel mesmo para nós do sexo forte!

Mas o dia de 16 horas não era suficiente aos proprietarios de oficinas para satisfazerem sua séde lucrativa, pois que em muitos *ateliers* as fracas operarias da agulha são até privadas do repouso dominical, trabalhando nesse dia, que para todos é um descanço almejado, como em todos os outros da semana. E sabeis, companheiros, como são remuneradas estas operarias que, á custa de tantos sacrificios se dedicam ao trabalho? Com a misera mesada em media de 50 a 60 mil reis, isto é, de 1$500 a 2$000 por dia, quantia com que devem satisfazer as necessidades da vida!

Pode-se viver honestamente com esta diaria? Pergunto eu aos burgueses que colhem sempre o ensejo para lançarem as mais atrozes invectivas contra os operarios que, depois dum mez de fadigas nas oficinas, não podem satisfazer com o mesquinho ordenado os compromissos que as necessidades da vida lhes impõem.

Espero que os companheiros das demais classes em vista do que lhes exponho não demorem em encetar uma campanha decisiva para melhorar as condições das costureiras de S. Paulo, pois que, além de cumprirem um acto eminentemente humanitario e de solidariedade, concorrerão sempre mais para o bem-estar futuro dos operarios que hoje bem se pode dizer que é deploravel!

Termino por hoje tendo em consideração a falta de espaço deste jornal, mas voltarei ao assunto prometendo que farei investigações a respeito das oficinas onde as costureiras sofrem represalias por parte dos respectivos proprietarios, para depois fazer conhecer aos leitores da *Terra livre* os nomes desses usurpadores do suor dos operarios.

N. da R. — Achámos em nossa redacção este artigo, que publicamos por ser exacto, reservando-nos o direito de juntar depois algumas considerações, se necessarias. Pedimos, porém, ao autor do artigo que nos faça conhecer o seu nome.

Dentro das associações

Sindicato dos T. Alfaiates

Para a constituição deste sindicato realizaram-se duas reuniões, regularmente concorridas. Na primeira deliberou-se publicar um manifesto-apello á classe. Na segunda, foi uma comissão encarregada de compilar os estatutos, que serão publicados, no caso de possibilidade, no «Avanti!» e no «Secolo», e discutidos depois em assembleia geral. Os inscritos procurarão a adesão dos outros companheiros.

Sindicato dos T. em Ladrilhos

Para a fundação desta sociedade de resistencia foram dados os mesmos passos acima indicados, quanto ao sindicato dos Alfaiates.

Federação Operaria de São Paulo

Tendo-se travado uma questão pessoal entre varios membros do «Partido socialista» desta cidade, e tendo-se considerado o ingenheiro Alcibiades Bertolotti pessoalmente ofendido na sua honra privada pelo doutor Antonio Piccarolo (sentimos a impaciencia dos leitores não prevenidos, já intrigados: Que diabo terá que ver a *Federação Operaria* com uma questão pessoal entre este ingenheiro e este doutor? — Esperem, esperem!) lembrou-se o primeiro de pedir á Comissão Federal que se constituisse em tribunal para julgar a aludida «honra privada»!

Após acalorada discussão, durante duas sessões, foi esta a resposta da Comissão:

«S. Paulo 8 de fevereiro de 1906

Na terça-feira ultima, 6 do corrente, depois de discutido o pedido feito pelo cidadão Alcibiades Bertolotti á Federação operaria de S. Paulo *para que a Comissão Federal se constituisse em tribunal da sua honra e procedimento privado, resolveu-se não aceitar tal encargo em virtude da origem e natureza da questão, que poderia trazer dissenções e rivalidades pessoaes para o seio da Federação e do proletariado organizado.*

Afim de evitar todo equivoco ou suspeita di parcialidade, a Comissão declara ter tomado esta resolução, não por ser solidaria com qualquer das partes contrarias ou por ter acusações a fazer, mas por querer evitar que sofra a armonia existente entre o proletariado organizado.

A COMISSÃO DA FEDER. OPER. DE S. PAULO»

A primeira parte está perfeitamente. Logo pela discussão prévia «sobre se se devia ou não aceitar o encargo», se viu que a questão traria grandes perigos de dissenção e que era uma traição ao movimento operario.

Mas a declaração contida na segunda parte achamo-la bem inutil. Se alguma coisa se devia declarar, servindo de norma geral, era que a Federação só se ocupa dos interesses de classe do operariado.

O que nos surprehendeu dolorosamente foi vermos dois camaradas, que tanto têm trabalhado pela organização operaria e pela sua boa orientação, afastando della os motivos espurios de discordia, desmentirem por esta vez a sua acção passada (e até os seus ideaes politicos), procurando concorrer para que as nefastas questões pessoaes, de que tão vergonhoso espectaculo tem sido dado em S. Paulo por homens que não souberam desprender-se dos seus habitos burgueses, se introduzissem no seio das organizações operarias, ainda na infancia!

O operariado tem coisas mais sérias em que pensar: cremos que esses camaradas o reconhecerão.

União dos Trabalhadores Graficos

Realizaram-se nesta associação as duas primeiras assembleias geraes ordinarias do anno. Foram eleitos o Conselho Administrativo e a Comissão de Contas. Foi apresentado o relatorio do movimento da sociedade durante o anno, assim como a prestação de contas.

No dia 17 de março haverá festa por ocasião do segundo anniversario da associação.

U. dos T. G de Campinas

No dia 17 do corrente realizar-se-á uma festa em beneficio desta associação.

OPERARIOS! lêde o interessante livro de ELISEU RECLUS

Evolução, Revolução . . .
. . . . e Ideal Anarquista

Volume de 152 paginas pelo preço de 1$000

OS COMPANHEIROS que, para propaganda, desejarem adquirir um numero regular de exemplares, terão um abatimento razoavel: 10 ex. 10 %; 20, 20 %; 30, 30 %; 40, 40 %; 50 ou mais, 50 por cento. Apenas esgotado este livro, empreenderemos a publicação de outro.

Registo d'entrada

— *La Organización Obrera*, *El Grafico*, [illegible] *Pifuquero*, de Buenos Aires. Vêm cheios de protestos contra as prepotencias governamentaes [illegible] na já famosa Republica Argentina.

— *A Doutrina Social*, de Juiz de Fóra. [illegible] Publica um manifesto do «Centro de Classes [illegible]», incitando á união os trabalhadores [illegible].

— *Estatutos* da Associação de Classe [illegible] em Pedreiras, do Rio de Janeiro.

— *O Amigo da Mocidade*, do Rio de Janeiro.

— *Rebeldias Cantadas*, por Blásquez de [illegible] Béjar, 1905.

— *Come gli operai di Pietroburgo* [illegible] V. Vomeni. Ravenna, 1906.

— *La Protesta*, diario anarquista de Buenos Aires. Reapareceu, depois dum longo periodo de suspensão violenta, este valente orgam de propaganda, que tão pertinazmente defende as [illegible] ideias contra a ferocidade do governo e da burguesia da Argentina. Saudações calorosas aos [illegible] camaradas.

N. B. A falta de espaço obriga-nos a [illegible] a enumeração das publicações recebidas.

CAIXA DO CORREIO

Rio. — *Magrassi*. Fica intendido. Agradecemos [illegible] jornal; deveis escolher de preferencia as [illegible] locaes e não abandonar nenhuma. — *Vasques*. [illegible] Está bem; mas então a noticia do congresso [illegible] clara. Será feita a comunicação. — *Alexil*. [illegible] os folhetos. Quanto ao livro de Reclus, [illegible] pedido para Espanha; é preciso esperar. — [illegible] *gues*. Recebidos os 12$. — *U. Martins*. [illegible] bastante tarde (dia 15).

S. Paulo. — *Castaldi*. Não podendo [illegible] aceita por este meio as nossas felicitações [illegible] nascimento da pequenina Iris.

Salto. — *J. P. B.* Está muito bem. Porque [illegible] mandam d'ahi uma correspondencia? Sende [illegible]

Sorocaba. — *J. Postigo*. Foram os folhetos.

Lisboa. — *Cid*. Foram os numeros pedidos [illegible] «Aurora».

A todos os camaradas de Portugal. — Quando em Portugal tiverem contas comnosco ou pedidos de publicações a fazer-nos poderão pagar-nos [illegible] folhetos ou livros — destes ultimos, de preferencia os livros de leitura infantil, contos, etc. e [illegible] possivel despojados das tolices religiosas e [illegible]ticas.

Munições para o periodico

SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA (n.º 3 e 4)

Saldo do n.º 3 . . . .

A. C. (assinatura de dois diarios) . . .

Lista da redacção: J. [illegible] no, 1. F. Fiume, 1. Um numero, 200.

Lista de S. Napoli (Uberaba): O. Spessetti, 2. S. Napoli, 2. C. Flores, 2. C. Zanobini, 2. . . . .

Lista M. D. d'Almeida (Rio): M. D. d'Almeida, 2.700. A. Patricio, 1. A. Politano, 500. S. Mariani, 500. M. F. Moreira, 1. S. Ivaldi, 500. J. Belleza, 500. F. Menghini, 500. J. A. Fria, 1. J. Azevedo, 1. A. Teixeira Velludo, 500. J. P. de Lima, 500. Arrua, 500. A. Cardia, 1. A. da C. Braga, 1. J. da C. Braga, 1. M. L., 1. Total 14$700 dos quaes 5$000 foram publicados no numero passado. Resto . . . . .

Listas de Nilo e Fernandes (Santos): Nilo, 2. J. Martinez, 1. — T. L. Marques, 1.500. A. José 2. . . . . .

Do Rio: Magrassi, 1. Juvencio, 1. . .

Do Salto do Itú (entregue por A. N.) .

Lista de Barrote (Salto): J. P. Barrote, 1; A. Machado, M. da Silva, J. Ramos, L. Comatto, M. Santos, J. d'Oliveira, A. Pinarelli, M. Jorge, J. Carfore, J. da Silva, A. V., A., A. P., G. R., F., V. Donalisio, 500 reis cada um.

Lista de A. R. dos Santos (Rio): A. Rafael, 2. Ricardo, 1. Silvestre, 1. Faria, 1. Mario, 1. Amaral, 1 França, 500. Heraclito, 500. . . . . .

Lista de P. Colli (Palmeira): Paulo, 1. Colli, 1.500. Z. Agottani, 500. J. Lottici, 500. R. Ganassoli, 1. C. Mezzadri, 1.000 S. Minardi, 600. Um sapateiro, 1. A Agottani, 1. Total, 8.100 menos 600 para o correio . . . .

J. S. de Freitas (Mariahé) . . . .

ASSINATURAS

Annuaes. — De S. Paulo: M. G. S. F., M. T. P. . . . .

Semestraes. — De S. Paulo: M. B. De Santos: J. F. (lista Fernandes) . . . .

Trimestraes. — De S. Paulo: A. C., M. C., S. V., B. F., J. L. — Do Rio (lista Almeida): A. F., A. M. . . . .

Total

SAÍDAS (ns. 3 e 4)

Tipografia

Impressão e papel (3.000 ex.)

Correio, livro em branco

Somma

Entradas

Deficit

A Terra Livre, São Paulo, 07 de Fevereiro de 1906, Anno I, Número 5.

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE. GOETHE

ANNO I — SÃO PAULO (Brasil) — QUARTA-FEIRA, 7 DE FEVEREIRO DE 1906 — NÚMERO 5

EXPEDIENTE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita tambem assinaturas nas seguintes condições:

Serie de 25 numeros	4$000
» » 12 »	2$000
» » 6 »	1$000

Os nomes ou pseudonimos dos subscritores voluntarios serão publicados no logar competente; mas não assim os dos assinantes, a quem o administrador passará recibo, publicando só as importancias recebidas. Administrador é o camarada EDGARD LEUENROTH; mas para evitar perdas de tempo, a correspondencia deve ser enviada a *Neno Vasco* — Rua Santa Cruz da Figueira, 1 — São Paulo.

Preparando a festa

Contam-nos que em alguns centros operarios se prepara desde já a «festa» do 1.º de Maio, isto é, a manifestação proletaria que a inconsciencia duns, a astucia e velhacaria d'outros e a cumplicidade de todos reduziu, em tantas partes, a uma absurda «festa do trabalho», como lhe chamam os burgueses complacentes.

E na verdade comprehende-se perfeitamente que os burgueses e seus servos — os governantes e jornalistas assalariados — festejem o «trabalho honrado, as mãos callosas do trabalhador honesto e digno, meus senhores» (murro no peito e enfase na voz). Pudera! Elles vivem desse trabalho... dos outros, delles tiram todos os seus fartos proventos, e não é muito que, por gratidão, agradeçam o beneficio recebido, ao menos com flores de estilo e elegantes figuras de retorica, tanto mais que assim contentam os ingenuos que os mantêm e se sentem ainda lisonjeados.

Mas que os trabalhadores a façam, essa «festa do trabalho»! Qual trabalho? Será esse trabalho bestial, roubado, escravizado, monotono, feio, estupido, que o salariado suporta submissamente, dolorosamente, na oficina ou na fabrica, na rua ou no campo, num antro insalubre ou sob a furia das intemperies, durante longas horas e sob olhares vigilantes?

Será esse castigo, essa pena, essa escravidão a que o escravo moderno se submete sob a ameaça da fome, sob o insulto do contramestre, sob o chicote do feitor, sob o facão do esbirro ou do capanga?

Será essa labuta, essa faina, essa fadiga que o servo do capital executa com instrumentos, sobre terras e materias primas de que parasitas se arrogam a posse, impondo a todos um pesado tributo, que os engorda, e falando-nos de supostos direitos, unicamente sancionados por uma ignorancia tradicional e pela violencia das armas?

Não, companheiros, não podeis festejar o que não existe. O trabalho, fecundo dispensador de vida e de belleza, equilibrado e armonico, voluntario e escolhido, de todos e para todos, livremente organizado por acordo livre entre os seres humanos ao mesmo tempo produtores e consumidores, capitalistas e trabalhadores, sendo os instrumentos, as terras, os materiaes de todos, e para todos os seus frutos, esse trabalho verdadeiro não existe, companheiros. E vós só o podereis festejar quando o tiverdes conquistado.

E é dessa conquista que se trata — tanto no primeiro de maio como nos outros dias.

Se festejais o trabalho, tendes a simpatia dos jornalistas das grandes empresas, que vos dedicarão um desenho alegorico e uma página de prosa retumbante e oca, com os mesmos fins e as mesmas vantagens duma página de anuncios; tendes a benevolencia dos governos, que decretarão feriado oficial o dia da festa; tendes a protecção complacente dos patrões, que fecharão amavelmente as suas portas, em sinal de aprovação ao vosso regozijo!

Trata-se duma conquista, companheiros, e se não vos sentis bastante fortes para impor aos patrões esse magro descanso dum dia, desertando as oficinas, pois bem! ide trabalhar, mas nada mendigueis, não associeis os vossos inimigos de classe a uma manifestação que deve ser de luta e de protesto.

Assim foi ella na sua origem. Foi um protesto contra os longos dias de trabalho e um ensaio de greve geral. Os trabalhadores norte-americanos deram-lhe um caracter revolucionario, os martires de Chicago deram-lhe o baptismo do seu sangue. Ha 16 annos teve os governos e a burguesia de sobresalto.

E hoje os trabalhadores franceses, e sob o seu exemplo muitos outros, preparam-se para restituir ao 1.º de Maio o caracter de reivindicação que teve primeiramente, associando-o á conquista das 8 horas e desembaraçando-o de estreitas ligações partidarias, para o tornar movimento de toda a classe.

A sua actividade manifesta-se na agitação da rua, no comicio, na conferencia, no jornal, no folheto, no cartaz, na etiqueta, etc. como propagaada; e como acção, na presença na oficina reduzida a 8 horas, na greve, na sabotagem, na boicotagem...

Em quanto lá fóra se luta, não façamos entre nós palhaçadas. Não nos humilhemos: reivindiquemos.

O papel dos partidos
politicos na Russia

I

Os acontecimentos da Russia são uma excelente lição para os revolucionarios de todos os países. Puseram alí em prática a greve geral, e é notavel observar que esta greve geral teve um exito admiravel quando foi um movimento espontaneo, espalhando-se rapido pelo contágio do exemplo. Pelo contrário, quasi fracassou ou não deu os resultados esperados, quando *decretada* pelos partidos, ou antes por uma comissão directora. (A insurreição de Moscou parece ter sido um movimento autonomo ao qual, para triunfar, só faltou uma defecção mesmo parcial das tropas governistas. Esperemos que esta revolta, embora vencida, seja o melhor exemplo para outras revoltas similhantes; mas a greve geral e a insurreição armada devem ir a par afim de triunfarem.)

Os partidos quiseram atribuir a si todo o papel no movimento revolucionario da Russia, ao passo que não têm sobre a massa a influencia autoritaria que julgam possuir. Na hora actual, contribue cada um do seu lado pára impedir o funcionamento da máquina governamental: operarios, camponeses, burgueses, intelectuaes. Parte desses individuos aderem ao socialismo democratico, ou mesmo ao liberalismo, outros são anarquistas; ainda desses a maior parte não têm plena e exacta noção das ideias em nome das quaes dizem agir. Quanto á grande massa, essa não é nada; quer a satisfação das suas necessidades e naturalmente das mais immediatas; quer a liberdade dos seus movimentos. Os camponeses retomam a terra, e, sendo preciso, queimam as casas dos proprietarios; os operarios fazem greve para exigir melhores condições de vida, e aqui e ali saqueiam os armazens, em quanto se espera, para irem vivendo. E esta m ssa que, organizando-se quasi por todo o imperio em movimentos autonomos, paralysa a repressão governamental, e tornará dificil o restabelecimento dum autoritarismo estatista.

Reconheçamos que foi a propaganda dos partidos, ou antes a propaganda de socialistas, de liberaes, de revolucionarios agindo por conta propria, bem como a dedicação dos revoltados insulados, que precipitaram a evolução e prepararam o movimento geral. Mas esse movimento geral dá agora origem a manifestações numerosas e multiplas, e essas excedem a acção e a influencia dos partidos, os quaes muito frequentemente parecem embaraçados ou contrariados pelas reivindicações espontaneas e os actos da massa.

O liberaes, por exemplo, reprovam as violencias. Querem, sim, servir-se da revolução para obtenção de direitos politicos de que tiraria proveito sobretudo a burguesia, mas condenam altamente os atentados contra a propriedade. Para elles, o movimento ha de ser constitucionalista, ou não será. Se o proprio governo aceitasse francamente a constituição, uma parte dos liberaes não hesitaria em o sustentar e prestar-lhe-ia o seu apoio para o restabelecimento da *ordem social*. Já muitos delles deploram as greves multiplas destes ultimos tempos, as quaes desorganizam a vida economica e industrial do paiz e comprometem o crédito nacional.

Para elles, a solução da questão agraria está no resgate. O governo liberal daria aos camponeses as terras compradas aos proprietarios que nisso consentissem; estes receberiam um foro garantido pelo Estado, mas pago pelos camponeses por meio dum imposto especial. Outros reformadores propõem que sejam os proprios proprietarios que vendam as terras aos camponeses, naturalmente, *por um justo preço*. Os pagamentos seriam facilitados por bancos de crédito funcionando para este fim. Eis a este proposito um extracto das «Noticias de Odessa»:

«Os proprietarios de terras decidiram ir ao encontro dos votos da população camponesa e vender-lhe parte das suas terras. Os camponeses zombam abertamente dessa pretensa liberalidade. Dizem que sempre tiveram o direito de comprar terras, e não será porque os proprietarios consentem em vender as suas terras que a situação ha de mudar. Quem dará aos camponeses o poder de comprar pelo «justo preço», isto é, pelo preço do mercado, que a especulação terreal fez subir, durante os ultimos quinze a vinte annos até 300 rublos por deciatine? Insiste-se muito sobre o facto de permitir a ajuda do Banco dos camponeses o dividir os pagamentos por uma longa serie de annos. Esta perspectiva de nenhum modo convence os camponeses, porque elles comprehendem muito bem que pelo preço de 250 a 300 rublos por deciatine, nem sequer conseguirão sempre pagar os juros.»

M. PIERROT.

Aos camaradas, aos simpatizantes, aos amigos sinceros de Terra livre, *fazemos notar que devem sobretudo atender á* SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, *porque a assinatura é mais para os estranhos, para os curiosos, do que para os camarades que desejam colaborar eficazmente na nossa obra.*

Aos juizes

Vós fazeis guerra aos ladrões e assassinos; mas que é um ladrão e um assassino?

Direis: individuos que querem viver sem trabalhar, á custa da sociedade.

Mas lançai um olhar sobre a vossa sociedade, e reconhecereis que nella formigam ladrões e assassinos e que, longe de os punir, as vossas leis não são feitas senão para os proteger. Longe de punir a preguiça, apresentam como ideal e como recompensa o prazer de nada fazer, aos que podem chegar, seja por que meios fôr, a viver bem sem nada produzir.

Vós punis como ladrão o desgraçado que, não tendo trabalho, se arrisca a ir para a cadeia por se apoderar dum bocado de pão, que lhe mate a fome; mas inclinais-vos de chapeu na mão diante do açambarcador millionario que, ajudado pelos seus capitaes, tiver retirado do mercado os objectos necessarios para o consumo de todos, para depois os vender com um ganho de 50 por 100; ireis bem humildes e submissos esperar para a ante-camara do financeiro que, numa operação de bolsa, tenha arruinado centenas de familias, para enriquecer com os seus despojos.

Vós punis o criminoso, que para satisfazer o gosto da preguiça e do deboche, esfaqueia uma víctima qualquer; mas esta preguiça, este gosto pelo deboche, quem lh'os inculcou? não foi a vossa sociedade? Vós punis os que operam em ponto pequeno; mas sustentais exercitos, para os enviar para longe, operar em ponto grande contra povos incapazes de se defenderem.

Aos exploradores que matam, não um, mas dez individuos, que gastam gerações inteiras com o trabalho, cortando-lhes no salario, que os encerra na mais espantosa miseria, ah!... para esses reservais todas as vossas simpatias, sabeis pôr, sendo necessario, todas as forças da sociedade ao seu serviço.

E a *lei*, de que vós sois os guardas ferozes, quando os explorados, cansados de sofrer, levantam a cabeça e reclamam mais pão e menos trabalho, faz-se a humilde serva dos privilegiados, contra as reclamações intempestivas dos rotos.

JEAN GRAVE.

Pró Russia livre

CAMARADAS:

Auxiliemos de modo eficaz, na medida das nossas forças, os revolucionarios que na Russia se batem desesperadamente pela emancipação propria e, em virtude da solidariedade natural que liga todos os seres humanos, todos os países, todos os acontecimentos, pela emancipação de todos!

Continúa aberta em nossas colunas a subscrição pró Russia revolucionaria: o seu produto será enviado a Pedro Kropotkine, como tem sido feito de muitas outras partes, para ser destinado a auxiliar materialmente o movimento revolucionario russo.

Subscrição Pró Russia livre

Transporte	42$000
Pedro Colli (Palmeira)	1$000
Francisco Gonzalez (Campinas)	1$000
De Sorocaba (enviado por Ercaño)	62$000
Total	106$000
Enviado já a Kropotkine (L. 4)	60$300
Resto	45$700

Factos da actualidade

FALA O KAISER. — Segundo um telegramma, o palrador imperador alemão disse, por ocasião das suas bodas de prata:

«O meu primeiro e ultimo pensamento estão voltados para as forças combatentes de terra e mar. Deus faça com que a guerra não sobrevenha. Mas se sobrevier, estou convencido de que o exercito procederá como ha 35 annos.»

A provocação é evidente. Em 1892 este louco, este ebrio de poder, este doente, como lhe chama Tolstoi, disse algumas palavras que convem aproximar das acima mencionadas:

Recrutas! perante o altar e o servidor de Deus, jurastes-me fidelidade! Sois ainda jovens para comprehender toda a importancia do que foi dito aqui, mas lembrai-vos antes que tudo de obedecer ás ordens e ás instrucções que vos forem dadas. Vós m'o jurastes, filhos da minha guarda, sois portanto agora meus soldados, pertenceis-me de corpo e alma. Hoje não existe para vós senão um inimigo, é o que é o meu inimigo.

Com os manejos socialistas actuaes, poderá succeder que eu vos ordene que disparareis sobre vossos pais, sobre vossas mãis (Deus nos livre de tal!); mesmo nesse caso devereis obedecer ás minhas ordens sem hesitar.

Entre outras, note-se nas duas falas a hipocrita frase: «Deus nos livre...» Este louco perigoso deseja ardentemente a guerra. E se, desencadeada a guerra, alguns dos seus subditos (Deus nos livre de tal!...) segue os conselhos a que nos referimos no artigo *Guerra á guerra?*

*

NA RUSSIA. — Continúa a tragica luta entre a autoridade e os revolucionarios. Em alguns pontos, a reacção é feroz. As prisões já não são suficientes, e as execuções sucedem-se.

Em Varsovia foram fusilados, por varias vezes, cêrca de 40 anarquistas, na maioria sòmente porque se diziam anarquistas.

Digno de nota: a imprensa socialista democratica não levantou em favor delles uma voz de protesto; pelo contrario, insultou vilmente alguns delles antes da sentença! E uma infamia que não tem nome.

*

BEM EMPREGADO! — Diziam do Rio:

As sacadas da Avenida Central estão sendo alugadas por elevado preço para os dias de Carnaval. Pessoas ha que têm pago 2 contos por uma dessas sacadas.

Essas pessoas não foram decerto as que ganharam esse dinheiro. Não lhes pesa o esbanjamento de dinheiro acumulado á custa de muito suor e de muitas lagrimas dos outros.

*

VIVA O SUFRAGIO! — Os jornaes falam de violencias praticadas contra os eleitores da oposição em varios pontos da republica, como em Mato-Grosso. Viva a liberdade do voto! Viva a Republica, a qual pelo seu funcionamento (não garantido...), só com ser proclamada, fica sendo governo do povo pelo povo e garante a todos a liberdade... e o direito de escolher o amo! Como se vê, nem este!

Morrei pelo «direito do voto», *cidadãos!*

*

[illegible] DOIS COMPADRES. — Em França, [illegible]ado e a Igreja, compadres, estão [illegible] zangados: brigam em torno [illegible] der e da riqueza. A segunda, [illegible] mais fraca, grita que é oprimida, [illegible]m nome da liberdade (de explo[illegible]. Quem não te conhecer, que te [illegible]e, velhota!

*

[illegible]MBAS E POLICIAS. — Telegrafam [illegible] Barcelona:

[illegible] descoberto, nesta cidade, um objecto, suspei[illegible] que seja uma máquina destruidora.

[illegible]tinúa aquella habil policia de Bar[illegible] a *descobrir* (no sentido de *in*[illegible]) ingenhos, bombas e conspira[illegible] habilidade de que tão brilhantes [illegible] deu em recente processo de anar[illegible], os quaes foram absolvidos, por[illegible] resultou que realmente a policia [illegible]*rira* (inventára) um «complot».

[illegible] o governo quer ainda aperfeiçoar o serviço, porque dizem de Madrid:

O congresso aprovou o projecto de criação de uma policia especial de investigação em Barcelona.

Vai *descobrir* bombas e atentados em todos os cantos. De algum modo ha de provar que é necessaria. Não sabeis a história daquelles guardas encarregados, em França, de matar lobos? Conservavam cuidadosamente os ninhos para que houvesse sempre lobos e... guardas. É a história da policia... do exército... da magistratura... do Estádo...

*

GENDARMARIA ANTIGREVISTA. — Convem não esperar nada das classes dominantes; estas não vão quebrar as suas proprias armas. Fazem, é certo, conferencias internacionaes de desarmamento; mas nessas conferencias é proposta a substituição do exército de linha por uma tropa de mais confiança contra o proletariado.

Este pensamento vai ser realizado pelo governo francês; o conselho de ministros da republica decidiu a criação dum corpo de gendarmaria especialmente destinado ás greves. Este corpo será composto de homens sabendo bem o seu papel, já predispostos, em fim.

Deste facto tiram-se grandes ensinamentos: 1.º O governo perdeu a confiança no exército formado de soldados á força, já contaminados de socialismo, já em vias de dissolução e constituindo um perigo para a burguesia.

2.º A classe que tem o poder está bem disposta a defender-se por todos os meios e é a primeira a declarar que não quer a paz.

3.º O papel do exército — defender os interesses dominantes — é posto em evidencia duma maneira deslumbrante.

Em todos os casos, a franqueza é magnifica; não póde senão favorecer a propaganda revolucionaria, cujos resultados se manifestam. A consciencia de classe abre caminho, desfazendo os obstaculos.

ATENÇÃO!

Suspenderemos a remessa da TERRA LIVRE desde o proximo número àquelles que não tivarem dado sinaes de vida, mandando ao menos um modesto postal para dizer que recebem o jornal e desejam continuar a recebê-lo, embora não possam auxiliá-lo pecuniariamente.

A caixa do sindicato

O sindicato tem certas despesas e para isso precisa de dinheiro. Mas as quotas devem ser bastante baixas (e mesmo perdoadas em certas circunstancias), porque o sindicato procura recolher no seu seio sobretudo as boas vontades. As quotas elevadas tornam o sindicato uma corporação fechada e privilegiada, em luta com a parte mais miseravel da classe.

Demais, é preciso não depositar confiança no cofre da associação; isso seria o abandono da energia e da actividade. Os sindicatos que têm grossos fundos fazem-se timoratos, inactivos e conservadores... com medo de gastar o cobre; e assim os socios depositam o seu dinheiro, e as vantagens, moraes e materiaes, não vêm.

Contra os patrões, senhores de grandes reservas, de fortes meios de propaganda e de coacção, a luta assenta muito mais sobre a energia, a rapidez no ataque e a solidariedade dos companheiros e da população na luta, do que nos miseros vintens acumulados.

Ha casos de derrota operaria, apesar dos fortes subsidios de greve; por vezes os operarios subsidiados abandonam a luta (?) num momento não desesperado!

O interesse dos patrões está mesmo em que os sindicatos entesourem; isso dá-lhes uma garantia de paz e uma possibilidade de obter legalmente, firmados em qualquer texto de lei apresentado por um advogado *habil* e tido em conta por um juiz amigo, uma indenização por perdas e danos, sob pretexto de estorvos á pretendida «liberdade do trabalho», ruptura de contrato, excitação á greve, etc. Ha disso numerosos exemplos em varios países. Uma das condições que uma associação patronal francesa exigia para reconhecer um sindicato operario e negociar com elle era «que oferecesse responsabilidades e garantias *efectivas*.»

Falemos aqui da *caixa de resistencia*, a unica que julgamos indispensavel no sindicato. E esse dinheiro deve ser gasto, sem muita demora, na propaganda, nos locaes, na agitação. Por vezes é preciso considerar certos casos especiaes de solidariedade, para com um companheiro victima da luta, por exemplo, e sustentar mesmo os primeiros momentos de greve; mas neste ultimo caso mais vale recorrer á solidariedade pecuniaria dos trabalhadores todos, e principalmente á decisão e prontidão dos grevistas...

GUERRA Á GUERRA!

O antimilitarismo na Alemanha

Quando se fala tanto duma provavel guerra entre a França e a Alemanha, é interessante examinar os progressos do antimilitarismo e os esforços feitos pelos revolucionarios afim de impedir a carnificina entre os dois povos, tão proveitosa para os governantes, generaes, banqueiros e fornecedores, tão nociva para a immensa maioria da população.

Em França é bem intensa a agitação, cujo ardor o proprio telégrafo nos tem anunciado. Quanto á Alemanha, são de notar os dados fornecidos por Urbano Gohier no ruidoso processo dos 28.

O conde Zeryn, em sua brochura *A Derrocada da Alemanha*, fala do odio dos soldados alemães contra os oficiaes, dos innumeros suicidios e deserções, da aversão do povo alemão pelo serviço militar.

No exército, diz elle, ha numerosos socialistas e anarquistas e a propaganda revolucionaria é favorecida por muitos soldados. Cita um folheto, espalhado aos milhares nas casernas de Berlim, Colonia, Francfort e outras grandes cidades, algumas passagens do qual são duma energia extrema. — Não atireis contra vossos irmãos! Voltai antes as armas contra os vossos superiores, contra o tirano coroado! Incendiai os vossos quarteis! Eis em resumo os conselhos formulados nesse panfleto.

Em Bibrich, Coblentz, Dusseldorf e em quasi todos os quarteis da provincia rhenana, encontrou-se outro manifesto ainda mais energico. Nelle se lê:

«... Quando vier o dia da guerra, não esqueças que tens os mesmos interesses que aquelles contra quem o maldito do trono quiser fazer-te marchar. Não obedeças! Volta as tuas armas contra elle e seus algozes!

«... A guerra é um crime como tantos outros crimes governamentaes que os tiranos cometem, graças ao auxilio do exército. Não queremos mais suportar governos que, sob pretexto de nos defender contra inimigos eventuaes, provocam elles mesmos guerras para fazer crer na necessidade desse exército destinado na realidade a oprimir-nos».

Mas tudo isso fica muito àquem do *Manual internacional dos meios a empregar pelos soldados decididos a ajudar a Revolução*, profusamente distribuido em segredo. Eis o resumo das instruções:

«1.º Á primeira notícia de mobilização ou insurreição, o soldado revolucionario deverá incendiar o quartel onde se achar, dirigindo-se aos colchões das camas, aos depositos de lenha, palha e forragens, podendo servir-se duma mistura de petroleo e alcool, e abrindo os tubos do gaz.

«2.º No meio da confusão resultante, deve-se provocar a revolta e ferir implacavelmente todos os oficiaes.

«3.º Os soldados revoltados sairão então do quartel e juntar-se-ão ao povo.

«4.º Para o incendio póde servir tambem um preparado que se inflamma de per si alguns minutos depois de derramado sobre uma materia combustivel: este preparado, que póde ser derramado secretamente, compõi-se de sulfureto de carbonio, ou de essencia de petroleo, saturado de fosforo branco; o fosforo dissolve-se a frio.

«5.º (Repetição de parte do 1.º)

«6.º Metendo *separadamente* em duas garrafas essencia de terebentina e acido sulfurico não arejado, e prendendo em seguida as duas garrafas uma á outra, basta lançá-las contra um corpo duro para obter uma chamma produzida pela junção dos dois liquidos, no momento preciso em que se quebram as duas garrafas. Este ingenho póde tambem empregar-se contra as tropas contrárias ao povo. Grossas garrafas involvidas em pano ou papel e cheias de polvora e chumbo de caça, lançadas depois de dar fogo á mecha, podem pôr fóra de combate esquadras inteiras, crivando de projecteis as pernas dos assaltantes.

O chumbo de caça com espingardas ordinarias visando á altura da face é dum resultado decisivo nos combates a curta distancia, sobretudo contra a policia».

Que sucederia, se a guerra fosse declarada? A resposta é extremamente dificil. Ella provoca a exaltação feroz da massa inconsciente e patriotica; na crise de loucura guerreira, a revolução tem immensos obstaculos na sua frente. Entretanto, os bons sintomas existem.

Pró «Terra livre»

Lembramos aos nossos amigos que temos em nossa redacção:

A Gazeta de Noticias;
O Mundo, de Lisboa;
O Norte, do Porto;

que enviaremos a quem nos pagar em beneficio da *Terra livre*, uma assinatura de jornal diario, a preço reduzido.

Um manifesto eleitoral

Um dos muitos eleitores publica no *Avanti!* alguma coisa que, em parte, pretende ser resposta ao que dissemos.

Diz que a «União dos T. Graficos» nada de prático fizera, no terreno economico, nem o podia fazer, porque «a unica solução que se podia dar seria a boicotagem da oficina, o que seria irrisorio porque antes de despedir aquelles operarios o *chefe* da oficina com mais alguns *chefes* haviam reunido,... um punhado de operarios,... especialmente angariados para substitui-los».

Boicotagem da oficina! Se alguem falou nisso, lembrou na verdade um absurdo. A boicotagem da oficina viria a ser uma especie de greve permanente, como os chapeleiros aconselham contra os pequenos industriaes, que nunca pagam nem estão em condições de o fazer. Tal não é, porém, o caso do *Estado de S. Paulo*.

Não é nesse sentido que em geral se fala de boicotagem, nem cremos que fosse essa a ideia dominante na União dos graficos. A boicotagem seria *contra o jornal*; boicotar significaria não comprar. E no manifesto de boicotagem poderia dizer-se, contra o patrão, o mesmo que se disse no outro, — até que era falso liberal, e prègava o contrário do que dizia — com tanta eficacia pelo menos. E com a vantagem de atacar directamente o patrão nos seus interesses, de inaugurar e propagar um novo processo genuinamente economico e de evitar as intrigas eleiçoeiras, em que os «operarios eleitores» se meteram com as simpatias do governo, tanto que um redactor do orgam oficial lhes ofereceu os meios materiaes para fazer a publicação do manifesto (o que foi aceito!).

Dissemos que a intenção do manifesto foi protestar contra o patrão (e neste sentido dissemo-lo ineficaz, ainda em caso de *triunfo* eleitoral, porque não feria o patrão, que nem sequer era candidato) e *Um dos muitos eleitores* diz que não o interpretámos bem, e em seguida diz que a intenção foi... o protesto contra o patrão!

Então parece que foi o amigo que não nos comprehendeu a nós...

NUMERO ESPECIAL

Preparamos desde já um NUMERO ESPECIAL d'*a Terra livre* para o proximo PRIMEIRO DE MAIO.

Como esse número nos trará um sensivel aumento da despesa, pedimos aos companheiros que empreguem todos os esforços para engrossar a receita, activando a subscrição voluntaria permanente, ou abrindo subscrição especial, ou ainda pagando àparte os exemplares pedidos, CUJO NÚMERO OS CAMARADAS DEVEM FIXAR DESDE JÁ, para podermos regular a tiragem.

O numero especial sairá pelo menos 15 DIAS antes do 1.º de maio, para chegar a tempo ao maior número de localidades.

Sobre um Congresso

O sr. Pinto Machado deixou sem resposta, pelo menos directa, o nosso artigo do n. 3 e sobretudo parte daquellas perguntas que tão francamente lhe dirigiamos no fim. Em nota ligeira diz apenas que discutimos inutilidades! e que não apresentamos factos! Mas a que chama factos o sr. Machado?

Tratamos duma questão vital para o movimento operario, da sua organização de classe, dos seus metodos, do meio de evitar que o esforço seja perdido ou desviado para falsos caminhos, e isto são inutilidades! Ora vamos!

Diz ainda que dará o seu logar de presidente a outro mais competente que seja escolhido pelos que alí o sustentam com 200$000 reis mensaes, ha três annos. Mas não se trata de ceder o logar de presidente a outro, trata-se de o abolir, por inutil e nocivo; trata-se de evitar os funcionarios *pagos* dentro das associações operarias, para que ao movimento operario se dêem homens por exclusivo amor á propaganda, á actividade, á vida intensa, á luta e não por dinheiro. Que queremos o dinheiro ganho pelo sr. presidente, como elle diz noutro logar do jornal, é uma afirmação tão toia que nem mereceria resposta.

O presidente Machado chama a nossa atenção para o seu artigo «Congresso operario», do mesmo número.

Queixa-se porque a Federação R. Operaria do Rio, *imitando a União Operaria do Engenho de Dentro*, convocou um congresso de associações operarias («com caracter puramente econmico», dizia a noticia publicada no *Novo Rumo*).

Ora é evidente que não se trata duma imitação. O Congresso convocado pela União tinha um caracter politico particularista, como resúlta da convocação, onde se diz que serão excluidos os elementos revolucionarios (para o sr. Machado os socialistas não são revolucionarios: que «socialistas» serão ?). O Congresso da Federação é das sociedades que não excluem nenhuma opinião politica individual, nenhum trabalhador. Seriam dois congressos bem distintos.

Agora o sr. Machado pretende que a sua União tem direito a tomar parte no Congresso promovido pela Federação. «A União Operaria não é associação de classe, diz elle, nem o poderá ser por em quanto, pois que a sua missão especial tem sido de organizar o operariado no interior, o que em parte tem conseguido». Discutiremos depois as obras da União detidamente, mas desde já perguntamos: Porque não pode ser associação de classe? É toda constituida por trabalhadores que não têm associação de classe fundada? E porque não se constituem em associação de classe, em sociedade de resistencia, os operarios dum oficio que, dentro da União, já estão em numero para o fazerem, como pór exemplo os ferroviarios?

Quanto á organização promovida pela União, seria bom saber de que especie ella é.

A questão é outra; é que a União não é um sindicato, uma sociedade de resistencia, ou uma sociedade de oficios varios procurando promover a organização de classe. A União serve, conscientemente ou não, outros fins, não tem o caracter de resistencia economica. E para esses fins, trata-se de juntar muita gente, seja de que oficio fôr, em volta dos directores, em torno do centro.

Razões de sobra teria a Federação para fechar á União as portas do Congresso. Além do resto, o seu caracter politico, demonstrado pela convocação já mencionada e por outros factos, entre elles o de ter na imprensa um orgam em comum com um partido politico — pública profissão de fé partidaria, bastaria para a fazer excluir dum congresso com caracter economico.

E se a União do E. de Dentro quisesse sinceramente ser admitida, amasse verdadeiramente a solidariedade operaria, poria de parte o seu caracter exclusivista em politica, tomaria como base a resistencia economica, ficaria só com os membros que não tivessem outro sindicato, formaria os sindicatos para que tivesse numero e adereria á Federação...

Diga o presidente que isto não lhe convem, mas não venha falar em amor á união, á solidariedade, não venha dizer que os outros são inimigos da organização, que não se devem fazer questões de individualidades, elle que faz exclusões arbitrarias e que quereria agrupar, arrebanhar (elle diz «organizar») á sua volta, como «chefe central», todo o operariado do Brasil...

Posto isto, tendo o sr. Pinto Machado abandonado a ideia do seu congresso, por falta de adesões, o Congresso promovido pela Federação, por ser inicial, póde admitir á discussão a União O. do E. de Dentro. Será uma ocasião para definir a organização de classe, o terreno de acordo sobre o qual é possivel que o operariado se organize para a resistencia, um ensejo para separar as sociedades de resistencia de todas as mistificações.

Excursão de propagunda

Afim de concorrer para a organização dum sindicato operario e de fazer propaganda sindicalista em Jundiahy, as sociedades operarias de S. Paulo e Campinas promovem uma excursão àquella cidade no dia 11 do corrente, indo um grupo de operarios de S. Paulo e outro de Campinas.

Do Brasil proletario

SANTOS

Não ha contagem para os innumeros casos de arbitrariedades que nesta terra de Braz Cubas são diariamente cometidos contra operarios indefesos, victimas de um despotismo insuportavel por parte dum pequeno numero de empresas aqui existentes, covardemente protegidas pela policia, sua fiel escrava.

Eis um dos casos.

O operario Dionisio Ruas, empregado nas oficinas da C.ª Docas de Santos, teve na noite de 10 do corrente uma pequena discussão com um seu companheiro de trabalho, discussão essa que terminou amigavelmente.

No dia seguinte ao apresentar-se Ruas ao trabalho ficou surpreendido com esta frase a elle dirigida pelo mestre:

— Está despedido, e o seu ordenado está depositado na policia.

Imaginem os leitores o espanto de Ruas, pois que receava ser preso sem motivo algum.

Não se comprehende esse infame proceder dessa companhia...

E a sociedade Beneficente da C. Docas de Santos, que nos diz a este respeito? ella que obriga os empregados a pagaram 4$000 reis todos os meses.

Ainda mais: o pai do operario Ruas, que ha quasi um mês se acha abandonado no fundo duma misera cama devido a uma queda que levou quando trabalhava na pedreira das Docas, é tambem privado do beneficio dessa célebre associação da qual é socio.

De modo que Ruas está desempregado, com o pai á morte em plena miseria, sem poder receber o seu ordenado depositado na policia.

A uma pessoa que foi á policia indagar se se podia receber o dinheiro responderam que era necessario pagar 20$000 rs., do contrario não se entregaria o dinheiro.

*

Não ha frases suficientes para se comentar um tão inqualificavel procedimento por parte da C.ª Docas, da tal célebre sociedade e da policia.

Narro unicamente os factos para que sirvam de exemplo para aquella grande parte de trabalhadores que diariamente se curvam respeitosamente diante de toda e qualquer imposição.

REBELDE.

-+-+-

JUNDIAHY

AOS COMPANHEIROS

Numerosissimas são já as adesões á nossa Liga Operaria; mas não ha ainda aquella vontade energica de quem quer libertar-se do jugo da miseria e dum trabalho forçado. Não percebeis que sois tratados peor que escravos? não vêdes as injustiças que diariamente os chefes cometem contra vós, porque sabem que estais desunidos?

Muitos de entre vós aceitaram a fórmula para serem propostos, mas não se lembraram de a preencher e devolver para serem aceitos. E qual a desculpa que apresentam? Que querem saber os fins. Mas os fins não vos foram já explicados?

Os fins são os melhoramentos immediatos na classe proletaria. Que melhoramentos desejais? 1.º Que nunca vos falte trabalho; 2.º que o vosso trabalho seja suficientemente remunerado; 3.º que sejais considerados como pessoas e não como máquinas.

Pois bem: isso só o conseguireis, unindo-vos uns aos outros. Desunidos, não conseguireis melhoras nas vossas condições; unidos a todos os companheiros do mundo, vós sereis um exercito invencivel.

Coragem, companheiros jundiahyanos! Aceitai o convite que vos fazem novecentos companheiros de Campinas; não vos mostreis vis e cobardes.

27 — 2 — 906

MANUEL ARMENIO.

-+-+-

CAMPINAS

Realizou-se na noite de 17 de fevereiro a anunciada festa, em beneficio da caixa da União dos T. Graficos de Campinas. Assistiram representantes da União homonima de S. Paulo e da Federação, além de outros companheiros. A festa teve um exito satisfactorio.

O camarada Eduardo Vassimon falou sobre a questão operaria, demonstrando a necessidade das sociedades de resistencia. Num pequeno «copo de agua» oferecido aos convidados, travou-se entre um moço de Campinas e Vassimon uma pequena controversia muito interessante.

-+-+-

JUIZ DE FÓRA

UM OPERARIO NA TRIBUNA

É triste ter de ouvir a um operario certas apreciações injustas sobre uma ideia que elle ignora, como nos sucedeu ha dias, quando discursou no centro operarao desta cidade o secretario dessa agremiação.

No seu longo discurso fez justas considerações sobre os direitos do trabalhador, e eu aplaudi-o sinceramente.

Mas, no ponto culminante do seu discurso, lembrou-se de falar irreflectidamente na «anarquia», dizendo mais ou menos: «Queridos companheiros: não pense o nosso povo que nós somos anarquista, pois nunca poderiamos pertencer a uma vara impura de assassinos como essa, que só pensa no crime e nas armas; nós desejamos unicamente a unificação do operariado para com elle constituir a força, em prol dos nossos licitos direitos.»

E quem diz isto é um operario! Quem sabe se este companheiro sonhava nesse momento que desempenhava o cargo de secretario dum governo? Enganava-se; o logar que ocupa é mais elevado um pouco que aquelle com que sonhava.

O seu dever era não ofender ideias que desconhece e, antes de as criticar, estudá-las; assim poderia reconhecer o valor moral das doutrinas anarquicas.

Ficaria sabendo que a palavra «anarquia» é sinonimo de liberdade, e que esta ideia procura purificar o corrupto ambiente produzido pela miseria e pelo parasitismo, que ella diz ao operario: levanta-te!

E teria vergonha de insultar os martires que na luta pela emancipação social sacrificaram a sua vida, como hoje na Russia, esses operarios como nós, inimigos de instituições assassinas que fazem quotidianamente milhares de victimas e contra as quaes todas as revoluções são justas e necessarias.

Senhor secretario, estude!

23 — 2 — 906.

J. GOMES.

PROPAGANDA POPULAR

Os camaradas que desejarem distribuir gratuitamente o folheto «Porque Somos Anarquistas», podem obter nesta redacção 1 pacote de 50 exemplares por 500 reis. Todos os pedidos, até total esgotamento da edição, serão satisfeitos, embora não acompanhados da respectiva importancia

Ecos das fazendas

Como documento interessante, reproduzimos abaixo um regulamento que o *Avanti!* e *La Tribuna Española* já publicaram:

FAZENDA DAS PALMEIRAS

DISCIPLINA

Art. I — *Todo colono deve obedecer ao patrão em tudo, conservando-se sempre humilde e submisso, cumprindo com exactidão, as ordens que lhe forem dadas.*

Art. II — O colono, quando chamado pela sineta ou vocalmente deve vir immediatamente ao terreiro e atender aos serviços que lhe forem dados pelo administrador ou o seu substituto.

Art. III — O colono deve segurar os seus animaes domesticos para que estes não estraguem as plantações dos outros logares de que o administrador intender que deva ser vedada a entrada.

Art. IV — O colono que tiver animaes no pasto fica obrigado a capina-lo, ao menos uma vez em cada anno; *quando um colono tenha de ausentar-se da fazenda deve comunicar a sua ausencia ao patrão, antes de faze-lo.*

§ Unico — *O colono que incorrer em qualquer dos artigos citados, fica sujeito á multa de 5$000 a 20$000,*

Bragança, 1 de Janeiro de 1901.

O administrador

[illegible]ndo Valle

Folheando a imprensa

AMEAÇA POSITIVA — é como o *Diario Popular* intitula a seguinte noticia:

A directoria do «Centro das Classes Operarias do Estado de Minas», com séde em Juiz de Fóra, dirigiu, diz *O Pharol*, uma representação ao sr. dr. Francisco de Salles, presidente daquelle Estado, pedindo mais equidade na taxação dos impostos de industrias e profissões, afim de evitar, segundo afirmam naquelle documento, possiveis conflictos por ocasião da cobrança, pois a classe operaria é que directamente sofre com essa nova tributação.

A representação está assinada por toda a directoria, conselheiros e membros de comissões e já foi remetida ao presidente do Estado.

A esta simples prevenção chama o *Diario* uma ameaça. Se aquella sociedade espalhasse um manifesto ao povo incitando-o á resistencia, que nome lhe daria?

Que a classe operaria é que directamente sofre com aquelle imposto, e mais ou menos directamente com os outros, é verdade pura. A representação é que talvez seja desnecessaria...

*

«Precisam-se APRENDIZES tipografos na redacção d'*A Concordia*, rua Miller, 82».

Esta *Concordia* é uma folha, mais ou menos desconhecida nos meios operarios conscientes, que se intitula, não se sabe porquê, «orgam defensor das classes proletarias». Defensor todo gratuito e espontaneo, seja dito em seu louvor.

De modo que é claro serem aquelles aprendizes chamados para... uma escola. *Honni soit qui mal y pense.* (Tradução da *Concordia*: «Eu não sou quem você pensa»).

Ninguem póde imaginar que o optimo «defensor das classes proletarias» (quantas haverá?) queira explorar aprendizes. Qual! Naturalmente chamou-os para os ajudar a tornarem-se patrões, porque, já sabem, «aqui o operario economico e trabalhador quasi sempre se tórna patrão e não é coagido pelo governo, gozando de todas as prerogativas da constituição que é a mais libertária (*sic!*) possivel.» Demais, ha esta noticia:

Domingo, ao meio dia, sairá do Largo da Concordia um bando precatorio para angariar donativos para as familias das victimas do «Aquidaban».

As sociedades que quiserem tomar neste acto de caridade e patriotismo, devem estar áquella hora naquelle local.

Como é sabido, esse bando precatorio é promovido pelo jornal *A Concordia*, que se publica no Braz.

Perante sentimentos tão caritativos e patrioticos, não resta dúvida sobre as boas intenções do «órgam defensor, etc.»

*

A CATASTROFE DO AQUIDABAN deu motivo para a mais larga expansão da hipocrisia, do lógar comum, da mentira convencional, do reclamo. Tartufo e o conselheiro Acacio estão no seu elemento.

No Rio realizaram-se exequias na Candelaria, e a ceremonia foi de rigor — unico motivo, por sinal, que levou a União Operaria do E. de Dentro a recusar o convite... A proposito desta solenidade um correspondente do *Commercio de S. Paulo* lamenta o desconhecimento da etiqueta por parte dos cariocas: até é preciso pôr nos cartões — *Casaca*. E lamenta que se tenha convidado um maestro estranjeiro, que executou o *Requiem* de Verdi, em vez de chamar um musico brasileiro, que executaria o de José Mauricio, o qual até fez a proposito uma parafrase insebre do himno nacional.

O *Correio da Manhã*, esse não esteve com meias medidas, tomou uma resolução energica. Como jornal de oposição que é, teve «uma lembrança reparadora»: mandou rezar, tambem na Candelaria, «a missa dos pobres, dos infelizes desprezados pela ingratidão do governo», «celebrada em nome do povo».

O bom povo contenta-se com isso... Melhor teria sido que não houvesse navios de guerra (que loucura! não é?). Mas vão fazer mais, e depois, se um torpedo não os afundar na guerra — oh! glória! — um novo desastre virá, seguido duma nova explosão de hipocrisia nacional.

Fabulas e parabolas

O ESPANTALHO

Um velho camponês fez no seu quintal um espantalho para afugentar os passaros. Era uma estaca espetada no chão e enfeitada de velhas peças de vestuario. Todas as manhãs vinha o camponês contemplar o seu boneco, e não era raro vê-lo embellezar a obra, pela qual sentia uma secreta afeição. Um dia era uma faixa vermelha que lhe ajuntava. Outro dia adornava-lhe o peito vazio com uma chapa de metal brilhante, como condecoração.

Em breve, com verdadeiro ingenho, o velho camponio fabricou para o seu fantoche uma especie de máscara de larga boca e grandes olhos. Pobre velho! O manequim tornava-se todo o seu orgulho! Uma vez achou, na agua-furtada, uma velha espada enferrujada e armou logo com ella o espantalho. Esta paixão crescera lentamente e quando o velho via o boneco agitando ao vento braços e pernas e brandindo o espadão, este espectaculo impressionava-o muito, e elle sentia mesmo uma especie de receio. Chegou um dia a perguntar a si proprio se era realmente elle o autor desse monstro. Aterrado, por fim, o velho já não tomava os atalhos que o podiam pôr em face da sua obra; mas como de todo o quintal se descobria o boneco em sua dansa infernal, acabou por ter medo de lá pôr os pés e fechou-se no seu casebre.

Os homens parecem-se com este velho. Tomam alguns de entre elles para os mascarar á sua fantasia. Enfiam nestes um sinistro hábito negro, cobrem aquelles de uniformes doirados, e logo depois têm-lhes medo, e os seus espantalhos tornam-se seus dominadores.

Mauricio MARCHIN

Dentro das associações

União dos Trabalhadores Graficos

No dia 26 de fevereiro, efectuou-se uma reunião em que se tratou a questão da «Tipografia Commercial». Foi decidido abandonar provisoriamente a questão, visto as condições em outras casas serem as mesmas, até á implantação das tarifas.

A União escolheu, no Rio, um delegado ás reuniões preparatorias do Congresso Operario que alli deve realizar-se proximamente. Apresentou dois temas para a discussão: *O trabalho da mulher; o trabalho dos aprendizes.*

Saiu o n. 10 de *O Trabalhador Grafico.*

União dos Chapeleiros

Foi eleita a nova administração.

No dia 25 de fevereiro appareceu o n. 7 de *O Chapeleiro*, que publica bons artigos de propaganda e informações sobre o movimento da classe.

Sindicato dos Trabalhadores em Ladrilhos

Na ultima assembleia foram aprovados os estatutos, que suprimem o subsidio, e eleita a Comissão administrativa. Este sindicato aderiu á Federação Operaria.

Liga dos Pedreiros e anexos

Em vista da apatia dos associados, deliberou-se, de comum acôrdo com a Federação, publicar um manifesto-apello á classe.

Federação Operaria de S. Paulo

Nas ultimas reuniões foi decidida a adesão ao Congresso Operario do Rio e escolheu-se um representante para as reuniões preparatorias do mesmo. Foram propostos varios temas, a que nos referiremos mais tarde.

Apontamentos

O CUSTO DUMA GUERRA. — O custo da guerra sul-africana sobe a cêrca de 250 milhões de libras esterlinas. A depreciação dos valores e dos fundos ingleses em resultado da guerra foi calculada em 26 mil milhões de francos. Mas o que ha de mais serio é o enorme e quasi fabuloso total das despesas feitas para o exército e para a marinha.

Quando os liberaes ingleses deixaram o poder, em 1905, o orçamento do exército e da marinha elevava-se a 1 bilhão 250 mil francos menos do que em 1904. Em dez annos, as despesas annuaes para os armamentos atingiram uma somma equivalente aos juros de 3 o|o sobre uma somma adicional de 41 bilhões de francos, agravando a divida publica ingles.

E vá o operario, que paga esses impostos e nada tem que defender, bater-se pela «patria»...

*

Tambem ha quem calcule quanto custaria uma guerra entre a França e a Alemanha.

Contando para a França 3 milhões e 800.000 homens em pé de guerra, sendo 2 milhões para o exército activo e 1.800.000 para o territorial, avalia-se a mobilização desta massa em 6 bilhões e 710 milhões de francos: só para o equipamento e a mobilização. E para cada dia de guerra, depois dessa despesa, seriam mais 26 milhões 760 mil francos.

Contando um bilhão para a a mobilização da marinha e 5 milhões diarios para a esquadra em pé de guerra, temos no fim do primeiro mês uns 8 bilhões e meio para o exército de terra e mar.

E uma grande batalha não custará menos de 40 milhões de francos ao «vencedor». Quanto ás vidas, *isso* nem merece menção.

E' um orgam conservador que fornece esses calculos, que dedicamos áquelles que do Brasil querem fazer uma grande potencia militar, ficando elles, porém, em casa...

Registo d'entrada

— *A Era Nova*, orgam do «Nucleo de Educação Anarquista» de Coimbra. O seu primeiro n.º que temos á vista, contém excelentes artigos de propaganda e critica. Endereço: Marco da Feira, 8 A, 1.º, Coimbra, Portugal.

— *A Vida*, semanario anarquista do Porto, publicou um bello número ilustrado por ocasião do anniversario da odiosa lei de 13 de fevereiro.

— *A Humanidade*, quinzenario de propaganda e critica, de Lisboa. O n. 12 desta publicação libertaria apresenta-se muito bem sob todos os aspectos. Endereço: Calçada de Sant'Anna, 61, 1.º — Lisboa.

— *Serões*, magnifica revista mensal ilustrada, dos editores Ferreira & Oliveira, rua Aurea, 132 Lisboa. Tecnicamente é um primor. Assinatura para o Brasil: anno, 12$000 (moeda brasileira).

— *Historia resumida do Homem primitivo*, por Edward Clodd, traduzida do inglês por Teixeira Botelho. Lisboa: Ferreira & Oliveira, editores, 132, Rua Aurea. 1905. É um elegante e comodo volumezinho de vulgarização scientifica.

— *Origen del Cristianismo* (segunda edição). É um extracto do livro «Sciencia e Religião», de Malvert, constituindo o 4.º livro de leitura da notavel instituição pedagogica livre que é a «Escuela Moderna», de Barcelona. Preço: 1 peseta.

— *O Martello*, Orgam mensal da associação operaria cooperativa de S. Manuel do Paraiso, neste Estado.

El Hombre y la Tierra

Esta grandiosa obra de Reclus tem uma edição espanhola monumental. A tradução é devida á penna do conhecido e integro revolucionario Anselmo Lorenzo, sob a revisão de Odón de Buem.

EL HOMBRE Y LA TIERRA divide-se em quatro partes — *Os primitivos, História Antiga, História Moderna, História Contemporanea*, — e formará 4 tomos de regulares dimensões, com cêrca de mil gravuras.

Publicar-se-á semanalmente em fasciculos de 24 páginas, por 50 CENTIMOS DE PESETA.

Os pedidos podem ser feitos directamente ao administrador ALBERTO MARTÍN — Apartado de Correos 266 — Barcelona; ou por intermedio desta redação, ao preço de 300 reis cada fasciculo.

CAIXA DO CORREIO

Rio. — *Magrassi.* Pedimos noticias tuas e do jornal. — *Alacid.* Tudo o que mandámos está pago, bem como os 4 fasciculos do livro de Reclus. Saudações. — *Palacios.* Recebemos á ultima hora. Entregamos 11$ a «La Battaglia». As listas serão publicadas no proximo número. *Salud.*

Jundiahy. — *Armenio.* Não podemos ir todos. A presença ahi do companheiro de que falas não vos seria de nenhuma vantagem, por não ser orador.

Porto Alegre. — *P. S.* Os números excedentes poderiam ser distribuidos gratuitamente. Saudações.

Blumenau. — *J. C. B.* Publicamos a lista; a assinatura de A. L. vai no logar competente. Saudações a todos os camaradas.

Salto. — *B. A.* — Esqueceu-nos o nome do assinante do «Jornal do Brasil».

Campinas. — *Rios.* Veio tarde. Irá no proximo número.

Leiam:

NOVO RUMO
Periodico socialista-anarquico.
Endereço: Rua do Hospicio, 210 (1.º andar) Rio de Janeiro.

LA BATTAGLIA
Periodico settimanale anarchico.
Anno, 10$000; semestre, 5$000; trimestre, 3$000.
La corrispondenza amministrativa dev'essere diretta a Tebaldo Soderi, rua do Lavapés, 279, S. Paulo.

L'UNIVERSITÀ POPOLARE
Rivista quindicinale diretta dall'avv. Luigi Molinari
Via Tito Speri, 13 — Mantova, Italia.
Anno, 5$000; semestre, 2$500. (Nesta redacção)
(Manda-se um número especime).

IL PENSIERO
Rivista quindinale di sociologia, arte e letteratura.
(Propaganda socialista-anarchica)
Redattori: P. Gori, L. Fabbri e L. Merlino.
Anno, 5$500; semestre, 3$000 (Nesta redacção).

LES TEMPS NOUVEAUX
Ex-journal «La Révolte»
Paraissant tous les samedis
avec un supplément littéraire illustré
4, rue Broca — Paris, V
Anno, 6$000; semestre, 3$000. (Nesta redacção).
(Manda-se um número especime)

RÉGÉNÉRATION
Organe de la Ligue de la Régénération Humaine
Fondée par Paul Robin.
Procréation consciente et limitée
27, rue de la Duée — Paris, XX
Anno (12 numeros), 1$500 (nesta redacção)

GREVE

500 operarios da fábrica de tecidos Ipiranguinha, na estação de São Bernado, puseram-se em greve em virtude duma diminuição do preço da mão de obra e pela exigencia de que cada operario produza diariamente, sob pena de expulsão, 40 metros de tecido.

Os grevistas poderiam, em vez de recorrer a terceiros, apelar directamente para os seus companheiros de classe, para a Federação sempre disposta a agir.

Sindicatos operarios

EM SÃO PAULO

União dos Trabalhadores Graficos.
União dos Chapeleiros.
Liga dos Trabalhadores em Madeira.
Liga dos Pedreiros e Annexos.
União Internacional dos Sapateiros.
Federação Operaria de São Paulo.
União Operaria.
Sindicato dos Trabalhadores em Marmore.
Sindicato dos Trabalhadores em Ladrilhos.
Sindicato dos Trabalhadores Alfaiates.
Todas com séde na Travessa da Sé, 2 (sobrado).

EM SANTOS

Sociedade Internacional União dos Operarios.
Rua Visconde do Rio Branco, 36.

EM CAMPINAS

União dos Trabalhadores Graficos.
Liga Operaria de Campinas
Rua Conego Scipião, 35.

NO RIO DE JANEIRO

Liga dos Artistas Alfaiates.
União dos Manipuladores de Tabaco.
Sociedade de Carpinteiros e Artes correlativas.
União dos Pedreiros.
Liga dos Carpinteiros e Calafates Navaes.
Todas com séde na rua Senhor dos Passos, 82.
União dos Sapateiros.
Lga das Artes Graficas.
Avenda Passos, 30.
União Protectora dos Chapeleiros.
Lga dos empregados em Padaria.
Rua de São José, 116.
Marinheiros e Remadores.
Centro Geral dos Foguistas.
Rua da Saude, 169.
União dos Operarios Estivadores.
Trabalhadores em Trapiches de Café.
Rua de São Pedro, 150.
Trabalhadores em Carvão.
Rua da Saude, 127.

«AURORA»

Como prometemos, o n.º 11-12 desta revista será publicado e distribuido aos assinantes, logo que nos seja possivel, para que não fiquem incompletos certos trabalhos.

Mas desde já somos forçados a annunciar a suspensão por tempo indeterminado daquella publicação, que não podemos continuar por falta de tempo e sobretudo por falta de dinheiro.

Recebemos já a importancia de algumas assinaturas do 2.º anno — poucas — e empregámo-las em *atenuar* o deficit que esmagava a revista: mas estamos prontos a indenizar os que pagaram, com livros e folhetos da nossa biblioteca ou em assinaturas da *Terra livre*, ou ainda do modo indicado pelos interessados, se estiver ao nosso alcance.

Aos numerosos assinantes da Aurora *que ainda devem, em parte ou totalmente, a assinatura do primeiro anno, lembramos que é agora ocasião extremamente oportuna para fazerem o pagamento, que alguns até prometeram.*

Depois de publicado o n.º 11-12, apresentaremos um resumo de contas que tornará evidente a impossibilidade de continuar.

Mais tarde, em circunstancias mais favoraveis, é possivel que resurja a *Aurora*. Esperando, dedicaremos a nossa actividade e o nosso escasso tempo ao presente periodico — *a Terra livre*, que promete ter muita vida.

Aos nossos leitores pedimos encarecidamente que nos forneçam todas as informações possiveis, escrupulosamnte exactas, sobre as condições operárias, moraes materiaes, nos diferentes logares e fábricas, horarios, salarios, custo da vida, etc.

BIBLIOTECA DA «TERRA LIVRE»

Em lingua portuguesa:

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista, Eliseu Reclus	1$000
Porque somos anarquistas? S. Merlino	$100
Livre exame, Paraf-Javal	$100
Carta escrita a Pio Setimo, Talleyrand	$400

Em lingua espanhola:

El Estado, su papel histórico, Kropotkine	$300
Cantos anguraler, Armand Vasseur	2$000
Alma Social (dialogo), Miguel Rey	$600

Em lingua italiana:

Il Socialismo e Mazzini, Bacunine	$400
L'anarchia, Malatesta	$200
Deismo e materialismo, O. Ristori	$200
La Giustizia Penale, Enrico Ferri	1$500

Em lingua francesa;

Almanach de la Révolution (1906)	$300

OPERARIOS! lêde o interessante livro de ELISEU RECLUS

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista

Volume de 152 páginas pelo preço de 1$000

OS COMPANHEIROS que, para propaganda, desejarem adquirir um numero regular de exemplares, terão um abatimento razoavel: 10 ex. 10 %; 20, 20 %; 30, 30 %; 40, 40 %; 50 ou mais, 50 por cento. Apenas esgotado este livro, emprenderemos a publicação de outro.

Munições para o periodico

SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA

De Jaguary: F. E.	1$000
Lista de C. Berling (Campinas): C. Berling, 1. C. Villa, 4. J. P. d'Oliveira, 2. A. Cerri, 1. A. Cipriani, 1. J. E. Lanbenstein, 4. J. Prado, 1.	14$000
De Campinas: Francisco Gonzalez	3$000
A. da S. Rebello (subscrição na cadeia de Santos)	6$000
De Campinas: H. Serra	5$000
Lista do Dr. B. Cunha (Blumenau): Dr. G. Rossi, 10. O. F. 1. Dr. B. Cunha, 15.	26$000
Lista de P. Santos (Porto Alegre): Um Homem Livre, 5. V. 1. Batista, 1.300. Eu, 1. Venda avulsa, 2.700	11$000
Lista do Salto de Itu: J. Gonzalez, 2. E. Moreira, 2. F. Rigo, 1. F. Rios, 1. A. M. Toledo, 1. P. Q., 1. J. Zartangelo, 1. M. de Carvalho, 2. A. Simões, 2. B. Alves, 1.	14$000
Lista da redacção: J. Benevento, 500. Gallo, 1. C. L., 5. Nathan, 200. C. Torres, 1. Mauricio, 100. G. Menozzi, 1. Edgard, 1.500. Romero, 1. Pereira, 3. Miranda, 1.	15$300

ASSINATURAS

Annuaes. — De Jaguary: Dr. F. E. — De Campinas: R. d'O., J. F. — Do Rio: Dr. F. P. — De Sorocaba: E. G. — De Blumenau: A. L.	24$000
Semestraes. — De Campinas (lista de Rios): J. L., A. P. G., J. M., L. P.	8$000
Trimestraes. — De Campinas (Rios): B. J. G., A. de A.	2$000
Total	129$300

SAÍDAS (n.º 5)

Deficit anterior	24$500
Tipografia	50$000
Impressão e papel (3.000 ex.)	30$000
Correio	10$000
Somma	114$500
Entradas	129$300
Saldo	14$800

A Terra Livre, São Paulo, 24 de Março de 1906, Anno I, Número 6.

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE.

ANNO I — SÃO PAULO (BRASIL) — SABADO, 24 DE MARÇO DE 1906 — NÚMERO 6

EXPEDIENTE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita tambem assinaturas nestas condições:

Serie de 25 numeros	4$000
» » 12 »	2$000
» » 6 »	1$000

Administrador: EDGARD LEUENROTH. Toda a correspondencia a *Neno Vasco*, Rua Santa Cruz da Figueira, 1 — São Paulo.

A COMUNA DE PARIS

O movimento insurreccional de 18 de março de 1871 não foi socialista em sua origem. Nascido da exasperação popular contra um govêrno que, por medo da revolução, entregára Paris, alma da França, aos exércitos alemães, foi ao princípio patriotico e republicano; mas deixou transparecer tendencias socialistas, apesar das dificuldades da situação e das faltas do govêrno comunalista puxado para diferentes lados por jacobinos, blanquistas e internacionalistas. Estes últimos formavam o elemento estudioso mas inclinado ao moderantismo, a peor das politicas em tempo de revolução; entre elles, Malon, Lefrançais, Vermorel, Varlin, Longuet que depois se aproximou da burguesia radical, tinham um valor real: O seu ideal tendia a uma descentralização politica, — a comuna administrando-se por seus mandatarios eleitos, — e a uma centralização economica, — o Estado substituindo-se á oligarquia capitalista como proprietario do solo, dos canaes, das minas, dos caminhos de ferro, da maquinaria industrial: em summa, o socialismo estatista. Com tudo isso, esses homens postos no poder foram, até ao último dia, rapazinhos diante do governador do Banco e do alto pessoal dos estabelecimentos financeiros. Em favor do povo, só souberam promulgar dois miseraveis decretos, um perdoando os alugueis trimestraes de casas vencidos (outubro de 1870, janeiro e abril de 1871) que os proletarios, exhaustos pelo assédio, estavam absolutamente impossibilitados de pagar; o outro restituindo os objectos empenhados no Monte-pio por menos de 20 francos. A isto juntaram, no fim, a promessa duma pensão dada ás viuvas dos federados mortos pelo inimigo, então que a victoria se tornava cada vez mais impossivel, e por isso a massa abandonou-os: a Comuna, aclamada no princípio por duzentos mil federados, não teve, nos ultimos tempos, mais de quinze mil defensores convictos. É certo que, na sua mania de fazerem de estrategistas, os romanticos que tinham tomado a seu cargo a direcção das operações militares haviam privado o exército insurreccional de cêrca de doze mil homens, mortos, feridos gravemente ou aprisionados nos combates travados á vista de Paris.

A situação era inextricavel: fóra o exército alemão pronto a ajudar o exército de Versalhes; dentro, a reacção; para os que viam longe, era impossivel a victoria, mas as faltas da Comuna precipitaram o desenlace. A maior, entretanto, fôra cometida pela comissão central, emanação dos batalhões federados, a qual, senhora da situação desde a noite de 18 de março, perdêra oito dias a votar, a escrutinar, como se as revoluções precisassem de ser legalizadas! Durante esse tempo, as tropas da *ordem*, que haviam recuado para Versalhes com menos de dez mil homens, reorganizavam-se; de toda a parte lhes chegavam reforços, da provincia, sempre inquieta, sempre invejosa de Paris; das fortalezas de Alemanha que vazavam cem mil prisioneiros, tendo-se Thiers e Bismarck intendido prontamente. E quando, a 3 de abril, guiados por generaes improvisados, — Eudes, estudante de farmacia, Duval, fundidor, Bergeret, caixeiro-viajante, Flourens, erudito, que queria ser «um Aristoteles combinado com um Alexandre», — os federados quiseram recuperar o tempo perdido, era tarde demais. Em todos os pontos, Rueil, Bas-Meudon, Châtillon, foram rechassados, tendo muitos mortos e sobretudo prisioneiros. Entre estes ultimos, muitos foram passados pelas armas: Flourens e Duval, por exemplo.

... Desde então, cada dia renovará essas scenas tragicas: prisioneiros fusilados, feridos torturados, infermeiras de ambulancia violadas; os soldados de Forbach, de Reischoffen, de Sedan e de Metz, vindos das prisões alemás com a necessidade desenfreada de se vingar das suas derrotas sobre quem quer que fosse; rebanhos lamentaveis de federados desfilando nas ruas de Versalhes sob as injurias, as pancadas duma população ululante feita de todas as escumalhas: peraltas bonapartistas, francos-fugidores do cêrco precedente, jornalistas bem-pensantes, fraternizando com a policia, meretrizes de todas as márcas, putas de soldado ou amasias de oficiaes, esgaravatando nas feridas com a ponta da sombrinha, cadellas com cio de sangue, excitando os algozes com os seus ganidos raivosos.

A Comuna mostrára-se benigna até á fraqueza: promulgára, na verdade, um decreto sobre os refens, mas com a intenção de não o aplicar, medida puramente cominatoria. Na sua maioria, as execuções atribuidas aos federados foram obra da espontaneidade popular: na mesma manhã de 18 de março, tinham sido fuzilados os generaes Clemente Thomas, detido por proletarios que se lembravam de Junho, e Lecomte, agarrado por seus proprios soldados indignados por elle dar ordem de fogo sobre a multidão. Foi só isso, até ao meio da *semana sangrenta*: quando prisioneiros, espiões como Veysset, jornalistas reaccionarios como Chaudey, gatunos da finança como Jecker, magistrados do imperio como Bonjean, gendarmes, policias, padres, ao todo menos de cem pessoas, foram passados pelas armas, já o sangue corria havia muitos dias nas ruas de Paris tornado matadoiro.

A matança foi horrivel. A luta nas barricadas fôra, afinal, pouco mortifera para os federados bem abrigados; o relatorio oficial pretende que as tropas regulares não tiveram mais de 63 oficiaes e 430 soldados mortos; se assim fosse, deveriamos inferir d'ahi que apenas algumas centenas de comuneiros morreram combatendo. Ora, um academico dos mais ferozmente reaccionarios, Maximo Ducamp, em suas *Convulsões de Paris*, confessa 6.667 cadaveres de parisienses, número que convem pelo menos triplicar: «A Republica, diz elle, govêrno por assim dizer anonimo e mesmo, até certo ponto, irresponsavel, pelo simples facto de seu princípio, que é a colectividade, desinvolveu na repressão uma energia de que seria incapaz uma monarquia qualquer». Mulheres, crianças, até velhos forneceram um contingente ao morticinio que se prolongou por muitos dias depois da batalha. Seiscentas e cincoenta e uma crianças de menos de dezaseis annos, dizem os escritores oficiaes, haviam sido agarradas com as armas na mão.

CARLOS MALATO.

Escravos para o Brasil

Prometemos contar aqui a odisseia dum immigrante vindo de Barcelona, e cumpriremos a promessa num dos proximos numeros. Entretanto, em *La Tribuna Española*, desta cidade, encontramos um depoimento cuja transcrição nos dispensaria quasi do nosso compromisso, tão analogos ao que conhecemos são os casos ali narrados.

Num artigo do n.º 212 do citado periodico, o sr. Pedro Garcia conta-nos façanhas de três agentes de emigração que em Espanha empurram pobres diabos para o Brasil falando-lhes dum Eldorado que os espera aqui e extorquindo-lhes os magros vintens, pelos meios mais vergonhosos. Graças a um delles vê-se em S. Paulo um quadro de miseria como este:

«Existem nesta cidade (rua Visconde de Parnahyba, n.º 42) 27 familias! todas de Calahorra e Los Arcos, duas povoações vizinhas. Quem tiver tido ocasião de por ali passar, terá visto um desses quadros horripilantes, que fazem enternecer o coração mais empedernido.

«Em duas salas sòmente, immundas, acanhadas e antihigienicas, abrigam-se aquelles desgraçados, sem mais roupa do que uns miseraveis andrajos que lhes cobrem as carnes e sem mais alimento que aquelle que lhes é proporcionado pela caridade pública. Ali se poderá ver a miseria em último grau, retratada naquelles semblantes macilentos, indicio de anemia. Ali se poderá ver o desespero de seres que foram enganados pelo agente Alvarez, por esse miseravel de quem juram tirar vingança.»

O autor refere outros factos, depois do quê, termina:

«Viste, leitor, o bandoleirismo descarado que existe em Espanha para o immigrante, e agora para terminar apenas comentaremos muito resumidamente a via-crucis da travessia e o calvario do fim.

«Embarque em sujos e ascorosos vapores franceses (por causa da grande quantidade de bagagem) como o «Nivernais», «Aquitaine», «Les Andes», etc., com pessimas acomodações e ainda peor alimentação durante a travessia. Viagens rapidas em 29 dias! como em «Les Andes», etc. (para algo se inventaram as viagens rapidas). Excelente tratamento de empurrões, improperios e outros desafogos dos nossos vizinhos da Republica francesa. Escravidão completa e prisão até ao fim para o atrevido que tente reprimir qualquer desmando. Comida abundantissima e saborosa, para os que não sejam emigrantes, salvo se algum destes tem dinheiro por acaso e póde satisfazer o seu apetite, com cento por cento de aumento, mais o cambio da peseta com o franco. Os que tiverem a sorte de embarcar no «Nivernais» farão a viagem em 25 dias, mas sujeitos a uma mortalidade de 3 ou 4 o|o, termo medio, por excesso de higiene, segundo informam. Desembarque em Santos, onde serão encaixados em trem especial para S. Paulo.

«Hospedagem, como mercadorias, no Hotel Internacional, onde lhes proporcionarão a classica cama-esteira dum centimetro de espessura e assaltada por bichinhos que mordem e não picam, como bons agentes de emigração.

«Saborosissima sopa, variada, digna de porcos.

«Permanencia nesse palacio asseado por espaço de 10 dias, até encontrardes um patrão que não vos pague os salarios, depois de terdes suado sangue. Se alguem replicar será castigado com a pena que ao capanga apraza impor, e que consiste algumas vezes em fazer desaparecer do mundo dos vivos quem proteste (segundo boatos).

«Taes são as garantias neste país do ouro, como dizem os agentes.

«Ao Brasil! ao Brasil!»

LAURENT TAILHADE

O feroz autor dos *Discours Civiques*, o insuperavel traductor de Petronio, depois duma doença que lhe transtornou o cerebro, renegou o seu passado, e arrependido e contrito entrou no campo clerical como um homem vulgarissimo.

Não podemos experimentar senão um sentimento de profunda comiseração por quem até hontem fulminava e vergastava sangrentamente a burguesia, e agora, presa do seu delirio religioso, soluça ajoelhado diante do altar, e tem uma palavra de amargo desprezo pelos que foram seus companheiros de ideias.

Não podem por isto cantar hosanna os sequazes de Loyola, porque de Laurent Tailhade elles não recolhem mais do que os ultimos residuos duma masturbação intelectual.

G. A. F.

Pró Russia livre

CAMARADAS:

Auxiliemos de modo eficaz, na medida das nossas forças, os revolucionarios que na Russia se batem desesperadamente pela emancipação propria e, em virtude da solidariedade natural que liga todos os seres humanos, todos os paises, todos os acontecimentos, pela emancipação de todos!

Continúa aberta em nossas colunas a subscrição pró Russia revolucionaria: o seu produto será enviado a Pedro Kropotkine, como tem sido feito de muitas outras partes, para ser destinado a auxiliar materialmente o movimento revolucionario russo.

Subscrição Pró Russia livre

Resto (depois da 1.ª remessa)	45$700
Lista de Palacios (Rio): Carmine, Canellas, J. Loureiro, A. Teixeira Fraga, G. Moutinho, R. Iglesias, D. Ferreira, A. Moutinho. E. Martins, A. Pinheiro, L. M. P., E. Maibar, E. Migches, F. Fernandes, 1.000 cada um; A. Vannucci, A. Melone, M. Vieira, A. Dias, 2.000 cada; M. Valladar, Palacios, 5.000 cada; A. Barbosa Marques, 8.000; P. Petruzzi, 10.000	50$000
Do Ipiranga: J. Reina Fernandes, V. Garriga, C. Reina, Rafael R., J. Milhem Nasser, 1.000 cada um	5$000
De Palmeira: Pedro Colli	$500
Total	101$200
2.ª remessa a Kropotkine (L. 4)	61$900
Resto	39$300

Á Imprensa

Não é de admirar o silencio de *certa imprensa* a respeito desta subscrição? Ou bastar-lhe-á, para satisfação propria, contar o que se passa na Italia, na França, etc., o que lá se faz em favor dos revolucionarios russos?

Factos da actualidade

QUEM NOS GUARDA DOS GUARDAS? — O tenente Peixoto é mandado com 9 soldados do corpo policial em busca de assassinos, de Araraquara á fazenda Jangadal.

Chegada a heroica expedição á fazenda Salto Grande, arromba uma venda, liga e espanca o dono, espanca a mulher, gravida, e leva 812$000 reis e varios objectos, depois de haver destruido documentos. Foi tambem espancado o administrador da fazenda.

No termo da viagem, ou melhor, da razzia, da invasão, repete-se a mesma proeza guerreira. Outra venda invadida, várias pessoas espancadas, e mão baixa sobre 2:650$000 reis e varios objectos. Um soldado, que ousou observar que aquillo era excessivo, seria fuzilado, senão conseguisse escapar: em summa, uma guerra em miniatura. Faltou só que o heroico chefe chamasse «patriotismo» ao bello sentimento que inebriava a alma dos expedicionarios. Medalha, não sabemos se a terá ainda; o que é certo é que o delegado que os enviou trata de os encobrir e proteger.

Quanto aos assassinos procurados por tão bons guardas, esses ficaram descansados.

Se isto não fazem na cidade, tão descaradamente, é porque não podem: guarda-os um pouco o público... Ora se este público quisesse guardar-se a si mesmo, destruindo as causas da discordia, isto é, viver em anarquia... Mas não: prefere ser *guardado* daquelle modo!

•

QUE RADICAES! — O novo ministerio francês, composto de radicaes fervorosos, antimilitaristas, pacifistas, etc, começou logo por declarar — dizem telegrammas — que reprimiria severamente a propaganda e agitação antimilitarista e achava boa a aliança com a Russia.

Vejam a diferença que ha entre fazer oposição e governar. Os interesses são outros...

•

PRESIDENTE MORTO. — Porque morreu Quintana, presidente da Republica Argentina, todos os jornaes falam muito a serio do seu liberalismo.

Esquece-se voluntariamente toda a pesada sombra negra do seu reinado: os estados de sítio, fuzilamentos e deportações, os encarceramentos, as expulsões, o soldado fuzilado, todas as infamias que celebrizaram a Argentina. Mas, ora! isso foi contra operarios, pobres, socialistas e anarquistas!

O papel dos partidos politicos na Russia

II

Os mujiks não se deixam enganar pelas promessas dos senhores. E para exemplo, aqui vai a história acontecida ultimamente no govêrno de Stavropol:

Ás reclamações dos camponeses, uma honesta dama, grande proprietaria, respondeu que não podia mais. Compadecida das desgraças dos seus compatriotas, aconselhou-lhes que se dirigissem as governo para emigrarem todos juntos para a Siberia. Ali, naquelle país novo, decerto lhes concederiam 3.000 deciatines de terra (3277 hectares e meio). Mas os mujiks (camponeses) fizeram-lhe observar que a mudança duma comunidade inteira era extremamente dificil, e que a dama poderia muito mais facilmente emigrar sòzinha, e até pedir para si, se quisesse, 6.000 deciatines de terra na Siberia.

Em muitos logares, os camponeses tomaram o partido de tratar directamente dos seus negocios. Estas práticas não obtêm a plena aprovação dos liberaes, especialmente dos liberaes proprietarios. Mas tampouco encontram sempre o assentimento dos sociaes-democratas. (1) Estes ficam tambem muitas vezes desorientados por uma acção que não concorda exactamente com a sua doutrina.

Além disso os sociaes-democratas aproveitaram acontecimentos que não tinham sabido prever e estão mesmo em flagrante contradição com as suas ideias doutrinarias. Para elles a Russia não estava pronta: era preciso que o país fosse industrializado, que houvesse desaparecido o mir, que se tivesse desenvolvido completamente o regime capitalista, antes de se poder empreender uma revolução social. Ora a revolução estala, e parece ser ao mesmo tempo uma revolução politica e uma revolução social. Como sociaes-democratas ortodoxos, tinham condenado a greve geral como uma aberração anarquista, e eis que a greve geral se impôi por si mesma. Tinham condenado a insurreição armada (Plekhanoff), e é a insurreição armada que elles são obrigados a aceitar, mas sem o entusiamo necessario, o que faz com que a calma de Petersburgo cause a ruina de Moscou.

Souberam introduzir-se em maioria na Comissão das uniões operarias de Petersburgo; e ali fazem obra de partido, não obra revolucionaria. Ao pedido dos anarquistas de entrarem na Comissão, responderam negativamente, sob pretexto que os anarquistas não eram admitidos nos congressos socialistas internacionaes: razão mediocre de sectarios intransigentes.

Verdade é que o jornalista que em *L'Humanité* se encarrega de contar aos socialistas unificados de França os acontecimentos da Russia, acrecenta outra razão, uma razão da sua cabeça: Não ha anarquistas na Russia! — Ora os nossos camaradas fundaram, num grande número de cidades, grupos activissimos que propagam com ardor e grande exito as ideias anarquistas e põem os seus actos de acôrdo com a teoria, dando o exemplo da resistencia activa á mão armada. Esses grupos, numerosissimos nas cidades dos governos d'oeste (Polonia e Lituania), estendem-se pela Grande Russia, pela Pequena Russia, pelas provincias balticas e compõem-se quasi exclusivamente de operarios. Outros grupos em Kieff, em Moscou, em S. Petersburgo são na maioria formados por intelectuaes. Entre esses grupos, os de Odessa e de Varsovia fizeram muito recentemente falar de si.

Verdadeiramente, na acção comum, as diferenças de partido tendem a fundir-se, as necessidades da luta impõem as mesmas tacticas. Mas nem por isso deixa de ser certo que nesta luta terrivel, são os individuos energicos e audaciosos que dão o impulso necessario, são elles que hão de alcançar a victoria, e podemos estar seguros de que os anarquistas irão até ao fim das reivindicações.

M. PIERROT.

(1) Além dos sociaes-democratas, ha outros partidos socialistas democraticos: citarei primeiramente os seus rivaes, os socialivas revolucionarios; ha ainda os partidos socialistas nacionaes (por exemplo: o partido socialista polaco); ha sobretudo o *Bund* (liga) dos operarios judeus cuja secção é predominante em tôdas as provincias do Oeste.

Aos nossos leitores pedimos encarecidamente que nos forneçam todas as informações possiveis, escrupulosamnte exactas, sobre as condições operárias, moraes materiaes, nos diferentes logares e fábricas, horarios, salarios, custo da vida, etc.

NUMERO ESPECIAL

Preparamos desde já um NÚMERO ESPECIAL d' *a Terra livre* para o proximo PRIMEIRO DE MAIO.

Como esse número nos trará um sensivel aumento da despesa, pedimos aos companheiros que empreguem todos os esforços para engrossar a receita, activando a subscrição voluntaria permanente, ou abrindo subscrição especial, ou ainda pagando àparte os exemplares pedidos, CUJO NÚMERO OS CAMARADAS DEVEM FIXAR DESDE JÁ, para podermos regular a tiragem.

O numero especial sairá pelo menos 15 DIAS antes do 1.º de maio, para chegar a tempo ao maior número de localidades.

Os presidios industriaes

Fabrica do Ipiranguinha

Apesar dos nossos esforços, tem-nos sido extremamente dificil obter informações completas sobre as condições operárias dos diversos logares e das diferentes prisões da industria — fábricas ou oficinas. O operario, habituado á servidão, com medo de perder o escasso pão penosamente ganho, cala-se e humilha-se, ou contradiz o que antes afirmou, ou ainda peor, faz-se solidario com o patrão ou contramestre, em declarações de jornal ou em manifestações públicas, como ha meses contra o *Avanti!*

O facto explica-se facilmente. E delle resulta a dificuldade extrema duma tarefa que desejariamos ter começado ha muito tempo: a de desmentir com factos a idiota ou velhaca afirmação de que no Brasil não ha razão suficiente para o protesto operario! É, afinal, o que já temos feito sob outros pontos de vista.

Pouco a pouco diremos o que se passa nas galés industriaes do Brasil, e para começar, damos hoje algumas notas sobre a fábrica de tecidos de algodão do Ipiranguinha, a pequena distancia de aqui, em S. Bernardo, fábrica que a greve ali declarada actualmente veio pôr em foco.

A fábrica do Ipiranguinha emprega, das 5 1/2 da manhã ás 6 1/2 da tarde, com 1 hora para o almoço, perto de 500 operarios, os mais novos dos quaes estão ali ha uns tês annos. Na fiação, a maioria dos operarios é constituida por crianças, cujo salario oscila entre 10 e 30 mil reis mensaes; e note-se que as crianças — metidas na prisão naquella idade, em que o ar e a luz são tão necessarios — em vez de serem auxiliares da familia, são aproveitadas pela industria como concorrentes aos adultos, cujos salarios ellas fazem rebaixar.

Na tinturaria, os operarios trabalham 11 horas diarias em cima da tina cheia de agua a 50 graus, e com acidos! Muitas vezes os tintureiros são obrigados a ficar em casa, porque têm as mãos *cozidas* — cozidas! é o termo! Tudo isto por 300 reis por hora.

A tecelagem é numa sala com 4 janelas e 150 operarios. O salario é por obra. No começo da fábrica, os tecelões ganhavam em média 170$000 reis mensaes. Mais tarde não conseguiam ganhar mais do que 90$000; e pelo ultimo rebaixamento, a média era de 75$000!

E se a vida fosse barata! Mas as casas qne *a fábrica aluga*, com dois quartos e cozinha, são a 20$000 reis por mês; as outras são de 25$ a 30$000 reis. Quanto aos generos de primeira necessidade, em regra custam mais do que em S. Paulo.

E ha muito peor. O armazem *da fábrica* leva mais caro ainda do que fóra, e desconta no salario a despesa feita durante o mês! Ás vezes o salario fica lá todo! Se por isso o operario precisa de dinheiro para pagar a casa, a fábrica empresta-lho, ficando com um crédito sobre o futuro salario.

Este ingenhoso sistema de exploração multipla, com a casa, com a venda de generos e com a oficina, — quasi toda a exploração burguesa reunida — iremos encontrá-la noutras penitenciarias industriaes e agricolas deste abençoado país!

A tudo isto juntemos as pessimas condições higienicas do presidio e o feroz autoritarismo ali reinante. Se, por exemplo, um operario está mais de 5 minutos na latrina, o guarda começa a dar pontapés na porta.

O gerente é um tal Joaquim Seabra Soares, despota que não conhece o serviço e a cuja incapacidade, segundo os operarios, é devida a actual greve.

Já um mês antes da greve o salario foi rebaixado de modo que os operarios ficaram a ganhar uns 20 por cento menos. A vida duma familia operária, trabalhando todos, torna-se impossivel. A agitação começou e os operarios mandaram uma comissão ao patrão, que insultou e fez vagas promessas para *depois*...

A imposição absurda feita aos tecelões de cada um produzir 40 metros por dia determinou a greve, que começou no dia 23 de fevereiro na tecelagem, sendo então suspensas as outras secções, que reabriram depois, — o que os grevistas não consideram nocivo á sua causa.

Os grevistas mantêm-se solidarios, apesar do patrão que ameaça fechar a fábrica por seis meses. O dinheiro que recolhem é empregado em generos.

A Federação Operaria encarregou alguns operarios, Moscoso, Leuenroth, Sorelli, Cimatti, Vassimon, sucessivamente, de levarem aos grevistas uma palavra de solidariedade, abriu uma subscrição e publicou um pequeno manifesto.

A policia, é claro, não podia deixar de querer manter a *ordem*... patronal. Quando o companheiro Vassimon foi a S. Bernardo, o delegado perguntou-lhe o que elle tencionava dizer na reunião, e disse que não permitiria que se referisse á greve. Quando alguem lhe observou que a Constituição garantia... o pequeno tsar atalhou logo: «Sim, mas eu não quero!»

Em parte deveriamos agradecer-lhe o ter contribuido com um facto para a demonstração do que tantas vezes temos afirmado: que as constituições são simples trapos que não garantem nada, a não ser o que já está garantido pela consciencia, solidariedade e energia dos interessados.

Ao mesmo tempo, os patrões defendem-se com a mentira. No «Fanfulla» publicaram uma carta, digna de longo comentario. É pena que nos falte o espaço. São benemeritos da patria, enchem de favores os seus operarios, que são ricos e felizes, — e para provar isso tudo apresentam numeros... que têm o leve defeito de serem falsos! Alguns dos operarios marcados na lista publicada no «Fanfulla», como ganhando bons ordenados,, no ultimo mês, não trabalham na fábrica ha muito tempo! É o cúmulo!

Pró «Terra livre»

Lembramos aos nossos amigos que temos em nossa redacção:

A Gazeta de Noticias;
O Mundo, de Lisboa;
O Norte, do Porto;

que enviaremos a quem nos pagar em beneficio da *Terra livre*, uma assinatura de jornal diario, a preço reduzido.

Volta ao mundo

França

Os governantes da republica francesa, obrigados a fazer-se «avançados», querem com o seu anticlericalismo, encobrir manhas proprias da natureza governamental, desviar a atenção do proletariado das questões economico-sociaes, e por outro lado, como dizem os camaradadas de *Les Temps Nouveaux*, «para que lhes perdoem a comedia dessa pobre separação da Igreja e do Estado, decidiram perseguir, em virtude das «leis sceleradas», os signatarios do cartaz de protesto, englobando no proceso os nossos camaradas da Confedeção.»

A história é simples. A «justiça» burguesa condenou severamente — por *crime* de opinião, oh republica! — os signatarios dum cartaz antimilitarista. Foi o já celebre processo dos 28, a que já nos referimos, o qual fez enorme propaganda. Em resposta a esta sentença, em que o odio de classe se evidenciava, outro cartaz igual, com 2317 firmas, foi afixado nas ruas de Paris e de muitas outras cidades da França. Nesse cartaz aconselhava-se aos soldados que não disparem sobre os trabalhadores e que, se isto lhes ordenarem, voltem antes as suas armas contra os oficiaes

assassinos. Vê-se que o movimento antimilitarista tem raizes fundas na França e que os interessados nas especulações politico-financeiras, cimentadas com o sangue dos trabalhadores, não podem manobrar inteiramente á vontade.

O governo viu-se embaraçado com este cartaz. Que «providencias» tomar? Resolveu jesuiticamente processar, de entre os 2317 individuos, os conhecidos, e estes aos pequenos grupos.

Do seu lado o prefeito de policia de Paris mandou apreender, ainda *antes de sair*, o numero especial antimilitarista de *La Voix du Peuple*, orgam da Confederação Geral do Trabalho, numero pouco violento e feito quasi exclusivamente de citações e desenhos. Por causa deste numero, apreendido, foram processados Pouget, Griffuelhes e Delesalle, redactores, e o caricaturista Grandjouan — estes, como os do cartaz, pelas «leis sceleradas» que substituem o jury pelo tribunal correccional. Houve tambem buscas domiciliarias, bem como, por toda a França, outros processos, condenações e prisões. Até os socialistas democraticos, que, até aqui, por estupido sectarismo, não protestavam, viram apreendido e submetido ás leis sceleradas o seu jornal antimilitarista, *Conscrit*. Agora decerto vão protestar...

Os governantes franceses pretendem mallograr o movimento de reivindicação que o proletariado organizado prepara para o 1.º de maio: é isso que os traz inquietos. Mas não conseguirão senão tornar mais intensa e mais vasta a propaganda revolucionaria, como já se viu.

Entretanto, os nossos camaradas, ao mesmo tempo que constituem, sob o nome de *A liberdade de opinião*, um grupo de propaganda de apoio moral e material ás familias dos detidos (salle Jules, 6, boulevard Magenta, Paris), tratam de organizar o protesto e a defesa. J. Grave, C. Albert, Kropotkine, Delesalle, Dunois, Girard, Chaughi, Monatte, M. Petit assinam um apello que termina com estas palavras:

«Trabalhadores, vós a quem se ha por bem conceder alguns direitos, mas com a condição de reconhecerdes a vossos amos o direito de vos tosquiarem á sua vontade; vós a quem se ha por bem dar licença de vos agrupardes para defender ilusorios direitos, mas com a condição de não pôrdes em dúvida o direito de exploração que pesa sobre vós, são os vossos que são atacados, são as vossas organizações de defesa que se pretende destruir; cumpre-vos mostrar que quereis defender os vossos direitos, que se tocam num de vós, é contra todos que é dirigido o ataque, e que estais fartos deste regime policiesco que vai peorando todos os dias!»

Eis um momento que, sendo grave, não deixa de ter o bom efeito de sacudir as energias.

Russia

O camarada Rogdaeff dá-nos, em *Les Temps Nouveaux*, preciosas informações sobre o movimento anarquista na Russia. Nos fins de 1905 havia numerosos grupos por toda a Russia, nas principaes cidades. «Em alguns logares, o anarquismo lançou raizes profundas no coração da massa operaria, em quanto em outros, apenas ha pequenos grupos, novos mas energicos, que distribuem brochuras e manifestos. Por toda a parte as massas escutam com interesse os anarquistas e a propaganda dêstes deixa vestigios. Os operarios anarquistas tomam parte nas greves geraes (em Bielostock, Ekaterinoslaw, Lomgea), no movimento agrario, na propaganda entre os camponeses, no terrorismo economico e antiburguês.»

Actualmente dispõem de quatro jornaes: *A Conquista do pão*, *A Bandeira Negra*, *O Mundo Novo*, *Sem Autoridade*. Os seus actos de revolta são numerosos, e por isso tambem são importantes as suas baixas: mas cada um que cai fica carissimo aos defensores da autoridade.

Um delles, encerrado na prisão central de Vilna, prisão aperfeiçoada que todos diziam á prova de fuga, conseguiu evadir-se, deixando as autoridades assombradas com o facto.

E a luta continúa sem desânimo.

Alemanha

O movimento anarquista faz progressos notaveis no país da social-democracia. Formam-se continuamente novos grupos, havendo-os activos em Berlim, Leipzig, Francfort, Mannheim, Augsburgo, Nuremberg, Hamburgo, etc.

Os jornaes libertarios, *der Freie Arbeiter*, *der Revolutionar*, *der Anarchist*, são espalhados profusamente, propagando sobretudo o antimilitarismo, a greve geral e a acção directa; são muitas vezes apreendidos, mas reaparecem apesar de tudo. Numerosos sociaes-democratas têm-se feito anarquistas.

Toda esta actividade não é demais num país onde, como diz o socialista R. Michels, «a Opinião pública não é conhecida senão de reputação.» «Sem tradições revolucionarias, continúa elle, joguetes eternos do idolo da legalidade, as massas alemãs deixam-se ainda guiar, mesmo contra as suas convicções, pela firme vontade do poder central que dispõi dellas como de peças de xadrez... Desses factores deriva um facto incontestavel: a fraqueza dêsse grande partido socialista que, nas últimas eleições, contou mais de três milhões de aderentes.»

Ponham aqui os olhos os que avaliam a força dum partido pelos triunfos eleitoraes. Ainda ha pouco a social-democracia alemã mostrou a sua fraqueza. A Comissão geral das organizações operarias germanicas, convidada pela Confederação Geral do Trabalho francesa a organizar na Alemanha uma manifestação contra os manejos da diplomacia, no mesmo dia em que outra analoga seria feita em Paris, respondeu que... a lei não lhe permitia isso! e que passaria o encargo ao Partido social-democrata. Este (os chefes) não aceitou porque a Confederação — independente dos partidos, sob pena de desagregação — não se pusera de acôrdo com o partido socialista de França! Pobres e ridiculos legalitarios!

Suissa

O antimilitarismo faz grandes progressos neste país, formando-se várias secções da Associação Internacional Antimilitarista, e fundando-se um novo jornal em alemão.

A Associação I. Antimilitarista (secretario, F. Domela Niewenhuis, Leidsche Kade, 89, Amsterdam, Holanda) realizará este anno, em junho, o seu congresso internacional na cidade de Genebra, cuja secção propôi estes temas:

1.º Papel da A. I. A.

2.º *a)* O que devemos fazer para impedir a guerra.

b) O que devemos fazer se estalar uma guerra.

c) Que devem fazer os antimilitaristas se, durante uma guerra, os trabalhadores dum país recusam pegar em armas ao passo que os do outro lhes invadem o seu á mão armada?

d) Atitude dos trabalhadores dos países neutros em caso de guerra.

3.º O antimilitarismo, as greves parciaes e a greve geral expropriadora em vista duma sociedade comunista.

A Suissa quer ter tambem a sua «lei scelerada». Uma comissão parlamentar propôs a introdução no codigo penal dum artigo contra quem provoca os «crimes anarquistas» e «*quem faz publicamente a apologia de taes crimes.*»

A 28 de janeiro celebrou-se em Vevey o 3.º congresso da Federação das Uniões operárias romandas, que seguem a acção directa.

Errata

O número passado d'*a Terra livre* trouxe a data de 7 de fevereiro, em vez de *7 de março*.

Outros erros escaparam mas de pequena importancia.

Ecos das fazendas

Oh! a Republica!

. . . .

. . . tentaram pedir esmola, mas um guarda ameaçou-os com leva-los á prefeitura da policia. Estiveram dois dias sem comer. «Meus filhos — diz-me ella — agarravam as cascas de bananas que achavam na rua, e comiam-nas com avidez; continuamente me pediam pão; varias vezes tinha pensado em entrar numa padaria e rouba-lo para acalmar a fome de meus filhos, mas o temor de que me conduzissem á cadeia, e de que meus filhos ficassem abandonados na rua ao acaso, fez-me desistir dos meus propositos. Minha filha foi presa duma grande debilidade, a minha dôr então chegou ao paroxismo; eu via sucumbir em meus braços minha filha de fome. Os sacros deveres de mãi sobrepuseram-se a qualquer outro dever. Presa de uma febril exaltação, entrei numa casa de lenocinio. Ali ofereci o corpo a troco de que auxiliassem minha filha e dessem de comer a meus filhos. Fui muito bem acolhida e meus filhos não menos atendidos.

Haveria cousa de 3 horas que eu estava naquella casa, vendi a honra do meu marido, entregando o meu corpo a troco de 10$000.» . . . .

. . . .

. . . .

Por fim sucedeu-lhe o que devia suceder a uma prostituta virtuosa, a uma mulher inexperta, a uma mãi que se fez meretriz para não ver perecer seus filhos de fome: inocularem-lhe uma infecção.

. . . .

. . . .

Sente em suas entranhas a vida de um ser, cujo pai ella mesma ignora quem poderá ser.

Seu marido escreve-lhe, dizendo-lhe que tem estado gravemente infermo e que lhe mande dinheiro para a passagem, pois elle teve que vender a pouca roupa que tinha para comer.

R. FARRÉ.

(La Tribuna Española — S. Paulo.)

Eis aí descrito um caso — que por desgraça não é raro — que pôi bem patente aos olhos de todos, as infamias, baixezas e crimes a que conduz esta antihumana e antinatural organização social.

Ah! vis mercadores de carne humana! burguesia detestavel! Meu ser revolta-se todo contra vós, porque sois factores do vicio, da miseria e de todos os crimes que acontecem nesta vossa decantada sociedade. Sim, eu aborreço a vossa sociedade — e por conseguinte a vós, crapulosos exploradores, porque roubais aos trabalhadores o fruto do trabalho, a alegria e tudo,

Essa mulher, seu marido e 3 filhos, trabalham 3 meses numa fazenda; adoece um dos pequenos; o pai pede ao admidistrador recursos e este nega-lhe taes recursos; pede-lhe que lhe venda leite das vacas da fazenda para alimentar o doentinho, e tambem elle se nega a fornecê-lo; este colono inferma tambem, e no primeiro dia que falta ao serviço vai o administrador á choupana onde elle está, e em vez de lhe fornecer recursos, multa-o em 20 mil reis por estarem partidos ali perto os arames da cêrca, arames que elle não quebrou; diz o colono que quer sair da fazenda, e depois de ter trabalhado 3 meses ainda o administrador exige delle 95$000; ameaça-o, de revólver na mão com mais 6 capangas tambem armados obrigando-o a ficar; foge uma noite, da tal bastilha, com sua companheira e filhos abandonando roupa e tudo o que tinham em casa; vão a S. Paulo com dinheiro que outros colonos lhes deram e lá não acham serviço; o homem deixa em S. Paulo a mulher e filhos e vai a outra fazenda em demanda de trabalho e... o resto está explicado.

Burgueses! com vossos governos, vossa propriedade privada e vossas farças religiosas, produzis crimes, vicios e miserias como a que fica descrita.

Levar uma mãi a vender o corpo para não ver os seus filhos morrer de fome!!! Sem conhecer, sem amar, entregar o corpo ao primeiro que chega: são ou doente, feio ou bonito. Isto é monstruoso!

Nós os trabalhadores devemos ter presentes na imaginação, este e outros casos que se dão identicos ou parecidos com indefesos irmãos nossos, e ser implacaveis — como o são para conosco — com todos os burgueses e administradores tão *humanitarios* como o da fazenda de Santa Cruz do termo municipal de Bomfim. Para isso temos um governo republicano!

Malditos todos os governos!

Campinas, 28 de fevereiro de 1906.

FRANCISCO RIOS.

PROPAGANDA POPULAR

Os camaradas que desejarem distribuir gratuitamente o folheto «Porque Somos Anarquistas», podem obter nesta redacção 1 pacote de 50 exemplares por 500 reis. Todos os pedidos, até total esgotamento da edição, serão satisfeitos, embora não acompanhados da respectiva importancia

---

Sobre um Congresso

Foi espalhada a seguinte circular:

Em cumprimento da resolução tomada pelas associações operárias reunidas no dia 4 do corrente para tratar da celebração do «Congresso Operario Regional Brasileiro», a comissão abaixo assinada tem a comunicar-vos o seguinte:

1.º As sociedades que ainda não o fizeram poderão mandar os seus temas até o dia 18 do corrente para serem incluidos na «ordem do dia» da circular convocatoria.

2.º As sociedades aderentes ao congresso contribuirão com a quantia de 30$ cada uma, quantia esta que deverá ser entregue antes do dia 15 do corrente ao tesoureiro da Federação Operária Regional Brasileira. Depois da celebração do congresso será publicado um balancete e se houver saldo será devolvido, assim como se as despesas excederem as entradas, o *deficit* será coberto *a pro-rata* pelas associações aderentes.

3.º As reuniões do congresso terão começo no dia 15 do proximo mês de abril, ás 8 horas da manhã, no local que será indicado na circular convocatoria que oportunamente vos será remetida.

As condições para a adesão ao congresso, são as seguintes:

a) Não poderão ser representadas no congresso as sociedades que não tiverem pelo menos vinte (20) socios;

b) Cada associação será representada por dois (2) delegados;

c) Os delegados ao congresso deverão ser socios e exercer o oficio da sociedade que representam. As sociedades do interior poderão ser representadas por delegados não socios, sempre que exerçam igual oficio e que pertençam a uma associação que funcione onde os mesmos residirem.

COMPANHEIROS:

É superfluo encarecer-vos a necessidade de que coopereis afim de que a celebração deste primeiro congresso que o operariado do Brasil vai celebrar, no intuito de estreitar os laços de solidariedade obreira, obtenha os melhores resultados e nelle possamos, os operarios, coordenar a nossa acção, para, com mais possibilidade de exito, melhorar as nossas condições presentes e preparar-nos para o futuro.

Confiada, pois, na solidariedade dos companheiros dessa associação, assim como na de todos os assalariados, sauda-vos cordialmente

A comissão preparatoria

MANUEL F. MOREIRA — A. A. PINTO MACHADO — ANTONIO DA SILVA BARÃO — ARNALDO CARVALHO — LUÍS MAGRASSI.

N. B. — Toda a correspondencia deve ser enviada á rua Senhor dos Passos, 82, Rio de Janeiro — O companheiro tesoureiro é encontrado na séde todas as noites das 7 ás 9.

•

Uma primeira pergunta: Esperaram os promotores pela opinião das associações de fóra do Rio, depois e aterem pedido? Ou preferiram, aomesa nos na aparencia, agir autoritariamente á imitação do que já fizera a Federção *do Rio*, que adoptou para si abuiva-dmente o nome de Federação *Regional Brasileira*? Mas analisemos a resolução.

Os companheiros do Rio estão com excessiva pressa e têm em pequena conta as distancias que os separam das outras cidades. É o que se vê, lendo os paragrafos 1. e 3.

Mas o peor ainda é a quota de adesão fixada: para todas as sociedades é igual! As de S. Paulo, por exemplo, têm que pagar viagens caras: não importa! São associações novas, com magros fundos? Pois que não vão ao congresso!

E os companheiros pensaram bem quando tomaram a decisão contida na alinea *c)*, acima transcrita? Já não falaremos das sociedades de oficios varios,

as quaes essa resolução não póde dizer respeito. Mas, quanto ás outras, qual a vantagem de similhante medida? Que os congressistas devam ser operarios *effectivos* associados, é claro, é necessario; mas não se tratando dum congresso profissional, tecnico, não vemos qual o intuito dos companheiros do Rio. A não ser o de estorvar a representação das sociedades de longe.

Estas, com efeito, não podendo mandar delegados proprios e não conhecendo no Rio companheiros do mesmo oficio em quem depositem confiança, que poderão fazer? E mandando delegados, se na sua classe, que póde ser organizada de novo e com pouca experiencia do movimento, não houver quem seja capaz de defender em congresso as suas ideias, embora seja consciente dellas, porque não recorrer a companheiros de outro oficio, visto que se trata dos interesses geraes do proletariado, de questões relativas a toda a classe operaria indivisa e solidaria? E deixamos passar ainda outros casos.

Esperamos que os companheiros do Rio reflictam melhor sobre o assunto. Da nossa parte bem desejariamos que esta manifestação proletaria corresse o melhor possivel.

•

Com que então lá temos o nosso caro presidente Pinto Machado na comissão preparatoria... Não podemos avaliar bem até que ponto está isto de acôrdo com a alinea *c)* da resolução, porque aquelle Machado ficou verdadeiramente embotado, rombo ás innocentes perguntas que lhe fizemos no fim dum artigo. Talvez represente a liga dos presidentes a 200$000 mensaes, e queira até desempenhar na comissão o seu oficio. Quem o poderá dizer é o nosso amigo Magrassi...

Mas que elle entra lá com arrogancia, não ha dúvida. «Lá estaremos, no Congresso Operario da Federação», diz elle na sua folha. É de tremer! E não é que chama «babel» ao movimento operario do Rio, porque não lhe deixam pôr e dispôr e fazer toda a confusão possivel, tirando della proveito?

Diz mais: «Fundaram uma Federação Operaria na qual estão agremiadas algumas associações de classe, e fundando-a, intenderam, em sua altta sabedoria, que todo o demais movimento deveria morrer, uma vez que não obedecessem aos seus principios. D'ahi uma guerra surda e incruenta, que nós temos sabido com energia combater» (o desgraçado não se conhece).

Não é desplante? Elle é que intendia que todo o movimento era elle; foi elle que impôs certos principios, excluindo do seu ex-futuro Congresso certo elemento por suas ideias, ao passo que a Federação está aberta a todas. Elle queria arrebanhar, impor uma politica, hostilizar quem lhe ameaçasse as honrarias e mais partes: os outros são os desorganizadores, os exclusivistas! Chega a fazer dó, em vez de causar nojo. Mas, coitado, já receia o que sairá do Congresso: não espera «que surja algo de util.» Para os presidentes pagos, é mesmo possivel. Oxalá acertemos!

Que as intenções lhe sobejam, é certo: imaginem que já no seu jornal alguem propôi que todos se façam eleitores para terem a ventura inefavel de elevar Pinto Machado a intendente municipal. E onde parará o homem? Se os operarios não vêem que são desviados do caminho da sua emancipação por estas vis ambições, estão arranjados.

Aos camaradas, aos simpatizantes, aos amigos sinceros de Terra livre, *fazemos notar que devem sobretudo atender á* SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, *porque a assinatura é mais para os estranhos, para os curiosos, do que para os camaradas que desejam colaborar eficazmente na nossa obra.*

O mutualismo no sindicato

Os inconvenientes do mutualismo, dos socorros mutuos (subsidios de doença, de desocupação, pensões, etc.), dentro do sindicato, são os mesmos que os das fortes *caixas de resistencia*, mas ainda mais graves.

Noutro artigo confrontaremos o valor da *resistencia* operaria, dos organismos de luta contra o patronato, com o valor das instituições baseadas sobre o entesouramento, a «economia» (!) do pobre, fruto do regime burguês, nas quaes, sobre pretexto de «previdencia» quanto ao futuro, se arruina e se avilta o presente. Mas, seja qual for o valor do mutualismo, seja qual for a utilidade que haja para o individuo em recorrer a elle nas actuaes condições da sociedade, o importante é que não o pratique o sindicato operario, que deve ser unicamente uma sociedade de resistencia.

O mutualismo (e com elle o cooperativismo) não serve senão para mascarar a acção economica dos sindicatos e para atrahir, como uma isca traiçoeira, uma multidão de apaticos e inconscientes, que só pensam no subsidio, que só se associam com a mira no socorro, e que, depois de associados, só aparecem na séde social quando se trata de reclamar o cobre providencial.

Essa gente não constitue uma força, a não ser negativa; é um embaraço, um peso morto, uma bala aos pés da associação. E aquelles que ali a chamaram, com o engano, são mais tarde victimas da sua propria armadilha, e muitas vezes, não o percebendo, lamentam-se do fracasso da sua propria tentativa, da apatia geral, desgostam-se, abandonam a luta.

A união faz a força mas é... a união de forças: forças que devem ser concordantes, e portanto conscientes. E são conscientes do verdadeiro fim do sindicato — a resistencia — os que a elle acorrem com o fito no subsidiozinho? Chegado o momento em que se requer a energia de todos, esses hesitam, titubeiam, param, ou exigem, para avançar sem entusiasmo, que... lhes paguem os dias de trabalho que perdem! Não, com esses não se póde contar.

Certamente, é necessario oferecer á união um terreno solido de acôrdo, que todos possam aceitar voluntariamente, scientemente: mas acôrdo na luta, não na passividade, acôrdo de energias, não de fraquezas. Só importam os activos, os energicos, os conscientes, os de boa vontade, os que comprehenderam ou pelo menos entreviram a necessidade de sair desta situação. Os outros não são unidades; são embaraços.

Quando o sindicato se põi a fazer mutualismo e a arregimentar por esse meio rebanhos de resignados e de cobardes, sem nenhum intuito de resistencia, sem nenhuma ideia de protesto, está perdido para toda a actividade fecunda. Só é arrastado á luta pela força das circunstancias, mas a contra-gosto, de surpreza, sem entusiasmo, sem o animo disposto a vencer. O medo de «desorganizar» o grosso *exército* reunido em volta da gloriosa bandeira do subsidio paralisa mesmo os mais conscientes. Imaginem! elles têm medo de limpar o sindicato das excrescencias e estorvos!

Não ha como a franqueza: «Aqui estamos reunidos meia duzia apenas para lutar. Quem se sentir disposto a acompanhar-nos, venha; a entrada é franca!»

Estamos bem convencidos de que todos os que do movimento operario e sindicalista têm alguma prática nos darão razão.

EXCURSÃO

No proximo domingo, a Liga Operaria de Campinas realiza uma excursão de propaganda a Rio Claro.

Assistencia ao operario

Sob este titulo publicou ha pouco o Dr. Claudio de Sousa um artigo, que conservamos como documento interessante, e sobre o qual recebemos dum companheiro a seguinte carta:

«Companheiros,

Quero ocupar-me do artigo do dr. Claudio de Sousa sobre a assistencia aos operarios da «S. Paulo Railway», porque me parece que se afasta muito da realidade.

Naturalmente o autor escreveu tendo apenas em conta os estatutos, e não o que realmente se passa com grande número de operarios, que se queixam bastante. Os estatutos dizem bellas coisas, mas nem tudo o que nelles foi posto se cumpre com todos; muitos se viram desatendidos.

Só com os remedios não póde um doente sarar, faltando-lhe recursos para a dieta: pois estes hoje mesmo estão sendo tirados, visto alegarem que a sociedade precisa fazer economias. Ella que tem em caixa duzentos contos, capital acumulado sobre o suor amargurado do operario! Pois deve saber-se que o operario não póde economizar um real sobre o seu salario.

É por isso que a companhia lhe tira do salario os 2$000, como quota obrigatoria para a Sociedade Beneficente dos Empregados, imposto sobre a sua colocação. Queira ou não queira, ha de dar o cobre, para inglês ver... E qual o operario que vai questionar por causa dessa quantia, quando precisa do emprego e tem o pão nas mãos do patrão? Se a tal sociedade, porém, oferece tantas vantagens, porque não é voluntaria a quota?

Eu proprio tive de pagar, apesar da parcimonia da sociedade, porque algumas vezes que pedi farinha de linhaça para emplastos recebi como resposta que fizesse os emplastos com farinha de mandioca, comprada á minha custa.

GARCIA».

Do Brasil proletario

JUNDIAHY

Os operarios de Jundiahy recordarão por muito tempo o dia 11 de março, tão boas impressões elle deixou.

De manhã chegaram os operarios de Campinas e São Paulo, sendo recebidos alegremente; e ás 11 1/2, a grande sala do «Centro Operario Internacional» continha mais de 300 trabalhadores, cheios de entusiasmo, inscrevendo-se muitos que ainda não eram socios.

Tomaram a palavra os companheiros A. Chiodi, J. Oppermann e Jayme Moreira, que leu uma moção sobre a fundação da sociedade. Esta recebeu o nome de «Liga Operaria Jundiahyense», adoptando os estatutos da «Liga Operaria de Campinas», mas ficando independente da mesma, apesar da proposta em contrário dum companheiro. E com razão: as relações entre as sociedades operarias não devem ser de dependencia, mas de autonomia, de solidariedade, sob pena de impotencia. Todos devem agir conscientemente, por solidariedade voluntaria.

De Campinas viera o sr. Ernesto Leão Brasil, jornalista e professor, a quem os nossos companheiros deixaram tomar um logar que não era o seu. «Faze os teus negocios tu mesmo, operario»: em quanto esta maxima não for seguida, a emancipação do trabalhador não está perfeitamente garantida.

Entre algumas boas coisas, o professor, esquecendo (ou ignorando) que a reunião tinha um caracter economico, tinha por fim agrupar os trabalhadores sem distinção de côr politica ou religiosa, pôs-se a gabar uma certa politica, a falar nos prodigios dos Millerands todos, a elevar ás nuvens o parlamentarismo.

E foi por isso que o camarada Edgard Leuenroth, que fôra na excursão, se viu no fim obrigado a dizer duas palavras. Disse, confortando as afirmações com exemplos conhecidos e de actualidade, o que podemos esperar dos governos, de qualquer fórma e nome, com seus parlamentos e ministros; mostrou as relações dos governos com a burguesia e como esta se ache bem pouco disposta a abandonar espontaneamente as suas regalias e privilegios.

Referindo-se aos operarios associados, mostrou a conveniencia, a necessidade de não abandonar todo o trabalho ás comissões, por mais executivas que ellas sejam, de não confiar unicamente no que ellas possam fazer. Deve cada um agitar-se continuamente e a todo proposito, para que maior seja a somma das forças. Porque a «união faz a força», mas quando é união de forças activas e conscientes.

A propaganda foi sobretudo feita em palestra, circulando os nossos amigos por entre a multidão viva e simpatica dos operarios de Jundiahy. Todos pediam explicações, todos queriam saber; e, bom sintoma, as ideias do camarada Edgard, ditas singelamente e em tom de conversa, sem busca de efeitos oratorios, foram acolhidas com calor desusado.

Como comissão provisoria da nova liga ficou funcionando a comissão promotora: José M. Madeira, João C. Chemke, José Syntes, João Correia, Adriano J. Martins.

Durante o dia distribuiram-se gratuitamente 200 exemplares de *Terra livre* e 100 de *Novo Rumo*.

Aos operarios de Jundiahy cumpre agora a conservação do entusiasmo manifestado no dia 11. Não basta que cada um se inscreva como socio: é preciso que cada um seja um membro activo da colectividade e que empregue do seu lado a maior somma possivel de energia na propaganda e na acção. Se a sociedade operaria tivesse por fim unicamente agrupar num registro um certo número de nomes, seria uma formalidade inutil e ridicula.

Operarios! Agi e não esqueçais os vossos companheiros explorados e inconscientes, com os quaes sois necessariamente solidarios.

N. da R. — O companheiro Leuenroth trouxe de Jundiahy algumas notas sobre as oficinas e condições operarias daquella cidade; serão publicadas em breve.

SALTO DO ITU

Companheiros: a união faz a força; sem ella sempre seremos victimas dos capitalistas que nos exploram, e dos seus rafiões. Vêdes que os patrões só pagam bem aos que nos perseguem, aos espiões, aos guardas.

Vêdes todos que estamos trabalhando de 11 a 13 horas por dia; e que os nossos companheiros e companheiras de trabalho vão para o cemiterio, uns por excesso de trabalho, outros porque lhes faltam os recursos para se tratarem e por insuficiencia de alimentação. Vêdes as victimas que a tuberculose faz entre nós.

Não espereis que os burguezes e o governo melhorem a vossa sorte. Não; o que elles pretendem é chupar constantemente o nosso sangue, sem que nós murmuremos uma palavra de protesto, sem que deixemos de ser sempre submissos aos seus cães de guarda.

Mas estamos num tempo em que os companheiros de toda a parte nos dão o exemplo de resistencia, nos provam que não devemos perder tempo, mas unir-nos para fazer frente ao capitalismo, acordar do nosso entorpecimento e ignorancia.

Por isso, companheiros do Salto, imitemos os que defendem os seus direitos e os dos seus, unamo-nos e estudemos.

Defendemos o nosso bem e o de todos, que são inseparaveis; o nosso interesse está na união e na defesa feita por todos, solidariamente, dos direitos de todos e de cada um. Quem não o comprehende é um ignorante ou um miseravel traidor.

Estou convencido de que vós comprehendereis a necessidade da resistencia. Não recueis, pois, companheiros, não mereçais o nome de covardes. Á união, companheiros que é chegado o tempo de fundarmos a nossa sociedade de resistencia, afim de melhorar as nossas condições moraes e materiaes.

G. L.

Dentro das associações

Federação Operaria de S. Paulo

Em assembléia geral de todas as ligas federadas, decidiu-se que para tomar parte no Congresso Operario do Rio em nome da Federação fossem desta cidade os operarios Julio Sorelli, Manuel Moscoso e Edgard Leuenroth. Para completar o numero dos representantes, serão escolhidos companheiros residentes no Rio. Para isso as associações federadas enviarão á Comissão federal, até o dia 25 do corrente, os nomes daquelles que julgarem dignos do encargo.

Liga dos Trabalhadores em Madeira
Liga dos Pedreiros e anexos

Estas sociedades instituiram, a primeira um *subsidio de desocupação* e a segunda uma caixa de *socorros mutuos*. A este proposito chamamos a atenção dos leitores para o nosso artigo *O mutualismo no sindicato*, publicado noutro logar da nossa folha.

União dos Trabalhadores Graficos

No proximo domingo, 25, realizar-se-á uma reunião em que se discutirá a adesão á Federação Operaria e ao Secretariado Tipografico Internacional, e se tratará do Congresso Operario do Rio.

União Operaria

Os aderentes a esta associação de oficios [illegible] são convidados para a reunião que se efectuará terça-feira, 3 de abril, ás 7 e meia da noite, na Travessa da Sé, 2.

BIBLIOTECA DA «TERRA LIVRE»

Em lingua portuguesa:

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista, Eliseu Reclus	1$000
Porque somos anarquistas? S. Merlino	$100
Livre exame, Paraf-Javal	$100
Carta escrita a Pio Setimo, Talleyrand	$400
A peste religiosa, J. Most	$200

Em lingua espanhola:

El Estado, su papel historico, Kropotkine	$300
Cantos inaugurales, Armand Vasseur	2$000
Alma Social (dialogo), Miguel Rey	$600

Em lingua italiana:

Il Socialismo e Mazzini, Bacunine	$400
L'anarchia, Malatesta	$200
Deismo e materialismo, O. Ristori	$200
La Giustizia Penale, Enrico Ferri	1$500

Em lingua francesa:

Almanach de la Révolution (1906)	$500

No proximo número publicaremos a subscrição bem como a nota de despesas do presente número.

El Hombre y la Tierra

Esta grandiosa obra de Reclus tem uma edição espanhola monumental. A tradução é devida á penna do conhecido e integro revolucionario Anselmo Lorenzo, sob a revisão de Odón de Buen.

EL HOMBRE Y LA TIERRA divide-se em quatro partes — *Os primitivos, História Antiga, História Moderna, História Contemporanea*, — e formará 4 tomos de regulares dimensões, com cerca de mil gravuras.

Publicar-se-á semanalmente em fasciculos de 24 páginas, por 50 CENTIMOS DE PESETA.

Os pedidos podem ser feitos directamente ao administrador ALBERTO MARTÍN — Apartado de Correos 266 — Barcelona; ou por intermedio desta redação, ao preço de 300 reis cada fasciculo.

A Terra Livre, São Paulo, 12 de Abril de 1906, Anno I, Número 7.

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE.

ANNO I — SÃO PAULO (Brasil) — QUINTA-FEIRA, 12 DE ABRIL DE 1906 — NÚMERO 7

EXPEDIENTE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita tambem assinaturas nestas condições:

Serie de 25 numeros . 4$000
« « 12 « . 2$000
« « 6 « . 1$000

Administrador: EDGARD LEUENROTH.
Toda a correspondencia a *Neno Vasco*, Rua Santa Cruz da Figueira, 1 — São Paulo.

Aos camaradas, aos simpatizantes, aos amigos sinceros de Terra livre, *fazemos notar que devem sobretudo atender á* SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, *porque a assinatura é mais para os estranhos, para os curiosos, do que para os camaradas que desejam colaborar eficazmente na nossa obra.*

O Congresso Operario

Abre-se no proximo domingo, no Rio de Janeiro, o primeiro congresso operario celebrado no Brasil. Como inicial, a sua tarefa será ardua, tendo de procurar, num meio onde o proletariado começa apenas a despertar para a consciencia de classe, um metodo de organização e de luta, capaz de aproveitar da melhor forma possivel as forças activas do operariado.

E como se anuncia esse congresso? Saberá dar o primeiro passo com firmeza, fortalecido com a experiencia alheia e mesmo propria, ou titubeará na incerteza das primeiras palavras?

Pelos temas propostos, pouco se póde predizer de seguro, pois que, se ali ha indicios de orientação firme e consciente, ha tambem algum confusionismo, e bastantes sinaes de incompreensão do movimento operario e do fim que o congresso deve ter em vista. Mas não façamos juizos antecipados — e desejemos ao acto o exito mais completo.

O operariado consciente deste país tem diante de si uma obra que, menos ruidosa do que em outros países cujas condições economicas e historicas levaram a acção operária a um grau intenso de calor, não deixa contudo de ser penosa e dura, talvez por isso mesmo que não traz a força crescente da velocidade adquirida.

Não temos ainda, verdadeiramente, uma luta de classes e um proletariado organizado: temos nucleos de acção, que alastrará e dará frutos, as primeiras celulas, que se expandirão em organismos fortes e completos.

Mas, se os nucleos de hoje não podem, porque ainda são debeis, tomar grandes e eficazes resoluções para a acção vasta e decisiva, para os largos empreendimentos, e têm que esperar os ventos favoraveis de novas condições, podem entretanto preparar desde já o terreno, estudar o seu caminho para evitar os escolhos, prevenir os desvios e ilusões, fazer uma educação na propaganda e no exercicio, de modo que a primeira oportunidade venha encontrar as forças prontas e animadas para a batalha.

Descobrir o caminho, estudar metodos, promover, com uma iniciativa ousada e pertinaz, um movimento sinceramente operario, puro de ambições e intrigas politiqueiras, limpo de endeusamentos e idolatrias, independente e decidido, franco e altivo, não enfeudado a igrejinhas nem tributario de bonzos ou oligarquias, tal nos parece ser a missão não só do proximo Congresso e da organização confederal que porventura saia delle, mas de todos os grupos que no Brasil trabalham para a emancipação do trabalhador pelo trabalhador mesmo, porque não acreditam em providencias ou favores desinteressados, ou acima de tudo confiam nas proprias forças.

A ORDEM

Os que acusam a anarquia de ser a negação da *ordem*, não falam da armonia do futuro; falam da ordem como ella é concebida na sociedade actual.

Actualmente, a ordem — o que elles intendem por ordem — são os nove decimos da humanidade trabalhando para procurar o luxo, os gozos, a satisfação das paixões mais execraveis, para um punhado de mandriões.

A ordem é a privação para estes nove decimos, de tudo que é a condição necessaria duma vida higienica, dum desinvolvimento das faculdades intelectuaes. Reduzir nove decimos da humanidade a um estado de bestas de carga, vivendo dia a dia, sem nunca se atrever a pensar nos gozos dados ao homem pelo estudo das sciencias, pela criação artistica, — eis a ordem.

A ordem é a fome e a miseria tornadas o estado normal da sociedade. É o aldeão irlandês morrendo de fome; é o aldeão dum terço da Russia morrendo de difteria, de tifo, de penuria, no meio dos montões de cereaes que vão para o estrangeiro. É o povo de Italia deixando o seu campo luxuriante, para vaguear pela Europa, procurando um buraco onde vegete na miseria. É a terra roubada ao camponês, para criação de gado, que servirá para alimentar os ricos; é a terra deixada inculta, de preferencia a ser restituida áquelle que não pede mais do que cultiva-la.

A ordem é a mulher que se vende para dar alimento aos filhos, é a criança reduzida a ser encerrada numa fábrica, ou a morrer de inanição, é o operario reduzido ao estado de máquina.

É o fantasma do operario revoltado ás portas dos ricos, o fantasma do povo revoltado ás portas dos governantes.

A ordem é a minoria infima, subida ás cadeiras governamentaes, que se impõi por esta razão á maioria e que educa os filhos para exercerem mais tarde as mesmas funções, afim de manter os mesmos privilegios, pela astucia, pela corrupção, pela força, pelo morticinio.

A ordem é a guerra constante do homem ao homem, de oficio a oficio, de classe a classe, de nação a nação.

É o canhão que não cessa de roncar na Europa, é a devastação dos campos, o sacrificio de gerações inteiras nos campos de batalha, a destruição em um anno de riquezas acumuladas em seculos de trabalho rude.

A ordem é a servidão, o pensamento acorrentado, o envilecimento da raça humana, mantido pelo ferro e pelo chicote. É a morte repentina, pelo grisu, de centenas de mineiros despedaçados ou enterrados todos os annos pela cubiça dos patrões, e metralhados, desde que se atrevem a queixar-se.

A ordem, enfim, é o afogamento em sangue da Comuna de Paris. É a morte de trinta e cinco mil homens, mulheres e crianças, maltratados, enterrados com cal viva nas ruas de Paris.

É o destino da mocidade russa, nas prisões, enterrada no gelo da Siberia e onde os melhores, os mais puros, os mais dedicados, morrem enforcados.

Eis a ordem!

PEDRO KROPOTKINE.

O que devemos fazer

A luta em que nós, os operarios, estamos empenhados é titanica: dum lado a força dada pela acumulação das riquezas produzidas por nós, e pela inconsciencia da maioria; do outro, a força do trabalho e da solidariedade, posta em acção pela consciencia dos nossos direitos e necessidades. Dum lado a corrupção, a hipocrisia e a ganancia; do outro, a ancia sincera duma vida livre. A nossa victoria é indiscutivel: ella aproxima-se.

Baseando-nos no trabalho, tenhamos sempre em vista a revolução! Ensinemos nessas grandes oficinas, em que se empregam centenas de homens, as nossas ideias, para que elles conheçam e reivindiquem o seu direito á vida, ao grito de *nem senhores, nem escravos!*

E prosigamos e rejubilemos, porque todos os dias temos novas adesões, e cada dia damos um passo para a victoria e vemos ruir um obstaculo. Dia a dia se vê melhor a lama, a podridão em que se agitam esses senhores com pomposos titulos de dirigentes da sociedade, e essa mesma sociedade que elles constituem.

Vós, operarios, trazei pedra, trazei barro, para construir os alicerces da nova sociedade. Trazei o vigamento que ha de sustentar o telhado da vossa casa, e abandonai estas ruinas, porque é preciso fazer tudo novo. Destruir e edificar, eis o fim da revolução. Procurar salvar o infermo — eis o que devemos fazer.

FRANCISCO BRAZ.

Rio de Janeiro.

O sindicalismo em França

PELAS 8 HORAS

Desde o Primeiro de Maio de 1906, não trabalharemos mais de oito horas!

Foi nestes termos de força e de firmeza serena que os delegados do proletariado francês ao congresso de Bourges enunciaram a sua vontade de afirmar com um acto decisivo a existencia nova dum sindicalismo de combate. Terão em breve decorrido dezoito meses depois disso e o Primeiro de Maio está diante de nós a uma distancia apenas de seis ou sete semanas. Dia a dia, ha dezoito meses, temos seguido a magnifica campanha de propaganda e de agitação que, á voz do congresso de Bourges, não cessou de acelerar o seu ritmo, fazendo penetrar pouco a pouco em todas as consciencias operarias a clara noção das oito horas.

Nada foi esquecido pelas Federações e pelas Bolsas de Trabalho (federações locaes). Realizaram-se comicios ás centenas; espalharam-se milhares e milhares de brochuras e folhas volantes; colaram-se nas paredes milhões de cartazes e etiquetas. Não é de modo algum possivel que tão vasto esforço fique absolutamente esteril e que, no primeiro de maio, as massas profundas do proletariado urbano não estremeçam aos apellos de revolta e de conquista que de todos os lados resoarão.

Resulte afinal o que resultar do movimento das 8 horas, suceda o que suceder no proximo primeiro de maio, não ficará perdido certamente o ensinamento destes dezoito meses de propaganda e de agitação proletaria.

O proletariado mostra-se desde hoje a todos como uma força social independente, consciente de si, das suas necessidades, do seu destino. Levanta-se perante o Golias burguês, decidido á grande batalha menos onerosa cem vezes que a servidão, e atira-lhe á face as suas reivindicações. E por este feito, eis que a ficção dos partidos politicos, saída do regime representativo, se desvanece perante a unica realidade das duas grandes classes distintas e antagonicas, que os proprios partidos já não podem negar.

E quaes são as reivindicações iniciaes do proletariado? A jornada de 8 horas, o repouso semanal... E isto oferece um ensinamento ainda mais precioso. O proletario é o homem que para viver tem apenas o seu trabalho; o proletariado é a classe dos trabalhadores. Toda a existencia proletaria se passa entre as paredes ennegrecidas duma oficina, no fundo duma mina ou sobre a superficie dum campo; toda essa humilde existencia operaria é feita e como que amassada de trabalho quotidiano, com o qual ella chega por fim a identificar-se toda.

Por isso quando o trabalhador, cansado de suportar o peso de tantas iniquidades acumuladas, sonha um melhor futuro social, que lhe pede elle antes de tudo? Que o emancipe individualmente do trabalho? Muito pelo contrário: que lhe emancipe o trabalho dos laços e opressões do capital. Aceita o trabalho como uma obrigação eterna e para mais salutar, mas quer cumpri-la como homem livre, e não como forçado. Assim, quando em sua pobre cabeça lenta e fatigada se esboça o plano duma sociedade «bem organizada», não é sob a fórma dum paraiso de ociosos que ella se lhe apresenta, como tão eloquentemente lho censuraram tantos sociologos e moralistas reaccionarios a cujos olhos todo trabalho é sofrimento; — é sob a fórma duma immensa associação de operarios e camponeses solidarios e no entanto livres, duma cooperação universal de producção, de troca e de consumo. Esse é o fim grandioso da revolução social, da qual a conquista das 8 horas e do descanso semanal, arrancada á viva força á burguesia capitalista, é unicamente o prelúdio.

Á Confederação Geral do Trabalho cabe a honra de, no seio do proletariado desmoralizado alternadamente pelo guesdismo pseudo-revolucionario e pelo millerandismo pseudo-reformador, ter revigorado essas noções essenciaes e vitaes. A sua obra é já consideravel. Ella fundou definitivamente em França um movimento operario autonomo, contra o qual se despedaçarão, sem lhe fazer mossa, os ataques do govêrno e as manobras dos partidos; e sobretudo ella contribuiu, mais que nenhum teorico, para restituir ao socialismo desfigurado pelos professores, advogados e jornalistas, o seu caracter de *movimento de classe*, o seu caracter profundamente, invencivelmente *operario*.

Bem sei que a actividade confederal não suscitou entre os anarquistas unanimes aplausos e que os camaradas nossos que, como em Paris Pouget, Delesalle e o mallogrado Pelloutier, foram sindicalistas desde o principio, experimentaram, da parte dos ultimos detentores do anarquismo «puro», as mais vivas censuras sobre o seu metodo de acção. Não tenho que mostrar aqui toda a injustiça dessas criticas; por mim, creio firmemente que um anarquista póde entrar no movimento operario e mesmo que o deve fazer se á classe operaria pertence. Mas quero responder a alguem que nos disse por carta ultimamente que, mostrando-nos favoraveis ao movimento das oito horas, cediamos ao reformismo.

O nosso correspondente esforçava-se por demonstrar que esse movimento,

em que se gastam forças sem conta, só póde dar em resultado um encarecimento dos productos ou uma baixa dos salarios; ajuntava, em guisa de estribilho, a cada um dos seus calculos: Onde está o beneficio? — e concluia enfim com as proposições seguintes: «1.° A reforma em geral é má em si e não reforma nada quasi sempre, quer seja feita pela acção legal quer pela acção directa; 2.° O que é preciso suprimir, não são horas de trabalho, mas sim a sociedade actual, os privilegios do capital. Fóra disso, tudo é vento.»

Não me custa nada admitir a exactidão dos calculos do nosso correspondente. Concordo de bom grado que a jornada de oito horas possa ter como consequencia a alta dos productos e a baixa dos salarios, ainda que esteja longe de ter disso a certeza. Mas não triunfes, camarada. Porque, embora se verificasse o pessimismo das tuas previsões, sempre ficaria para o proletariado a possibilidade de não trabalhar mais de oito horas, e essa vantagem, por mais magra que pareça, ainda merece que a conquistem.

Mas do movimento das oito horas, é permitido esperar mais do que vantagens materiaes. Ha um resultado que não se vê, impalpavel porque moral, e que importa fazer resaltar tambem.

Tanto quanto as 8 horas impostas de cima á feudalidade industrial pelo excelente govêrno e boa burocracia, que amanhã nos daria o sr. Julio Guesde, se sómente o quisessemos fazer deputado, me pareceriam absolutamente desprezaveis e vãs, felicitar-me-ei, como duma grande victória operária, das 8 horas impostas de baixo, pelo proprio proletariado.

É que, diversamente das 8 horas *outorgadas* pelo sr. Julio Guesde como dom de feliz advento, as 8 horas *conquistadas* pelo povo, por elle arrancadas a seus exploradores, têm uma significação revolucionaria certa.

O salariato, expressão moderna da escravidão, não ficará abolido pelo facto de não trabalharem os salariados mais de 8 horas. Mas se o patronato sentir constantemente na sua frente um proletariado sempre desperto, sempre em acção, consciente do seu direito e confiado na sua força, não receando a batalha, então sentir-se-á ameaçado em sua existencia, e ameaçado estará com efeito.

Urge, pois, dar ao proletariado essa consciencia e essa confiança que tantas vezes lhe faltam ainda e que lhe asseguraräo as suas futuras victorias. Urge fazer a educação do proletariado. Educação toda prática, aliás, educação para a acção, a qual só da acção póde vir.

Pois bem, o movimento sindicalista das 8 horas é acção, e é essa a sua melhor virtude. Na escola das 8 horas fará o proletariado a sua aprendizagem da revolução social. Nella aprenderá algumas verdades essenciaes, a saber: que na luta pela liberdade, só consigo mesmo deve contar, que nunca obterá senão o que for capaz de impor directamente e que no fim de contas, pois que o direito pertence á força, necessario lhe é tornar-se cada dia mais forte, mais empreendedor, mais ousado.

Visto que a revolução não pode ser feita senão por revolucionarios, força é fazer revolucionarios para a revolução. O movimento das 8 horas, consecutivo a vinte e cinco annos de propaganda teorica integral, é a escola primária da luta de classes e da revolução. Aquelles que no Primeiro de Maio se levantarem, é garantida a nossa fraternidade anarquista. Estaremos com elles nesse dia.

AMADEU DUNOIS.

Paris, 10 de março de 1906.

Aos nossos leitores pedimos encarecidamente que nos forneçam todas as informações positivas, escrupulosamente exactas, sobre as condições operárias, moraes materiaes, nos diferentes logares e fábricas, horarios, salarios, custo da vida, etc.

Os presidios industriaes

A Companhia Paulista

O chefe da estação de Jundiahy da Companhia Paulista de Vias Ferreas é um modelo de tirania, um carcereiro exemplar, e é por isso que a Companhia o estima e ampara. É este pequeno tsar que estabelece os regulamentos despoticos que pesam sobre os empregados como uma barra de chumbo.

Os conferentes e portadores, ás 6 h. da manhã, vão, a toque de sineta, assinar o ponto e retiram-se depois do ultimo trem de passageiros.

Os manobradores e guarda-sinaes entram ás 6 e meia, e só depois de concluidas as manobras é que podem retirar-se: ás 8 ou 9 horas da noite, quando não é tempo de safra de café; ás 10 ou 11 horas no tempo de safra. Não basta este trabalho de 13 a 16 h. por dia: cada semana fica um de plantão até fechar o expediente, que quasi sempre vai até á meia noite. Ás vezes estas sentinellas molham-se e não têm licença de trocar roupa.

Aquelles que chegarem com cinco ou mais minutos de atraso sofrem um desconto de meio dia, o que tem sucedído.

O empregado que se achar conversando, quer com colegas quer com estranhos ao serviço, ou fumando, ou fóra do posto, embora por força maior, *será severamente punido.*

Ao mictorio só póde ir um empregado de cada vez, devendo pedir licença e explicar o que vai fazer. Nenhum empregado obterá licença por negocio ou doença, em quanto estiver outro ausente do serviço.

O despota que decreta isto, e que por sinal é muito religioso, tem feito sempre o mesmo por onde tem passado, satisfeito com o seu bem-estar (será elle permanente?...) e indiferente ás dores que causa, com as suas vexações e as suas multas. A lista das suas arbitrariedades é bem longa e vem de longe; calamos as que conhecemos, porque para avaliar carcere e carcereiro, é suficiente o que fica dito. O número dos que já tiveram que abandonar o serviço da companhia passa de 90.

Na fábrica do Votorantim

Recebemos o seguinte protesto:

«Os operarios da fábrica de tecidos do Votorantim estão expostos por qualquer insignificancia aos maus tratos, ao licenciamento, ás ofensas á sua dignidade de homens; e por isso urge *lançar um grito de protesto.*

Não ha muito tempo, um operario, por desavenças que teve com um mestre, deu-lhe uma pancada, sendo então despedido da fábrica, processado e condenado a 3 meses e meio de prisão.

Pois no dia 25 de março, ás 10 da manhã, um contramestre, após altercação com um operario, deu-lhe muitas bofetadas e pancadas, voltando depois ao trabalho muito tranquilamente. Ás 6 horas da tarde, quando saiu para comer, não satisfeito com a sua obra, agarrou um pau e deu-lhe pelas costas algumas cacetadas, fazendo-lhe feridas na cabeça, com bastante derramamento de sangue. O ferido está no hospital, e o contramestre está trabalhando socegado, por ser favorito do mestre da sala.

O gerente não o despediu, apesar de ser esta já a segunda vez que elle procede assim e de ter sido da primeira censurado o seu proceder. É uma ameaça constante para a tranquilidade da fábrica: no dia 25 á noite, quando era grande a indignação dos operarios, esteve quasi a estalar um conflicto, cujas consequencias todos teriam que lamentar.

Quando um operario não póde pagar uma peça de pano, é despedido; quando não quer pagar multas, é despedido; quando faz qualquer reclamação, é despedido; quando se revolta contra o mestre ou contramestre, é despedido e vai para a cadeia. Um contramestre, por ser capanga do mestre, póde dar cacetadas e quebrar cabeças a operarios, que ninguem encontra motivos para o despedir. Não nos parece que isso se possa chamar justiça.

O sr. gerente insultou, maltratou e despediu um operario, porque lhe haviam contado que fizera escandalo no trem em que viera para Sorocaba. Laurindo quebrou a cabeça a um operario, e o operario fica despedido e Laurindo volta ao trabalho! Seja mais justo, sr. gerente, se não quer implantar aqui um castello feudal com os seus capangas».

VARIOS OPERARIOS.

Um entre muitos

Escreve-nos um companheiro:

«A falta de organização operaria em S. Paulo tem permitido grandes abusos aos patrões, porque até alguns delles já são bons partidarios dos castigos corporaes, oferecendo bofetadas aos seus servidores.

Entre estes, com grande prática de maus tratos, está o bem conhecido empreiteiro de pintura, Antonio Lopes, que não só oferece bofetadas aos seus operarios, como lhes chama *ladrões* a cada passo.

Se esses infelizes fossem ladrões, santo homem, como terias tu arranjado a fortuna que possues? Como se explica o caso singular de estarem pobres os ladrões e rico o roubado? É bem estranho...

Se esse senhor cheirasse bem a sua riqueza, adquirida em tão pouco tempo, talvez encontrasse nella o cheiro do suor doloroso derramado pelos *seus* operarios e não o do seu; e então não trataria assim esses salariados, que não recebem o valor integral do que produzem.

Não se lembrará este sr. Lopes de quando, em Portugal, foi trabalhador de estrada, de quando foi paneleiro, ou de quando quebrava cascalho, trabalhando continuamente, durante longos annos, sem poder juntar um vintem e passando quem sabe como? Hoje, como já póde gastar quintos de vinho, uns atrás dos outros, como já póde emprestar dinheiro a juros e mandar construir predios, vendo suar os outros em seu proveito, acha que é roubado pelos operarios, explorados no seu trabalho e na sua miseria!

Mas cuidado com os trocadilhos, chefe Lopes: chamas *ladrões* aos operarios de quem ao mesmo tempo te consideras *chefe*. Calcula a lamentavel confusão que se estabelecerá na linguagem e o título que sem malicia te podem dar...»

A greve do Ipiranguinha

Depois de 35 dias de resistencia, apoiados pelos operarios de várias localidades do Estado, os grevistas de S. Bernardo voltaram ao trabalho, vencidos. Caíram grosseiramente na armadilha arranjada pelos patrões, que tinham mandado vir alguns desgraçados inconscientes, ignorantes do ofício, cuja entrada na fábrica assustou a maioria dos grevistas, que se imaginaram substituidos. E depois deste honesto ardil de guerra, os ilustres patrões continuarão sendo mui honrados e respeitaveis cavalheiros.

Quando os operarios mais activos e conscientes, vendo o desastre, quiseram entrar, foi-lhes dito que estavam despedidos. Os outros companheiros protestaram então a sua solidariedade e juraram recomeçar a luta. Mas entrou em acção a policia, esse delegado que, durante a greve, esteve alojado em casa dum dos proprietarios... Houve prisões; varios operarios foram desterrados de S. Bernardo e os patrões pagaram mesmo a passagem a alguns, para que não voltassem. Os grevistas, pouco habituados á luta, ás suas comoções e incidentes, tiveram medo e curvaram a cabeça.

Infelizmente teremos ainda que passar por muitos destes transes, ou peores. A experiencia dos trabalhadores não se faz senão com a luta, e quem luta está exposto á derrota — que muitas vezes é mais proficua que a victória, porque, sendo passageira, nos traz ensinamentos.

Pró Russia livre

CAMARADAS:

Auxiliemos de modo eficaz, na medida das nossas forças, os revolucionarios que na Russia se batem desesperadamente pela emancipação propria e, em virtude da solidariedade natural que liga todos os séres humanos, todos os países, todos os acontecimentos, pela emancipação de todos!

Continúa aberta em nossas colunas a subscrição pró Russia revolucionaria: o seu produto será enviado a Pedro Kropotkine, como tem sido feito de muitas outras partes, para ser destinado a auxiliar materialmente o movimento revolucionario russo.

Subscrição Pró Russia livre

Resto (depois da 2.ª remessa)	30$300
Abreu, ...	1$000

Il Libertario, de La Spezia, Italia, recebeu de Kropotkine a seguinte carta:

«Perguntais-me, caros companheiros e amigos, o que penso sobre a questão da Russia.

A revolução, a grande Revolução, na Russia está apenas começada.

Não se trata duma insurreição, nem duma simples mudança de govêrno, é a Revolução que começou, que mudará, — que muda já — todo o aspecto da vida russa, toda a mentalidade, todo o modo de pensar, de falar e de agir do povo russo, e mesmo todas as relações politicas e sociaes.

Como já disse, trata-se duma revolução similhante á que a França atravessou entre 1789 e 1794, e que, como a Revolução francesa, durará talvez 3, 4, 5 annos.

Ella não se limitará, como já se vê, a dar á Russia um governo constitucional em vez do governo autocrata. Não! Vai já muito mais longe.

Como a Revolução francesa, proclama *o direito á terra para todos*, e creio que o realizará em vasta escala.

E como a Revolução francesa, terá uma grande repercussão no universo inteiro. Até agora, porém, ainda não se fez suficientemente a sua propaganda: confinou-se em si mesma sem irradiar para fóra. Mas esta irradiação verificar-se-á certamente. Apenas eu regressar a casa, tratarei de enviar cartas minuciosas á nossa imprensa sobre a acção revolucionaria na Russia.

Irão até á Republica? E, se forem, durará ella? Não sei. Mas o que desde já se pode dizer é que a expropriação foi já iniciada pelo povo no interesse do povo, no que diz respeito á terra.

A comunização do que é necessario á vida deu já um passo immenso durante as grandes greves.

E estas grandes greves uniram a massa operaria urbana e mostraram a sua força; a Revolução mostrou tambem que todas as outras forças, em frente da massa dos camponeses e operarios industriaes, são pigmeus.

O povo afirmou, provou que só elle fará a revolução, e que sabe o que quer.

Apoiareis vós, proletarios italianos, franceses, espanhoes, a Revolução russa? Da vossa atitude, dos vossos esforços revolucionarios, dependerá muito a sua victoria. Ella é *vossa filha*, — sustentai-a com os vossos esforços por toda a parte para que ella tenha tempo de crescer e triunfar».

AO *AVANTI!*

Tinhamos falado apenas no «silencio» a respeito desta subscrição; mas, quanto ao *Avanti!* visto que a ella acaba de se referir, só temos que nos dar por satisfeitos e agradecer a deferencia.

Recebemos ha dias e entregámos á Federação Operaria a quantia de 97$500 recolhidos em Sorocaba e destinados aos grevistas de S. Bernardo.

Os sindicatos alemães

Como ilustração do que temos dito aqui sobre organização operária, vejamos o exemplo dos sindicatos alemães. À primeira vista, representam uma força colossal: um milhão de associados, bem unidos, militarizados, pagadores exactos da quota, com as suas lutas militarmente conduzidas por chefes, de fita branca no braço... Entretanto os desastres são tremendos, como nas grandes greves dos tecelões de Crimmitschau em 1903, dos mineiros do Ruhr em 1904 e dos electricistas de Berlim em 1905, nas quaes se gastaram rios de dinheiro.

O extremo legalitarismo e a rigorosa passividade da sua attitude já nos dão a primeira explicação desses desastres das organizações alemãs. Os patrões, confiados nessa passividade, vão mesmo ao encontro das lutas, e amam o *lock-out* (encerramento das portas), como em Berlim em 1905.

Mas a explicação é completa quando analisamos a natureza dos sindicatos. Os dirigentes não querem arriscar a existencia das organizações. Nesse intuito, a manifestação do 1.° de Maio, aliás platonica, foi rejeitada, assim como a ideia da greve geral. As proprias greves parciaes têm o seu primeiro impulso contra a vontade delles.

É que a organização sindical alemã póde reunir um milhão de operarios e um forte capital, não porque seja vivo entre os alemães o espirito de resistencia, mas porque, graças á lei dos subsidios *obrigatorios* (por doença, desastres, etc.), a qual autoriza a classe a organizar a seu gosto a caixa de seguros, os operarios, em busca do subsidio, dos soccorros mutuos, acham mais comodo inscreverem-se na caixa do sindicato. Eis porque os sindicatos alemães são tão numerosos... em gente de fraca consciencia de classe, tão *poderosos* e tão *ricos*; eis porque tão cuidadosamente se conserva, inactivo, esse instrumento.

O governo não ataca as organizações, porque não quer desfazer as instituições mutualistas, garantia de paz; e os sindicatos sacrificam a essa vantagem (!) a sua iniciativa e combatividade. Não querem desagregar o seu exército de mutualistas, e gastar o seu ouro, que faz tanta vista, assim junto!

E não é que lhes falte a politica parlamentar. Os alemães sabem aliar «scientificamente» a luta economica... mutualista, com a luta politica... parlamentar. Por isso não ha como a Alemanha para mostrar a impotencia tanto da fórma mutualista e legalista da organização economica, como da fórma parlamentar da luta e organização politicas. Com um milhão de associados nas organizações economicas, com bem providas caixas, com três milhões de eleitores e mais de oitenta deputados socialistas, o proletariado alemão não dá um passo reformistico para fóra da estricta legalidade dum imperio militarista e semi-autocrata.

Não; decididamente com mutualistas e eleitores nada se póde fazer.

Ecos das fazendas

Tiramos ainda de *La Tribuna Española* (n. 212):

«Todos os que vivemos no Brasil sabemos que fazendeiro é sinonimo de escravista, e colono de escravo.

É verdade que, segundo uma lei publicada em 13 de maio de 1889, foi abolida a escravatura em todo o territorio brasileiro, mas não é menos verdade tambem que a escravatura continúa hoje, mais ou menos disfarçada, em todos os Estados desta vasta Republica.

Para o Acre, e sob pretexto de sonhadas conspirações politicas, arrojou o govèrno muitos infelizes que ali foram vendidos em leilão como vil mercadoria, uns por dinheiro, outros, os peores, em troca de generos, porcos e mesmo gallinhas.

... Mas não é preciso ir tão longe para conhecer as bellezas desta nova fórma de escravidão. No Estado de S. Paulo, e a poucas leguas da sua capital, podem ellas ser vistas. Senão ouçam:

No termo de S. Antonio da Cachoeira, existe uma fazenda, propriedade de Isidro Teixeira, a qual tem por administrador um tal Joaquim Porto.

Este vampiro humano faz trabalhar os seus colonos todos os dias, incluindo domingos e dias santificados, dando-lhes 5$000 reis por semana, e não em dinheiro, mas em generos do seu estabelecimento, pelo dôbro do preço que custariam noutro logar.

Este barbaro anda de chicote na mão, fustigando os trabalhadores, como se se tratasse de miseros escravos, e quando se aproxima a colheita apossa-se dos fructos que os colonos plantaram em terrenos para esse fim cedidos; e quem recalcitra é multado em 20$ ou fica com as costellas quebradas.

Um colono espanhol, José Manzano Merelo, perante estes maus tratos, resolveu sair dali com a familia. Quando o patrão o soube, acompanhado do administrador e dum tal Pedro, empregado seu, foi em perseguição de Merelo, decidido a assassiná-lo com a mulher e uma menina de 8 meses.

Merelo, vendo-os vir, escondeu-se na venda dum espanhol e fechou a porta. Os assassinos tentaram arrombá-la. Mas acudindo ao rumor varios vizinhos, foram obrigados a retirar-se sem consumar o crime que planeavam.

Agora exerce o tal Teixeira a sua vingança sobre os infelizes espanhoes que ainda tem trabalhando na sua fazenda. Segundo nos escrevem, rebaixou-lhes o salario, dando-lhes apenas 2$000 por semana, impôi-lhes multas pela coisa mais insignificante, e ameaça-os com os matar a elles e ás familias, se procurarem fugir. Tambem obriga a irem trabalhar no cafezal as mulheres e as crianças, embora estejam doentes.»

Folheando a imprensa

DECLARAÇÃO tipica é a que *O Commercio de S. Paulo* diz ter encontrado no *Jornal do Brasil*, concebida nestes termos:

José Bernardo de Oliveira declara ao público em geral e á policia em particular que, desta data em diante, deixa de ser gatuno, entregando-se á profissão de advogado criminal, e convida as autoridades policiaes a verificarem o seu procedimento, pois a sua resolução é definitiva.

Deixando a profissão, que por largo tempo abraçou, o abaixo assinado previne os seus ex-colegas que os não conhece d'ora àvante.

José Bernardo de Oliveira.

O caso dá materia para uma longa cronica; mas preferimos deixar ao leitor o cuidado de reflectir sobre a regeneração (?) ou mudança de profissão de quem, parecendo que vai defender os seus ex-colegas, revelando as suas dores, as suas miserias, as injustiças de que são victimas, previne-os, pelo contrário, de que não os conhece d'ora àvante... a não ser, naturalmente, para os efeitos dos seus honorarios de defensor, de cavalleiro andante profissional...

*

O correspondente do *Avanti!* em RIO CLARO ficou irritado com o que disse o nosso amigo Jayme Moreira, na reunião a que noutro logar nos referimos, sobre os deputados italianos, aos quaes acha o citado correspondente que se deve atribuir a conversão dos homens do governo daquelle *bel paese*.

O *Avanti!*, envergonhado do atrevimento e da mentalidade do seu correspondente, comenta: Oh! tanto não... mas acha tambem «estranho e censuravel o ataque feito aos deputados socialistas italianos por um cidadão d'aqui que nunca viu a Italia e não lhe conhece os homens politicos nem as condições.»

Bella trovata! Suponhamos que o amigo Moreira está nessas condições de ignorancia — o *Avanti!* parece sabê-lo de fonte segura; — mas os que da Italia, insuspeitos, mandam dizer para aqui coisas do arco da velha do parlamentarismo socialista não podem ser lidos por todos?

Ora ahi está uma nova maneira cómoda de defender e encobrir a ridicula impotencia do parlamentarismo... Quem não é viajado não póde abrir boca.

•

Mais, para a história dos beneficios que os operarios podem tirar das sociedades beneficentes, tão favorecidas pelos patrões, cheios de abnegação...

O *Commercio de S. Paulo* publica este telegramma:

RIO CLARO, 6

Por ordem superior, conforme era dito, correu hoje nas oficinas da Companhia Paulista nesta cidade um livro para que os empregados nelle assinassem. Os empregados da estrada Paulista em Rio Claro são obrigatoriamente socios da sociedade beneficente da mesma via ferrea. A maioria delles recusa-se a apoiar a tal sociedade que beneficio algum lhes presta.

Pedimos o apoio da imprensa perante a directoria da Companhia Paulista em prol dos interesses daquelles operarios.

Redacção d'O Rio Claro

Vejam: os patrões querem fazer a felicidade dos operarios á força. É de... lhes fugir!

Fabulas e parabolas

O BURRO E SEU AMO

Sob o peso do amo, vergava um pobre burro. A carga era pesada e das mais incómodas, porque o sujeito era disses que vivem bem sem muito trabalho: a rotundidade do ventre e a espessura do cachaço explicavam logo o cansaço do pobre bruto.

— Patrão, disse por fim o burro, exhausto, quasi a cair, estou muito cansado. Se fizesse o favor de se pôr um pouco mais para diante, acho que isso me daria alivio.

— Lá por isso não haja questão, disse o amo, fazendo o que lhe pediam.

Momentos depois, estava o nosso burro tão fatigado como antes.

— Esta albarda incomoda-me, disse elle; acho que está mal cilhada. Se quisesse ter a bondade, meu amo, de m'a arranjar melhor, ficava-lhe muito obrigado.

A albarda foi arranjada, mas o burro aliviado é que não.

— Decididamente, disse elle, parece-me que esta albarda não foi feita para o meu lombo.

— Está bom, disse o amo, vamos já mudá-la.

E logo ao primeiro albardeiro que encontrou no caminho comprou a melhor albarda que mãos de homem jamais fabricaram. Puseram-na em cima do burro.

— Esta, disse elle, é que não me ha de quebrar os ossos, posso apostar.

E continuaram a viagem.

Ai! exactamente como antes, em breve o burro ficou todo estafado.

— Meu amo, disse elle, já não posso mais; temos que parar.

— Por nada deste mundo, clamou o amo, porque tenho um negocio importante que tratar. Mas prometo-te, para quando chegarmos, uma ração dobrada de cevada.

O nosso burro continuou, engodado por tão rara promessa, mas a meio caminho sucumbiu.

***

Os homens assim fazem; em vez de mandar para o diabo a albarda e o amo, consolidam ou mudam aquella, dirigem súplicas a este, e arrebentam.

Até quando o farão?

HOMO.

Do Brasil proletario

JAHU

«a Terra livre»

Majestosa, sublime, a aspiração que nos embala, encorajando-nos através das dificuldades, para a conquista de nossos direitos, para a luta que começa por acender em meio da humanidade o facho da razão, cuja luz faz nascer em nossos corações o amor, e termina por nos oferecer em futuro mais ou menos breve, a posse da terra, tornando-a livre, cheia do sol da liberdade, cujas delicias nos felicitarão e cuja perspectiva, entretanto, desde já, nos dá conforto, alentando-nos em meio do elemento social da actualidade, cujo conjunto infecto, cheio da lepra moral que o corroi, está prestes a baquear, ruir por terra, tal o seu estado deploravel, o seu dilaceramento, a sua enorme corrupção.

O homem livre sobre a terra livre, eis o ponto para onde devemos lançar nossas vistas; eis a divisa deste jornal.

Tomemo-la para nós, que tambem nos serve. E que a frase de Goethe, em nossa alma, seja a evocação constante desse direito, pelo qual nós, os operarios, devemos combater.

O nosso ideal é puro e sublime: dá-nos coragem para a luta e anima-nos nas organizações de resistencia e propaganda, baseadas sempre em principios de liberdade e de moral a mais rigorosa.

Por isso, pois, aproveitemos o nosso tempo, a nossa força, porque, se dormirmos no campo onde devemos terçar nossas armas de combate, poderemos, e com razão, ser accusados pelos posteros. A nossa tarefa é ardua e tanto mais se torna necessario o nosso contingente, quanto urge a nossa intervenção para que nessa luta — que é toda nossa, porque respeita ao nosso bem-estar, á nossa felicidade, — não aconteça perecerem, mirrarem as sementes de liberdade, de amor, as quaes, ha seculos já, foram lançadas entre os povos deste planeta, sem ao menos terem merecido o trato que lhes é estrictamente devido.

Cultivemo-las com dedicação e amor, que breve se fará a realização do nosso ideal: a fraternidade humana, o que quer dizer — *O homem livre sobre a terra livre.*

É tempo de pormos de parte os preconceitos antigos e lançarmos um olhar avante, investigando e medindo a vastidão do nosso campo, tendo em nossa alma o ideal libertador, que nos dá vida, fazendo com que não nos conformemos com o circulo estreito, acanhadissimo, de relações sufocantes e corruptoras nem participemos da obra de escravidão.

O nosso dever é ampliar o horizonte de nossos conhecimentos. É tempo disso.

Avancemos, portanto, em busca da nossa liberdade! O tempo que nos sobrar, empreguemo-lo na leitura dos livros e periodicos, cuja orientação perfeita, clara e concisa nos interesse. *A Terra livre* é um dos recomendaveis.

JOÃO PENTEADO.

•

CAMPINAS

A Companhia Paulista procura tornar cada vez mais intoleravel a vida dos seus empregados. Agora atribue um prejuizo que diz ter tido ao trabalho pouco cuidadoso do pessoal, e por isso, em edital, afixado em lugar visivel, ameaça de expulsão o culpado de falta de desembaraço no serviço. Os empregados, lendo isto, assustam-se, precipitam-se, todos correm, e o serviço cai ainda mais atrapalhado; a conferencia faz-se á pressa, e o trabalhador recebe muitas vezes contusões.

Chegado o dia do pagamento, vem uma ladainha de recriminações: — Trabalharam para o bispo! — e outras miserias.

E como póde ser correcto e pagar as suas dividas o empregado que ganha 4$000 reis diarios, com responsabilidades e multas, ou o que ganha 3$000 ou mesmo 2$600? Será isto ordenado com que um operario possa viver sofrivelmente, sem se encher de dividas? Isto quando são cada vez mais caros os generos alimenticios, cujo preço sobe á medida que os salarios baixam!

O salario nem chega para o alimento. Pois como se vai alimentar um infeliz com 2$600 ou 3$000 por dia? A pão e agua! E alimentando-se mal tem ainda que trabalhar ás carreiras durante o dia inteiro! Melhor lhe seria estar na cadeia, se não fosse a familia, porque ao menos não arruinava o corpo de fadiga.

Não é esta uma situação capaz de despertar nos corações o mais profundo rancor e a mais intensa sêde de vingança? Mas se não pudermos pôr-lhe um termo, cairemos no mais negro abatimento, na maior abjecção.

Companheiros, despertai! Coragem! A luta é necessaria, e nós devemos preparar-nos para a victoria.

Campinas, 2 de abril.

A. L. M.

•

RIO CLARO

No dia 25 de março fez-se a excursão dos operarios campineiros a Rio Claro, realizando-se ali uma reunião destinada a lançar as bases duma Liga Operaria. Falou em primeiro logar o companheiro Jayme Moreira, ocupando-se das vantagens da união e do prejuizo religioso e patriotico.

Falou em seguida o *coronel* Ernesto Leão Brasil, a quem a Liga Operaria de Campinas nomeou seu «orador oficial», deixando-lhe tomar um logar que não lhe compete. Mau caminho! Se a Liga de Campinas delega a função de pensar e exprimir as suas ideias num «orador oficial», ainda para mais estranho á sua classe, e não trata de pensar e agir por si mesma, envereda por bem mau caminho! — Em questões de organização economica, o operariado deve prescindir o mais possivel da intervenção de pessoas estranhas, mais ou menos, aos seus interesses de classe, por mais sinceras e desinteressadas que se digam ou realmente sejam.

Como este orador chamasse para esta reunião, como em Jundiahy, a nefasta e aviltante politica parlamentar, a mais estupida burla do seculo, o companheiro Jayme Moreira viu-se forçado a replicar, no mesmo sentido que o camarada Leuenroth em Jundiahy.

Tem ainda a palavra o «orador oficial» dos operarios rio-clarenses, professor Libero Braga, e passa-se á escolha da comissão provisoria da nova Liga Operaria, encerrando-se a sessão depois de terem falado ainda dois operarios, um dos quaes de Jundiahy, João Correia.

O operariado do Rio Claro parece ter dado um passo em frente. Veremos depois as obras da Liga. Mas se, como se diz, ha quem trabalhe ali na formação dum «partido operario» para apresentar candidatos operarios nas eleições municipaes, este passo não terá valido muito.

Á noite realizou-se tambem uma reunião de graficos de Rio Claro, ficando constituida uma liga, filial da de Campinas.

•

JUNDIAHY

No domingo, 1.° de abril, realizou-se a segunda assembleia geral da «Liga Operaria» no local do «Centro O. Internacional».

O companheiro Jayme Moreira, vindo de Campinas, explicou a ordem do dia, passando-se á leitura da acta da sessão anterior, a qual foi aprovada. A revisão dos estatutos foi adiada para nova assembleia, tendo o comp. Pisani mostrado que esses estatutos eram desconhecidos para a maior parte dos socios. Nomeou-se uma comissão revisora, que deverá apresentar na proxima assembleia as emendas que julgar necessarias.

Depois foi escolhido o conselho administrativo, que ficou composto dos activos e sérios companheiros Joaquim de Almeida, tesoureiro, Manuel Pisani, João [illegible] Fortes, João Syntes, Henrique [illegible], Guilherme Hannikel e Flavio Vi[illegible].

Á sessão assistiram cêrca de 300 socios.

O CORRESPONDENTE.

Girando pela cidade

UMA COMPANHIA... MODELO

A *Light & Power* é uma companhia de viação que, além de encher as ruas de perigos de morte com os seus fios aereos fulminadores de transeuntes, serve mal o público pagante, sobretudo a classe pobre, porque as passagens são caras, e imperfeitissima a ligação entre os varios pontos da cidade, não havendo bilhetes de transferencia, nem carros a preço reduzido para os operarios, pelo menos ás horas de começar e de abandonar o trabalho.

Ultimamente, como um diario atacasse a forte companhia, porque nem sequer traz os bondes no horario, ella fingiu atender solicitamente ás reclamações do publico... mandando fiscalizar com mais rigor as partidas e chegadas.

Não importa que os regulamentos sejam vexatorios, os horarios mal organizados, os empregados sobrecarregados de serviço, fatigados e mal pagos, e que por isso nem se possam cumprir exactamente os horarios, nem evitar os desastres ou o mau humor dos empregados.

Não; isso não importa. O público reclama, e, portanto, deve ser satisfeito... á custa dos trabalhadores. A Companhia não terá outra responsabilidade ou outro encargo senão o de pregar mais multas. Quanto a aperfeiçoar o serviço melhorando a condição do pessoal, com mais descanso e mais pão, isso não póde acudir a uma mente unicamente preocupada com o dividendo. A *burra* é de ferro e não tem entranhas.

Isto vem a proposito duma pobre greve feita pelos empregados do armazem da *Light* situado na rua Domingos Paiva, no Braz. Não lhes sendo concedido um aumento do magro salario, fizeram greve; mas a Companhia está bem prevenida, tem batalhões de reserva. Foi rapido e decisivo: grevistas despedidos e substituidos, policia chamada.

Se os empregados da *Light*, sem distinção de oficio, estivessem unidos em sociedade de resistencia, num *sindicato de industria*, esta prepotencia não sería facil. Nenhuma outra classe de trabalhadores poderia, como esta, se estivesse organizada, impor aos patrões condições mais humanas de vida. Mas não ha entre elles solidariedade.

Preferem caír na armadilha patronal duma *Sociedade Beneficente* — á qual a Companhia faz graciosa doação duma parte do que lhes é cerceado nos salarios, para que possam precaver-se contra os males que podem resultar do excesso de trabalho. E ainda por cima, a Companhia obtem de doutores, em pomposos e conselheirescos artigos de jornaes, os mais rasgados elogios.

Os operários têm os olhos fechados?

Registo d'entrada

Livros e folhetos

EL NIÑO Y EL ADOLESCENTE. *Desarrollo normal. Vida libre.* Por Miguel Petit. Publicaciones de la Escuela Moderna, Calle de Bailén, 56, Barcelona. Precio 2 pesetas encuadernado y 1 peseta em rústica.

Este livro, dedicado aos alunos da «Escuela Moderna», não é, como diz o proprio autor, um livro de escola em que se achem notícias, nomes e fórmulas que se aprendam de cór; é uma historia que, por si mesma, é a mais interessante que as crianças possam conhecer, a sua, a da criança, desde o seu nascimento até á idade de homem.

Nem sempre se reconhecerá o infantil leitor, nem o homem poderá ver o reflexo da sua infancia na criança tipica deste livro, porque, mais ditosa que as crianças desta geração, não está submetida á inconsciencia nem ás más intenções das pessoas mais velhas, que da criança querem fazer um ser diferente do que ella é; mas é certo que todos quereriam ser parecidos comella, e fará pena pensar que é impossivel, não só porque não se permite a liberdade de o fazer, mas porque não é costume ter os seus gostos e desejos. E que falta uma coisa essencial: a aprendizagem da liberdade. Quando se perde o costume de ser livre, toda a natureza é falseada.

Neste livro são postos em evidencia todos os erros que por preocupação e rotina se cometem contra a higiene, e expostas com clareza as regras que constituem a aplicação prática da verdadeira sciencia da vida.

***

¡EN GERRA! (Idilio), por Carlos Malato. Publicaciones de la Eescuela Moderna, Barcelona, Calle de Bailén n. 56. Precio: 40 céntimos.

É uma pequena peça aceita pela «Escuela Moderna» no concurso dramatico que ella abriu. Combate a guerra: num lindo recanto de terra japonesa ha uma pequena luta entre os instintos guerreiros e o amor e a liberdade, e estes vencem.

Publicações periodicas

— *Para as crianças*, interessante publicação de contos tradicionaes portugueses, da escritora Anna de Castro Osorio, com ilustrações de Rachel Gameiro e Hebe Gonçalves. Recebemos o n. 73. Endereço: Praça do Bocage 114, Setubal, Portugal.

— *Almanach illustrado* das familias catolicas brasileiras para 1906, da Escola Salesiana, de Nitheroy.

— *L'Ordre*, quinzenario socialista-anarquico de Limoges (França), 21, rue du Temple. Excelente colaboração.

— *L'Ordre Naturel*, orgam naturista libertario — 14 rue Jean-Robert, Paris.

— *Democracia do Sul*, semanario republicano de Montemór-o-Novo, Portugal.

Dentro das associações

União dos Trabalhadores Graficos

No dia 25 de março, esta sociedade decidiu enviar d'aqui, como delegado ao Congresso Operario, o comp. Eduardo Vassimon.

Foi tambem decidida em principio a adesão ao Secretariado Tipografico Internacional, sendo nomeada uma comissão de 3 membros para esse fim.

Resolveu-se ainda a adesão á Federação Operaria de S. Paulo; mas no dia 8 voltou-se á discussão deste assunto, sendo então confirmada a primeira decisão e nomeados os 3 delegados, que são os comp. Del Frate, Paulo Cruz e E. Vassimon.

A sociedade acha-se empenhada na greve da casa Duprat, motivada pelo licenciamento injustificado de 6 operarios. A solidariedade é perfeita, se não contarmos alguns chefes intrigantes e poucas crianças. A policia tentou fazer das suas, apesar de ser a greve bem pacifica.

A União tem publicado varios manifestos como suplementos ao seu orgam, e dado um salutar exemplo de boa organização.

El Hombre y la Tierra

Esta grandiosa obra de Reclus tem uma edição espanhola monumental. A tradução é devida á penna do conhecido e integro revolucionario Anselmo Lorenzo, sob a revisão de Odón de Buen.

EL HOMBRE Y LA TIERRA divide-se em quatro partes — *Os primitivos, História Antiga, História Moderna, História Contemporanea,* — e formará 4 tomos de regulares dimensões, com cérca de mil gravuras.

Publicar-se-á semanalmente em fasciculos de 24 páginas, por 50 CENTIMOS DE PESETA.

Os pedidos podem ser feitos directamente ao administrador ALBERTO MARTÍN — Apartado de Correos 266 — Barcelona; ou por intermedio desta redação, ao preço de 300 reis cada fascículo.

OPERARIOS! lêde o interessante livro de ELISEU RECLUS

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista

Volume de 152 páginas pelo preço de 1$000

OS COMPANHEIROS que, para propaganda, desejarem adquirir um numero regular de exemplares, serão um abatimento razoavel: 10 ex. 10 %; 20, 20 %; 30, 30 %; 40, 40 %; 50 ou mais, 50 por cento. Apenas esgotado este livro, emprehenderemos a publicação de outro.

Notas e informações

Acaba de se constituir em Paris um grupo, cuja missão é traduzir em esperanto, a já bem conhecida lingua universal, brochuras antimilitaristas e antipatrioticas. O grupo faz apello aos camaradas de todos os paises. O primeiro folheto editado será *O Manual do Soldado*, que tanto ruido fez.

Correspondencia ao camarada Louis — 45, rue de Saintonge, Paris (3.º).

-+-+-

Sob o título de *L'Entr'aide*, acaba de ser editado em francês o notavel trabalho de Kropotkine sobre o auxilio mutuo como factor da evolução, já publicado em inglês.

O preço da edição francesa é de 3 fr. 50.

-+-+-

No Porto, constituiu-se uma secção da Liga Internacional da Regeneração Humana, para a propaganda da procriação consciente e voluntaria e limitação de nascimentos.

Este grupo vai publicar em português um folheto de Luís Bulffi, *Greve dos ventres* (Meios práticos para evitar as familias numerosas).

Escrever ao camarada Amadeu Cardoso da Silva, rua Trás da Sé, 8 c, Porto (Portugal).

Leiam:

NOVO RUMO
Periodico socialista-anarquico.
Endereço: Rua do Hospicio, 210 (1.º andar) Rio de Janeiro.

LA BATTAGLIA
Periodico settimanale anarchico.
Anno, 10$000; semestre, 5$000; trimestre, 3$000.
La corrispondenza amministrativa dev'essere diretta a Tebaldo Soderi, rua do Lavapés, 279, S. Paulo.

L'UNIVERSITÁ POPOLARE
Rivista quindicinale diretta dall'avv. Luigi Molinari
Via Tito Speri, 13 — Mantova, Italia.
Anno, 5$000; semestre, 2$500. (Nesta redacção)
(Manda-se um número especime).

IL PENSIERO
Rivista quindinale di sociologia, arte e letteratura.
(Propaganda socialista-anarchica)
Redattori: P. Gori, L. Fabbri e L. Merlino.
Anno, 5$500; semestre, 3$000 (Nesta redacção).

LES TEMPS NOUVEAUX
Ex-journal «La Révolte»
Paraissant tous les samedis
avec un supplément littéraire illustré
4, rue Broca — Paris, V
Anno, 6$000; semestre, 3$000. (Nesta redacção).
(Manda-se um número especime)

RÉGÉNÉRATION
Organe de la Ligue de la Régénération Humaine
Fondée par Paul Robin.
Procréation consciente et limitée
27, rue de la Duée — Paris, XX
Anno (12 numeros), 1$500 (nesta redacção)

PROPAGANDA POPULAR

Os camaradas que desejarem distribuir gratuitamente o folheto «Porque Somos Anarquistas», podem obter nesta redacção 1 pacote de 50 exemplares por 500 reis. Todos os pedidos, até total esgotamento da edição, serão satisfeitos, embora não acompanhados da respectiva importancia.

CAIXA DO CORREIO

A todos que nos escrevem fazemos notar que a grande demora das respostas é devida á não menos grande falta de vagar. Somos poucos para muito trabalho.

Lisboa. — *H. M.* Foram folhetos. Temos recebido folhetos e está tudo bem. — *D. S.* Idem. Foram 80 e irão mais.

Coimbra. — *C. Lima.* Mas será muito dificil satisfazer o teu pedido. Prometer é facil mas não cumprir. Entretanto, se déses o exemplo, começando d'ai...

Porto. — *Amadeu.* Apenas editado o folheto *A greve dos ventres*, não poderias mandar alguns exemplares, que poriamos á venda na Biblioteca da «Terra livre»? O pedido directo para ai é dificil, e o anunciando produz efeito. Todos se dirigirão a nós, e temos que lhes dizer que esperem.

Santos. — *M. Gonzalez.* Recebidos 15$ á última hora: a lista, no proximo n. Saude.

Porto Alegre. — *P. S.* Recebidos 12$, como acima. Não sabemos explicar a demora do n. 5. Se o facto se repetir, registraremos os pacotes. Irão os 40. Saudações.

Ribeirão Preto. — *F. Nicolau.* Recebidos 2$. Vão o livro de Ferr e os folhetos. Saudação.

BIBLIOTECA DA «TERRA LIVRE»

Em lingua portuguesa:

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista, Eliseu Reclus	1$000
Porque somos anarquistas? S. Merlino	$100
Livre exame, Paraf-Javal	$100
Carta escrita a Pio Setimo, Talleyrand	$400
A peste religiosa, J. Most	$200

Em lingua espanhola:

El Estado, su papel historico, Kropotkine	$300
Cantos augurales, Armand Vasseur	1$000
Alma Social (dialogo), Miguel Rey	$600

Em lingua italiana:

Il Socialismo e Mazzini, Bacunine	$400
L'anarchia, Malatesta	$200
Deismo e materialismo, O. Ristori	$100
La Giustizia Penale, Enrico Ferri	1$500

Em lingua francesa:

Almanach de la Révolution (1906)	$300

Munições para o periodico

SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA

Saldo anterior	14$000
Lista de Palacios (Rio): E. Malbar, 1. E. Migches, 1. F. Fernandes, 1. P. Petrucci, 5. Palacios, 5.	13$000
Latuada (Porto-Alegre)	$500
Lista de Magrassi (Rio): Corral, 1. Rodrigues, 2. Olivers, 1. Jordão, 1.	6$000
Lista de J. R. Fernandes (Ipiranga): J. R. Fernandes, V. Garriga, C. Reina, J. M. Nasser, C. Reina, 1 cada um	5$000
R. Fernandes (Santa Olivia)	1$000
Lista de Garcia: C. Scella, 1. A. Alves, 1. J. Dadio, 500. F. d'O. Gomes, 1. J. Carrara, 1. M. Garcia, 2.	6$500
De Curitiba: Guimarães e Vianna	3$000
Do Salto: M. da Silva, J. dos Santos, A. Quinarelle, C. Fonseca, J. Pereira, 1.000 cada; Benedicto, F. J. C., J. Oliveira, M. Santos, J. C. Nobre, L. Casarotto, A. D., A. Machado, F. Aldred, M. Santos, B. Castellani, G. R., 500 cada	11$000
Do Rio: M. Domingues de Almeida	4$000
De Sorocaba: enviado por Escaño	20$000
Lista de J. A. Marques (Campinas): J. A. Marques, J. Belarmino, E. H., S. Lanzane, A. A. Ferreira, Anonimo, Sant'Anna, 500 cada	3$500
Lista de F. Rios (Campinas): F. Navarro, 2. A. Bastos, 2.	4$000
De Belém (Pará): Arthur E. Alves, 10. David P. Alves, 10.	20$000
Lista de Magrans (Rio): U. Progresso, 1. Olivers, 1. J. R., 1. Magrans, 3.	7$000
Lista de A. Mazza (Ponta Grossa): A. Mazza, 2. L. Cavagnari, 2. F. Gottardello, 2. E. Gambazzi, 2. D. Manzani, 2. Angelina Cavagnari, 1. Um homem livre, 1. Um companheiro, 2. Um Gaiteiro Sem Patria, 1. Um compadre da erva mate, 1. V. Tavernaro, 1.	17$000
Lista de Batini (Agua Branca): P. Ricci, 1.700. C. Rossetti, 1. O. Ferri, 1. Na conferencia de Piccarolo, 2.700. Batini, 5.	11$400
Lista do Centro dos Operarios Livres, de Taubaté: Um anarquista, J. Fava Netto, Um revolucionario, R. de Godoy, J. Hilario Cassiano, J. A. de Toledo, Um operario, J. Hermenegildo, Antonio Ruiz, M. Pomar, R. Braz, José Alencar, A. Pires de Oliveira, J. A. de Oliveira, 500 cada um. C. Valverde, 1. Caixa do C. O. L., 2.	10$000
Lista de E. Nervo: Elvio, 1. G. Angrimani, 1. Giorgis, 500. Dias Pereira, 1. F. Fiume, 1. José, 500	5$000
De Santos: Recolhido na Cadeia e enviado por A. S. Rebello	12$000
Lista do Nilo (Santos): V. da Cunha, 3. Nilo, 2. A. Teixeira, 1.	6$000
Lista da Redacção: L. Lorenzi, 2. A. Martins, 500. L. 500. Czerkiewicz, 1. C. C., 600. Batini, 5. Nathan e comp. 540. F. A., 1. Pereira, 2. Bolas, 2. A. G., 5. J. P. d'Oliveira, 2 Ramón, 1. T. Zagato, 2. J. W., 2. Abreu, 1. P. G., 500	28$640

ASSINATURAS

Annuaes. — J. I. do B. (Santos)	4$000
Semestraes. — J. R. (Lista de Rios, Campinas). — Do Rio (Lista Magrans). G. G., J. I. — De S. Paulo: J. C. d'A., C. S. — De Santos: J. P. d'O.	12$000
Trimestraes. — De S. Paulo: L. R., J. G. B., C. F., E. V. De Campinas (lista Rios): J. P., A. M.	6$000
Total	235$340

SAÍDAS (n.os 6 e 7)

Tipografia	100$000
Impressão e papel	60$000
Correio e barbante	18$340
Somma	178$340
Entradas	235$340
Saldo	57$000